



**UNIVERSIDADE FEDERAL
DE MATO GROSSO DO SUL**

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL
CAMPUS DE TRÊS LAGOAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA

LARISSA DOS SANTOS CAMPOS

**VIDA DE ESTUDANTE: um estudo sobre as microterritorialidades dos
estudantes da UFMS em Três Lagoas - MS**

TRÊS LAGOAS, MS

2021

LARISSA DOS SANTOS CAMPOS

**VIDA DE ESTUDANTE: um estudo sobre as microterritorialidades dos
estudantes da UFMS/CPTL em Três Lagoas - MS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Geografia do Campus de Três Lagoas da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, sob a orientação da Profa Dra Patrícia Helena Milani.

TRÊS LAGOAS, MS

2021

FOLHA DE APROVAÇÃO

LARISSA DOS SANTOS CAMPOS

VIDA DE ESTUDANTE: um estudo sobre a produção de microterritorialidades dos estudantes da UFMS/CPTL Três Lagoas - MS

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Geografia do Campus de Três Lagoas da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, sob a orientação da Profa Dra Patrícia Helena Milani

Resultado: APROVADA

Três Lagoas, MS, 14 de julho de 2021

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Patrícia Helena Milani

UFMS/CPTL

Profa. Dra. Rafaela Fabiana Ribeiro Delcol

UFMS/CPTL

Prof. Dr. Élvis Christian Madureira Ramos

UFMS/CPAN

*D*edico este trabalho a meus pais, Maria Eliane e João (in memoriam) e amigos que nunca me deixaram desistir de perseguir meus sonhos.

AGRADECIMENTOS

À Deus, que mesmo perante minhas dúvidas, prosseguiu ao meu lado ao me dar forças para seguir em mais uma etapa de minha trajetória acadêmica e por me fornecer suporte através de pessoas maravilhosas com quem pude conviver durante meus anos na universidade.

Ao meu pai João (in memoriam), por me apoiar e sempre me incentivar a continuar meus estudos. Que eu continue a te orgulhar de onde quer que esteja.

À minha orientadora, Profa. Dra. Patrícia Helena Milani, pela compreensão, paciência e apoio durante os momentos mais difíceis. Obrigada por estar junto a mim durante meu caminhar na pesquisa e me mostrar que é possível fazer uma Geografia mais “humana”. Você sempre será uma pessoa muito importante para mim e a quem eu sempre ficarei grata pelo carinho.

Aos professores do Programa de Pós-Graduação em Geografia da UFMS/CPTL, pela contribuição ao longo de minha formação enquanto acadêmica e enquanto pessoa.

Às amigas que a UFMS me presenteou: Luana, Amanda e Jéssica, as quais compartilhei todos os momentos no meu caminho desde então. Obrigada pelo apoio incondicional, as trocas de afeto e compreensão, e sempre me lembrar de ter força e coragem para persistir diante quaisquer adversidades. Todo meu amor e carinho.

Aos amigos Victor, Alessandra, Erivelton e Bruno. Obrigada pelas conversas, amizades e apoio durante todos os momentos.

Sem esquecer daquelas que também me foram “presenteadas” na trajetória da vida universitária e com quem dividi apartamento: Heloisa, Hellen e Amanda Baratelli. Obrigada pela convivência, amizade e as conversas que sempre nos deram alegria, força e ânimo.

Aos estudantes da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campus de Três Lagoas que participaram desta pesquisa, direta ou indiretamente. Obrigada pelo incentivo para vivenciar esta pesquisa e buscar compreender, através da Geografia, como esse momento tão importante em nossas vidas também reflete diariamente na cidade.

Ao Vitor Moreira, pelo auxílio durante a coleta de dados da pesquisa. Sua ajuda foi primordial na fase final da investigação.

Ao Prof. Dr. Jodenir Calixto, pelas considerações na banca de qualificação que contribuíram muito para o prosseguimento da pesquisa.

Aos membros da banca, Profa. Dra. Rafaela Ribeiro Delcol e Prof. Dr. Élviz Christian Madureira Ramos, por aceitarem participar deste momento e pelas futuras contribuições para a pesquisa.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Capes, pelo apoio financeiro durante a realização desta pesquisa e a Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, pelo aporte durante toda minha formação acadêmica.

E para as profissionais que me apoiaram do outro lado da pesquisa, Dra. Cláudia e Dra. Natasha, por me ajudarem a me manter firme e enxergar um outro lado de mim, capaz de chegar até aqui.

Muito Obrigada!

RESUMO

O trabalho foi desenvolvido no âmbito de uma pesquisa de mestrado em Geografia do Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campus de Três Lagoas e vincula-se ao Laboratório de Estudos Urbanos e do Território – LETUR/UFMS. Tivemos como objetivo central, analisar o papel dos estudantes da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, que residem na cidade de Três Lagoas na produção de microterritórios, por meio da apreensão e análises de suas práticas espaciais cotidianas. Do ponto de vista metodológico nos pautamos principalmente por instrumentos da metodologia qualitativa. Realizamos entrevistas com roteiros semiestruturados com estudantes de modo presencial em uma primeira etapa e de modo remoto no período da Pandemia de COVID 19. Combinado às entrevistas a realizamos observações em campo no decorrer da pesquisa, registradas em uma caderneta de campo. Do ponto de vista quantitativo, fizemos um levantamento de dados e informações sobre os cursos de graduação e pós-graduação da UFMS e sobre os estudantes junto a secretaria acadêmica. Por meio das análises das práticas espaciais dos estudantes ligadas ao estudar, habitar, consumir e ao lazer (imbricadas na realidade vivida) verificamos as estratégias delineadas no cotidiano universitário para a produção das microterritorialidades na cidade guiadas pela identidade constituída entre os estudantes; a universidade se constitui como um ponto de partida para a realização da vida destes sujeitos sociais na cidade. Alguns problemas ligados à infraestrutura urbana foram evidenciados, sobretudo dificuldades de mobilidade na cidade (quando há a dependência do transporte coletivo), a estratégia de “driblar” isso é o fortalecimento das atividades em grupos entre os estudantes em lugares específicos, o que gera e fortalece algumas microterritorialidades em bares, repúblicas e espaços dentro da própria universidade que se conformam pelos estudantes e que são permeados de significados próprios.

Palavras-chave: Estudantes Universitários; Práticas Espaciais; Microterritorialidades; UFMS; Três Lagoas-MS.

ABSTRACT

The work was developed as part of a master's research in Geography of the Postgraduate Program of the Federal University of Mato Grosso do Sul, Três Lagoas Campus and is linked to the Laboratory of Urban and Territory Studies - LETUR/UFMS. Our central objective was to analyze the role of students from the Federal University of Mato Grosso do Sul who live in the city of Três Lagoas in the production of micro-territories, through the apprehension and analysis of their daily spatial practices. From the methodological point of view, we followed mainly qualitative methodology instruments. We conducted interviews with semi-structured scripts with students face-to-face in the first stage and remotely during the period of the COVID 19 Pandemic. Combined with the interviews, field observations were made during the research, recorded in a field notebook. From the quantitative point of view, we gathered data and information about the post-graduate and graduate courses at UFMS and about the students in the academic department. Through the analysis of the students' spatial practices related to studying, living, consuming, and leisure (they are imbricated in the reality lived) we verified the strategies outlined in the university daily life for the production of micro-territorialities in the city guided by the identity constituted among the students; the university is constituted as a starting point for the realization of the life of these social subjects in the city. Some problems related to urban infrastructure were evidenced, especially mobility difficulties in the city (when there is dependence on public transportation), the strategy to "get around" this is the strengthening of group activities among students in specific places, which generates and strengthens some micro-territorialities in bars, dorms and spaces within the university itself that are shaped by students and are permeated with their meanings.

Key-words: University Students; Spatial Practices; Micro-Territorialities; UFMS; Três Lagoas-MS.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Mapa de localização da moradia dos estudantes entrevistados.....	41
Figura 2 – Mapa de localização do município de Três Lagoas.....	43
Figura 3 – Loja Havan, Shopping Três Lagoas e Atacadão.....	46
Figura 4 – Fluxo diário em 2018 de estudantes para a Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campus de Três Lagoas.....	48
Figura 5 – Oferta de cursos de nível superior presenciais e à distância em Mato Grosso do Sul.....	50
Figura 6 – Instituições Públicas e Privadas em Mato Grosso do Sul	51
Figura 7 – Mapa de localização dos Campi da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, em Três Lagoas – MS.....	54
Figura 8 – Alcance da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul de acordo com as cidades de origem de seus estudantes (2019)	61
Figura 9 – Show de Verão UFMS.....	80
Figura 10 – Conjuntos de produtos dos cursos da UFMS oferecidos aos alunos.....	82
Figura 11 – Estudantes do curso de Medicina UFMS/CPTL em uma festa promovida por alunos do curso.....	83
Figura 12 – Calouros de Direito na festa de recepção aos calouros de Direito UFMS/CPTL “Hell Primário.....	83
Figura 13 – Calouro de Engenharia de Produção usando o “capacete de engenheiro” em festa.....	84
Figura 14 – Mascote da Atlético de Direito da UFMS/CPTL.....	87
Figura 15 – Mapa de representação de alguns espaços frequentados pelos estudantes em Três Lagoas - MS.....	89
Figura 16 – Folders de informações da festa Capivara Sunset 2.....	90
Figura 17 – Uma quinta-feira à noite no Bar do Gordinho e Point Mineiro.....	92
Figura 18 – Prints da movimentação nas redes sociais sobre o Bar do Gordinho.....	93
Figura 19 – Movimentação no Bar do Gordinho e Point Mineiro no início das aulas em Fevereiro de 2020.....	95
Figura 20 – O novo “quintou” no Bar do Gordinho no segundo semestre de 2020.....	95

Figura 21 – Mapa de espacialização da moradia dos estudantes do CPTL residentes em Três Lagoas – MS (2019)	100
Figura 22 – Rota Centro x UFMS (Linha Vila Piloto)	101
Figura 23 – Ciclofaixa da Av. Ranunpho Marques Leal sentido UFMS Campus II - Centro.....	104
Figura 24 – Ciclofaixa da Av.Cap.Olinto Mancini sentido Centro – UFMS Campus II.....	104

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Entrevistas realizadas.....	39
Quadro 2 – Trabalho de campo e observações.....	40
Quadro 3 – Cidades de origem dos estudantes do CPTL (2019)	57

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Relação de cursos ofertados pela UFMS/CPTL em 2020.....	55
Tabela 2 – Relação de cursos de Pós-Graduação stricto sensu ofertados pela UFMS/CPTL em 2020.....	56
Tabela 3 – Meios de Transporte utilizados pelos estudantes do CPTL (2019)	98

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Quantidade de Estudantes Matriculados (2019) por Estado.....	59
--	----

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

- AGB – Associação dos Geógrafos Brasileiros
- AVA – Ambiente Virtual de Aprendizagem
- CAPES – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
- COVID-19 – *Coronavirus Disease* (Doença por Coronavírus) 2019
- CPTL – Campus de Três Lagoas
- CPAN – Campus do Pantanal
- DIAMI – Diretoria de Avaliação Institucional
- EAD – Ensino a Distância
- ENEM – Exame Nacional do Ensino Médio
- IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
- IES – Instituição de Ensino Superior
- IFMS – Instituto Federal de Mato Grosso do Sul
- LETUR – Laboratório de Estudos Urbanos e do Território
- MS – Mato Grosso do Sul
- PET – Programa de Educação Tutorial
- PDU – Plano de Desenvolvimento da Unidade
- SISCAD – Sistema de Controle Acadêmico e Docente
- SiSU – Sistema de Seleção Unificada
- SP – São Paulo
- UEMT – Universidade Estadual de Mato Grosso
- UFMS – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
- UNESCO – Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	14
1. O PROCESSO DE CONSTRUÇÃO DO OBJETO DE PESQUISA E OS CAMINHOS METODOLÓGICOS	17
1.1 A CONSTRUÇÃO DA METODOLOGIA DE PESQUISA	20
2. TRÊS LAGOAS E A UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL	43
3. AS PRÁTICAS ESPACIAIS DOS ESTUDANTES E AS MICROTERRITORIALIDADES	63
3.1 TERRITORIALIDADES E AS MULTITERRITORIALIDADES	67
3.2 COMO VIVO A CIDADE?	71
CONSIDERAÇÕES FINAIS	111
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	113
ANEXOS	118

INTRODUÇÃO

Apresentando-se atualmente como um lugar característico de gestão, decisões e articulações territoriais que comandam a divisão social do trabalho, a cidade é o *locus* do processo de urbanização, uma vez que consiste em forma e conteúdo. A produção do espaço urbano é orientada pelos interesses e atuações dos agentes produtores do espaço, definidos por Corrêa (1989) como sendo os: proprietários dos meios de produção, os proprietários fundiários, os promotores imobiliários, o Estado e os grupos sociais excluídos, o quais engendram ações complexas, de acordo com a dinâmica capitalista, o que leva a um constante processo de reorganização urbana e da cidade.

Nesse sentido, guiado pelos interesses dos agentes, Corrêa (1989) caracteriza o espaço urbano da cidade capitalista como fragmentado e articulado, produto e produtor, que se manifesta pelo modo de vida das sociedades, desigual pela mutabilidade cada vez mais rápida, mudanças ligadas sobretudo às atividades econômicas, a cidade é também o lugar de reprodução de diversas classes sociais, que vivem e se reproduzem, levando em consideração, nesse âmbito, os conflitos de classes.

No âmbito do processo de produção do espaço urbano, desdobramos a proposta de Corrêa (1989) e compreendemos que os sujeitos sociais, os grupos sociais por meio de suas vidas cotidianas são também produtores do espaço, por suas apropriações, e diferentes formas de criarem as microterritorialidades, o que está ligado a ordem econômica, mas a ultrapassa e envolve questões ligadas à identidade dos grupos, ciclos e estilo de vida.

Com esta compreensão, a partir do nosso trabalho de monografia, Campos (2018), no que condiz à investigação sobre os critérios de atração dos estudantes pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campus de Três Lagoas, temos como proposta analisar o papel desempenhado pelos estudantes da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul na produção de microterritorialidades em Três Lagoas a partir de suas práticas espaciais cotidianas.

Na busca em analisar as maneiras como esses estudantes integram o processo de produção das microterritorialidades em Três Lagoas, por meio da apreensão e análises de suas práticas espaciais cotidianas, enunciaremos os objetivos específicos que nos guiaram durante a pesquisa: a) compreender as relações sociais e espaciais

entre os estudantes e a cidade; b) identificar a situação de permanência dos estudantes advindos de outras cidades e como ocorre a produção de microterritorialidades em Três Lagoas; c) identificar os impactos/rebatimentos da permanência desses estudantes durante os anos de estudos na produção do espaço urbano de Três Lagoas.

Diante das indagações geradas dentro da pesquisa, estruturamos o trabalho em 3 Seções. A primeira consiste na apresentação da construção do objeto de pesquisa e dos percursos metodológicos para a geração de informações por meio da metodologia qualitativa, em que nos propusemos a nos expressarmos de forma mais pessoal ao relacionar a trajetória da pesquisa com um olhar de dentro - ou seja, pelo olhar de pesquisadora que também é sujeito do processo que estudamos e isso favoreceu os procedimentos metodológicos centrais da pesquisa: observação participante e entrevistas com estudantes universitários da UFMS que passam a residir em Três Lagoas.

Destacamos que durante os processos metodológicos e trabalhos de campo, basilares para o desenvolvimento deste pesquisa, sucedeu-se a Pandemia de COVID-19 que no ano de 2020, a partir do mês de março inviabilizou alguns trabalhos de campo, como também o processo analisado deixou de existir – a apropriação da cidade pelos estudantes, sobretudo em espaços de uso público, pela necessidade de isolamento social e espacial, aos quais precisamos adaptar e buscar outros meios para o desenvolvimento do trabalho; assim algumas fragilidades estão presentes no percurso desta pesquisa.

Na Seção 2, a partir da perspectiva pautada por Lefebvre (2004) e Carlos (2007), na compreensão do espaço urbano como condição, meio e produto da reprodução social no cotidiano, analisamos a produção do espaço urbano na cidade de Três Lagoas, sobretudo, dada sua influência na rede urbana como polo educacional, o contexto que se insere a Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, ponto de partida das relações sociais estabelecidas pelos estudantes que se instalam na referida cidade.

Por fim, na Seção 3 é mediada a investigação das práticas cotidianas dos estudantes em Três Lagoas e como eles atuam na produção de microterritorialidades. Nos aproximamos das noções de território e microterritorialidades, para a compreensão das relações de poder e território, sendo este o processo de domínio e apropriação do espaço também nas microescalas. Na busca pela compreensão da

apropriação cultural, percebemos a possibilidade de entender o território para além da perspectiva tradicional da dominação do Estado: o estabelecimento de relações de poder a partir da territorialidade do espaço social, consideramos alguns desdobramentos sobre questões acerca das territorialidades e das multiterritorialidades pertinentes, temas que julgamos importantes para o debate do estudo dos sujeitos sociais e da organização das cidades no âmbito do estudar, habitar, consumir e práticas de lazer.

A partir dessas análises, identificamos a importância da corporeidade dos sujeitos no espaço como ponto de partida para a relação e criação de identidade destes estudantes em alguns espaços da cidade, de uso público – como a própria universidade, bares e outros locais tratados nesta Seção. Buscamos articular as entrevistas e as informações geradas pelas observações participantes com os conteúdos já discutidos durante a pesquisa, de forma a evidenciar os vínculos entre os sujeitos e a cidade.

1. O PROCESSO DE CONSTRUÇÃO DO OBJETO DE PESQUISA E OS CAMINHOS METODOLÓGICOS

Uma das primeiras tarefas do pesquisador após construir o seu objeto de pesquisa é procurar definir caminhos metodológicos dos quais ele possa trilhar para desenvolver seu trabalho. Construir um objeto de pesquisa não é tão simples e trata-se também de um processo de reconhecimento, ou seja, reconhecer-se como pesquisador mediante o próprio fazer investigativo. Como aponta Santos (1999) muitas vezes procedemos como objetos daqueles que pesquisamos, tornando-nos ao mesmo tempo sujeito-objeto da pesquisa. Uma relação imbricada, mas que merece cuidado ao identificar nos sujeitos sociais as relações em suas vivências cotidianas.

Neste sentido, proponho me expressar durante esta seção, ao compreender que a história do tema da pesquisa não está distante da minha história, enquanto pesquisadora, nesse sentido escreverei essa seção do trabalho em primeira pessoa.

O interesse em compreender o papel dos estudantes da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS), campus de Três Lagoas, no processo de territorialização e urbanização nesta cidade, através de suas práticas espaciais cotidianas, não surge pelo acaso. Tudo se iniciou, de certa forma, a partir do momento em que eu começo dialogar com a prática e a teoria: as relações cotidianas dos estudantes com a Geografia Urbana, mais precisamente com as redes urbanas, em um primeiro momento.

Neste primeiro momento, pesquisei as relações cotidianas que buscava entender quem eram aqueles estudantes, que como eu, eram oriundos de outras cidades (sobretudo cidades localizadas no oeste do Estado de São Paulo) e escolheram a UFMS, campus de Três Lagoas como instituição de Ensino Superior. Já tinha como pressuposto a influência da cidade como polo de atração, no que condiz as relações econômicas e de trabalho, mas não tinha me ocupado em imaginar a cidade como polo de concentração no que se refere à oferta da educação e, principalmente, a atração de pessoas gerada pela UFMS.

No fluxo diário entre Andradina, cidade em que morava durante o período da minha graduação, e Três Lagoas – cidade em que estudo, observei as relações que eram traçadas dentro dos ônibus durante o trajeto até a Universidade. Laços de interação eram criados em um período de, aproximadamente, uma hora, tornando o ônibus um lugar comum. Lugar de construção de amizades, discussões, conversas

triviais sobre vida, família, trabalho, o que estava acontecendo durante certa aula, a festa que aconteceu na última semana, enfim, observei que nesses trajetos ocorriam relações sociais, o conteúdo dessas redes diárias.

Por meio do vivido socioespacialmente, em 2018 desenvolvi minha monografia¹ na busca em analisar as relações exercidas entre os estudantes e a UFMS, para compreender os conteúdos sociais da rede urbana delineada cotidianamente. Após levantamentos referentes a cidade de Três Lagoas – do ponto de vista territorial, como município localizado na Mesorregião Leste de Mato Grosso do Sul e situado no limite estadual entre Mato Grosso do Sul e São Paulo, o que me mostrou ser uma das justificativas pela atração significativa de alunos do segundo Estado para UFMS. Ou seja, o espaço, do ponto de vista da localização também exerce influências nas escolhas dos estudantes.

Com base em levantamentos e discussões teóricas, foi possível constatar que a partir do contexto que a cidade exerce na região em que se insere, são produzidos fluxos que resultam em diversas formas de redes geográficas. Como o foco era os estudantes, a partir de suas relações com a universidade, me despertou o interesse em compreender qual era o nível de dependência, articulação e condição que os levavam a delinear essa rede e como os estudantes contribuem para a configuração territorial da rede, bem como os conteúdos na e da rede produzidos nos períodos de deslocamento, entre as cidades de origem e Três Lagoas.

A escolha por fazer esse tipo de pesquisa se fez necessária frente as análises que me eram requisitadas: a produção de informações a partir da análise das práticas espaciais cotidianas traçadas pelos estudantes e que dariam conteúdo a rede urbana. Por meio das entrevistas e observações participantes realizadas com estudantes da UFMS que realizavam o movimento pendular (o ir e vir diário) verificamos que muitos se fixavam na cidade, a partir disso surgiram questões sobre os critérios de escolha e atração dos estudantes por esta Universidade e nas questões relacionadas a fixação desses estudantes na cidade.

Foi uma questão que não me aprofundei naquele momento (da pesquisa de monografia), mas é o que me fez indagar no meu anteprojeto de pesquisa de mestrado

¹ Pesquisa intitulada “A relação entre os estudantes da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul e a configuração da Rede Urbana de Três Lagoas-MS”, desenvolvida no âmbito do Curso de Graduação em Geografia – Licenciatura, da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, campus de Três Lagoas e vinculada ao Grupo de Pesquisa “Espaço Urbano e Produção do Território”, ligado ao Laboratório de Estudos Urbanos e do Território – LETUR/UFMS.

e o que me proponho, portanto, desenvolver e discutir neste momento: a atuação na produção de territorialidades no espaço urbano de Três Lagoas pelos estudantes da UFMS a partir de suas práticas espaciais cotidianas, nas dimensões empíricas do estudo, lazer, consumo e moradia.

Isso se deve principalmente a questões levantadas pelos próprios sujeitos pesquisados (com as entrevistas), durante a pesquisa de 2018, como a organização do espaço urbano de Três Lagoas, sobretudo do ponto de vista da infraestrutura urbana², a questão do custo de vida – aluguel, alimentação e transporte. Aspectos que influenciaram na identificação ou não desses estudantes com a cidade.

Já naquele primeiro momento, comecei a me reconhecer enquanto estudante universitária e pesquisadora (estudante – sujeito do processo). Ao ingressar no Programa de Pós-Graduação em Geografia (2019) e obter uma bolsa de estudos (CAPES), abriu-se a possibilidade de me dedicar mais a pesquisa, me tornei o outro estudante – sujeito: aquele estudante que vem residir na cidade de Três Lagoas por conta dos estudos combinado a impossibilidade de ir e vir todos os dias.

A partir das constatações que obtivemos no âmbito da pesquisa de Monografia, os questionamentos se desdobraram em um processo de observação constante da realidade em movimento. As novas observações se pautaram no sentido de compreender as territorialidades que os estudantes da UFMS produzem no espaço urbano de Três Lagoas, agora o foco não é mais naqueles que viajam todos os dias, mas naqueles que optaram por residir na cidade, justamente em um momento em que eu, enquanto estudante passei a morar na cidade e vivenciar o espaço urbano da cidade não apenas de forma cíclica, mas de maneira integral.

A partir dos questionamentos elaborados no projeto de pesquisa (nossos objetivos), vimos a necessidade de trilhar o caminho da metodologia qualitativa na geografia, pois queremos, de modo geral³, compreender as vivências socioespaciais dos estudantes (nossos sujeitos sociais pesquisados), e isso envolve acima de tudo dar vozes a eles, como discutiremos adiante.

Como entendo o espaço urbano como produto e produtor da reprodução das relações sociais, cabe a investigação sobre as diferentes formas de uso, apropriação e produção desses espaços e como, nesse processo dialético, o espaço urbano constituído condiciona as práticas dos estudantes pesquisados. Para a reprodução de

² Transporte coletivo, pavimentação e iluminação das ruas, arborização, etc.

³ Os objetivos de pesquisa especificados foram apresentados na Introdução desta dissertação

seu modo de vida, os sujeitos são condicionados por aportes dos espaços em que vivem. Sendo assim, criam territorialidades no espaço urbano ao se apropriarem do mesmo.

Diante destas questões, escolhi prosseguir com procedimentos metodológicos de cunho qualitativo neste trabalho, dos quais me comprometo a me aprofundar mais no que condiz a apreensão do cotidiano dos sujeitos sociais pesquisados – os estudantes que residem em Três Lagoas.

Dentre as possibilidades de instrumentos⁴ ligados à metodologia qualitativa optamos pelas entrevistas com roteiros semiestruturados combinadas às observações participantes em campo, estas últimas anotadas em uma caderneta de campo.

Portanto, concordo com Turra Neto (2011, p.343-344), no que se refere a construção dos “caminhos investigativos da pesquisa”, os quais devem ser explicitados e conscientemente construídos pelo pesquisador, pois:

O que se tem como resultado de uma pesquisa é fruto de um processo contingente e contextualizado de investigação, no qual são determinantes as opções do/a pesquisador/a. Os resultados seriam outros, se outras fossem as opções e os caminhos metodológicos percorridos.

O que apresentamos na seção secundária a seguir é um debate acerca dos caminhos metodológicos para a construção da pesquisa, os quais busquei por se adequarem as necessidades estruturadas pelos objetivos da pesquisa.

1.1 A CONSTRUÇÃO DA METODOLOGIA DE PESQUISA

A metodologia da pesquisa está relacionada as ações práticas da investigação, sem, contudo, desconsiderar as posições teóricas do/a pesquisador/a. De acordo com Turra Neto (2012), a metodologia, no campo da Filosofia da Ciência, seria o exame do processo de produção de conhecimento científico, no qual avalia e reflete sobre a relação entre teoria e empiria e entre sujeito e objeto. A metodologia então, reflete as potencialidades e limites de uma pesquisa.

⁴ Grupo focal, história oral e observação participante.

Antes de avançar nesse sentido, é preciso deixar clara a distinção entre método e metodologia. O método compreende a delimitação e revisão crítica que orienta a organização do conhecimento geográfico na pesquisa. Método é, nesse sentido, o elemento de relação entre os vários campos da ciência e cada um com a filosofia. Pode-se dizer que ele é o arcabouço estrutural sobre o qual repousa qualquer conhecimento científico (MORAES e COSTA, 1987, p. 27).

Já no que compreende a metodologia, seriam as ações e práticas que conduzem a investigação (MILANI, 2016), procedimentos que transparecem como limites e possibilidades dentro da pesquisa e se apresentam em formas de “ferramentas” que auxiliam o pesquisador em seu processo de produção científica.

Para o desenvolvimento desta dissertação também utilizamos de pesquisa e levantamento de dados sobre a UFMS, os cursos de Graduação e Pós-Graduação disponíveis no Campus de Três Lagoas, informações sobre os estudantes através de materiais e informações disponibilizadas pela própria universidade, por meio de nossas solicitações.

Utilizamos o Plano de Desenvolvimento Institucional (PDI) 2020-2024 e o Plano de Desenvolvimento da Unidade (PDU) 2018-2021, são documentos elaborados pela Universidade em conjunto com as unidades de administração central e setorial, juntamente com professores, com intuito de definir objetivos e metas de desenvolvimento, bem como ações em nível tático-operacional para a execução de estratégias institucionais (UFMS 2020a).

Os dados relativos ao Perfil Sociodemográfico, nos foram disponibilizados (via solicitação) pela Diretoria de Avaliação Institucional (DIAVI) da UFMS.

A decisão de utilizar, sobretudo, a metodologia qualitativa nesta investigação se consolida frente as necessidades levantadas pelos objetivos de pesquisa: como identificar que no momento de permanência dos estudantes advindos de outras localidades, em suas vidas cotidianas (estudo, lazer, consumo e moradia), produzem territorialidades, ocupam espaços na cidade?

Informações qualitativas e minúcias sobre a vivência cotidiana espacial dos sujeitos pesquisados são necessárias, no âmbito da pesquisa, para se ir além do fato de proximidade do sujeito pesquisador aos sujeitos pesquisados. Deve ocorrer a possibilidade de participação ao cotidiano estudado para desenvolver o trabalho a partir do espaço vivido por aqueles que vivem/engendram os processos pesquisados,

a produção de microterritorialidades a partir de suas práticas de lazer, consumo, estudos e moradia.

Isso leva a entender a importância em focar nas práticas espaciais e formas de apropriação dos espaços dos sujeitos sociais enquanto corpos delimitadores de territorialidades, pois:

Costumo dizer que, quando perguntamos sobre território, nosso **ponto de partida** não é o espaço concreto, mas sim **os sujeitos sociais**, pois o território enquanto relação de poder projetada no espaço, não aparece inscrito claramente na paisagem, mas é resultado da ação e negociação dos sujeitos (TURRA NETO, 2012, p.3. - Grifos do autor).

Por compartilhar o mesmo tempo e espaços que os sujeitos pesquisados, se fortalece a necessidade de encontrar meios que nos capacitam a se distanciar da realidade e não cair em armadilhas que nos levem a se basear unicamente de nossas próprias experiências, opiniões e relações sociais construídas. O cuidado metodológico, principalmente com o tratamento das informações deve tornar-se prudente, pois de certa forma, além de compartilhar o tempo e o espaço, compartilho também de condições da reprodução de vida social semelhantes aos sujeitos pesquisados.

Isso nos leva a praticar uma “desnaturalização” e questionamento de algumas práticas cotidianas, assim o uso da metodologia qualitativa nos possibilitou apreender alguns significados do espaço que não se apresentam por si mesmos, já que eles são produzidos a partir das práticas espaciais dos sujeitos, ao mesmo tempo em que as práticas são por eles influenciadas (MILANI, 2016).

Sendo assim, optamos, para o desenvolvimento desta pesquisa, por fazer algumas escolhas metodológicas, as quais serão apresentadas nesta seção do trabalho.

A fim de atender aos objetivos da pesquisa, foi elaborado um roteiro semiestruturado para a realização de entrevistas com estudantes da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, advindos de outras cidades e que residem em Três Lagoas. O roteiro de entrevista foi organizado com tópicos norteadores: perfil, motivação, o cotidiano (moradia, lazer, consumo e estudos) e a UFMS. O roteiro de entrevista pode ser encontrado nos Anexos.

A escolha do modelo semiestruturado, em que a maioria das perguntas é prevista em um roteiro mais ou menos preciso e ordenado como guia ao entrevistador e deixando uma abertura maior ao entrevistado falar, possibilita um processo de interação social para a obtenção de informações (COLOGNESE e MELÓ, 1998); partindo da necessidade de conhecer o dia-a-dia desses sujeitos para compreender sua atuação na produção de territorialidades na cidade de Três Lagoas.

Além disso, às respostas espontâneas dos entrevistados e a maior liberdade que estes tiveram nos momentos das entrevistas, surgiram questões inesperadas a entrevistadora que poderão ser de grande utilidade na pesquisa (QUARESMA e BONI, 2005, p.8), o que permite valorizar ainda mais a utilização de entrevistas com roteiros semiestruturadas como forma de valorização das informações que o pesquisador recebe ao realizar a entrevista.

Concomitante as entrevistas, realizamos a geração de outras informações importantes por meio das observações participantes diárias, convivendo nos mesmos espaços (moradia, consumo e lazer) desses estudantes, registradas na caderneta de campo e por fim organizadas as descrições. Uma conversa sobre o preço dos alimentos, o ônibus que atrasou, a discussão sobre uma festa no dia posterior, enfim, situações corriqueiras que acontecem diariamente com aqueles que frequentam a universidade e vivem a/cidade. A realidade e o que os sujeitos dizem sobre ela é de extrema relevância para investigação, já que as palavras carregam seus próprios sentidos, significados e valores (MILANI, 2016).

A partir da realização das observações, registradas nas cadernetas de campo, nos momentos de convivência com os sujeitos pesquisados, entrevistados ou não, é possível perceber que os caminhos metodológicos são também construídos durante o “viver/fazer a pesquisa”, sendo a observação participante um dos pilares desta pesquisa, combinados às entrevistas.

No que condiz a este tipo de observação, parte das informações tratadas nesta pesquisa baseiam-se na técnica de observação participante, que pressupõe a integração ao grupo pesquisado e dá a possibilidade de ser parte ativa das atividades dos sujeitos em seus espaços de vivência.

Quaresma e Boni (2005) nos dão o alerta no que se refere a alguns cientistas desaconselharem a observação participante, pois o pesquisador deve manter distância entre o objeto de pesquisa em nome da objetividade científica. Mas como

me retirar desses espaços e não aproveitar o que o cotidiano me permite apreender e analisar, sendo sujeito pesquisadora e sujeito pesquisado ao mesmo tempo?

Uma das exigências que o pesquisador deve se fazer durante o trabalho de campo é obrigar-se constantemente a fazer a ida-e-volta entre a prática que está vivendo e a teoria, de forma paralela (WINKIN, 1998, p.134-135). Sendo assim, o momento do distanciamento do pesquisador também é de extrema importância, pois demonstra que a observação da vida em sua pesquisa não é uma mera descrição, mas sim, como aponta Winkin (1998, p.138) é uma entrada de pleno direito no universo da pesquisa em ciências sociais. É o diálogo (constante) entre a teoria e que se vê no campo.

Uma pesquisa científica comprometida com o estudo das práticas espaciais cotidianas deve se comprometer com informações geradas a partir de vivências, visões de mundo dos sujeitos sociais pesquisados. Os dados primários da pesquisa qualitativa são produzidos justamente na interação do sujeito pesquisador e sujeito pesquisado (TURRA NETO, 2012). Sendo assim, o mérito científico não lhe é retirado, desde que as informações sejam bem utilizadas, apareçam de forma clara e concisa aos que tiverem acesso ao trabalho e um diálogo teórico.

Concordo com Souza (2007, p.103-104), quanto as limitações em pesquisa no que se refere a valorização da dimensão espacial da sociedade, sobre a negligência ou banalização quando se levam em conta os produtores do espaço, perspectiva que tende a conduzir os pesquisadores a uma espécie de “visão de sobrevoo”. De maneira que enxerga e analisa as sociedades e seus espaços quase sempre “do alto” e “de longe”, como que em uma perspectiva de “voo de pássaro”, segundo o autor.

A abordagem da realidade cotidiana dos sujeitos sociais, por meio da metodologia qualitativa, nos tem permitido analisar processos socioespaciais desenvolvidos na cidade e até que ponto estes processos influenciam as práticas desses sujeitos. Ao ter a necessidade de considerar a atividade científica e a vida cotidiana dos estudantes como relações imbricadas para que se chegue aos objetivos da pesquisa, acreditamos como Santos (1999, p.2) que, a aceitação do conhecimento Geográfico como dependente de outras ciências é primordial, pois fez e faz parte da Geografia e nos leva a pensar sobre a necessidade de agregar outras ciências de forma a agregar e enriquecer o conhecimento geográfico.

Esta afirmação justifica-se porque os instrumentos de pesquisa ligados à metodologia qualitativa se aproximam com as pesquisas desenvolvidas no âmbito da

Sociologia, da Antropologia, Educação e História, ao ressaltar significados, motivações, valores e crenças, que não podem simplesmente ser reduzidos a questões quantitativas, pois que, respondem a noções muito particulares da vida cotidiana (QUARESMA e BONI, 2005).

Surge assim, a perspectiva de trabalhar com a etnografia como possibilidade de organizar as informações obtidas no trabalho de campo. De acordo com Winkin (1998, p.132), a etnografia seria a arte de ver, a arte de ser e a arte de escrever:

Para mim, etnografia hoje é ao mesmo tempo uma arte e uma disciplina científica, que consiste em primeiro lugar em **saber ver**. É em seguida uma disciplina que exige **saber estar com**, com outros e consigo mesmo, quando você se encontra consigo mesmo, quando você se encontra perante outras pessoas. Enfim, é uma arte que exige que se saiba retraduzir para um público terceiro (terceiro em relação àquele que você estudou) e, portanto, que se **saiba escrever** (Grifos do autor).

Diante disso, quero neste momento conectar o leitor às relações entre a pesquisadora e o campo pesquisado, ou seja, narrar/relatar como o trabalho de campo foi realizado ao descrever situações e contextos os quais acho importante para compreensão dos sujeitos sociais da pesquisa, os estudantes da UFMS como sujeitos atuantes no processo de produção espacial da cidade e também como produtores e constituintes de territorialidades.

A seguir, são apresentadas e tratadas cinco entrevistas com alunos de cursos distintos da UFMS, combinadas às anotações feitas na caderneta de campo, como conversas de estudantes em pontos de ônibus e em um dos espaços de lazer desses sujeitos.

Identificaremos todos os entrevistados neste trabalho com nomes fictícios para preservá-los no ato de suas informações. Participaram inicialmente, no ano de 2019, Mariana, de 27 anos, que no momento da entrevista cursava o curso de Pós-Graduação em Geografia e Andressa, de 19 anos, aluna do curso de Engenharia de Produção. Ambas moram no mesmo condomínio residencial vertical no Bairro Vila Alegre, em Três Lagoas.

Andressa foi minha primeira entrevistada. Por morar com uma amiga em comum e no mesmo condomínio, tínhamos contato quase cotidiano, pelo fato de Andressa frequentar o apartamento para estudar com sua amiga, jantar, conversar.

Guiada por essas interações, já tínhamos uma relação mais aberta e eu já sabia que ela veio para Três Lagoas no ano de 2018, por conta da UFMS e a impossibilidade de voltar para sua cidade, São José do Rio Preto - SP, frequentemente. Quando apresentei a proposta de entrevista, Andressa aceitou participar sem problemas.

Nosso contato sempre era intermediado por Júlia⁵, minha colega de apartamento e que tem me ajudado com intermediações desde as aplicações de questionários e realizações de entrevistas da monografia (pesquisa anterior a essa). Júlia é do curso de Engenharia de Produção e já fez parte do Centro Acadêmico e da Atlético promovidos pelo mesmo. Por ter este perfil participativo na vida acadêmica e também estar envolvida com um grupo de oração de jovens universitários na UFMS, ela tem contato com estudantes de vários cursos e sempre se colocou à disposição para me ajudar na mediação de comunicação com pessoas que se encaixassem no perfil dos pesquisados.

Depois de ter conversado com Andressa e marcado nossa entrevista, ocorreram alguns imprevistos por questões da rotina da entrevistada, a princípio. Sempre Júlia acabava me avisando que Andressa havia passado o recado de que não poderia me atender por estar atarefada com alguns trabalhos do curso ou com alguma atividade da Empresa Junior, projeto ligado também ao curso de Engenharia e que Andressa participa. Outros desencontros ocorreram pelo fato de que eu precisei voltar para Andradina (minha cidade de origem) em alguns dias da semana, o que impossibilitava a realização de nossa entrevista.

Por fim acreditei que o mais apropriado era esperar um melhor momento de acordo com a rotina da minha entrevistada. Após ter recebido um recado de Júlia, ao chegar em nosso apartamento, de que Andressa me perguntava se eu estaria livre para realizarmos a entrevista. Mesmo depois de termos trocado nossos números do *WhatsApp*⁶, Andressa preferia se comunicar por intermédio de Júlia ou indo até o nosso apartamento, então também me adequei a essa relação.

Continuamos conversando por intermédio de Júlia em seu *WhatsApp* e acabei perguntando se a entrevista poderia ser realizada na sexta-feira (08/11/2019), pois havia acabado de chegar do supermercado e estava preparando o meu jantar. Como

⁵ Assim como as entrevistadas seu nome também é preservado, portanto fictício.

⁶ O *WhatsApp* é um aplicativo multiplataforma gratuito que possibilita o contato por meio de mensagens instantâneas, além de chamadas de voz e de vídeo por meio de conexão via internet.

Andressa tinha planos de ir ao Cambuí⁷, um condomínio residencial próximo à avenida Ranunpho Marques Leal, que dá acesso ao Campus II e que possui uma quantidade notável estudantes que ali residem, no outro dia pois ali moram alguns de seus amigos, ela pediu para que pudéssemos fazer a entrevista naquela noite (07/11/2019), após ela chegar da academia e tomar banho.

Como não queria perder a oportunidade de fazer a entrevista, acabei me adequando as suas condições e concordei em fazermos assim que ela chegasse. Desde o princípio em nossas conversas, o local de realização da entrevista foi deixado em aberto, justamente pela facilidade de marcarmos, por morar no mesmo bloco de apartamentos, mas ela preferiu que a entrevista acontecesse em meu apartamento.

Cerca de meia hora depois ela chega em meu apartamento. Após conversar com a Júlia sobre algumas questões referente as aulas do curso e de como ela estava, já que depois que a entrevista terminasse, elas iriam para o apartamento de Andressa, iniciamos nossa entrevista na sala.

No apartamento, além de Júlia, estava presente outra colega de quarto que também é do curso de Engenharia de Produção. A princípio, as duas ficaram conversando um pouco alto enquanto iniciávamos a entrevista, mas depois ambas foram para cômodos diferentes e a entrevista ocorreu de forma tranquila, sem mais interrupções.

No caso de Mariana, minha segunda entrevistada, a conheço desde 2015 e já sabia do histórico dela: de ter vindo morar em Três Lagoas, em 2014 após ingressar no curso de licenciatura em Geografia e continuar na cidade quando ingressou no curso de mestrado na mesma área. Como já havíamos conversado sobre minha pesquisa, a entrevistada aceitou sem problemas, ceder a entrevista.

Assim como Andressa, esperei que a entrevista fosse realizada conforme o tempo livre da entrevistada, uma vez que esta estava finalizando sua dissertação, então não tinha certeza se poderíamos realizar a entrevista ainda em 2019. Aliás, esse foi uma das dificuldades que encontrei para realizar as entrevistas com alguns nomes que já tinha em mente, pois acabei escolhendo os meses de novembro e dezembro para realizá-las, conforme minha disponibilidade.

⁷ O Parque Cambuí Condomínio Clube (Cambuí) é um condomínio residencial vertical localizado no bairro Jardim Alvorada, em Três Lagoas.

Creio que acabei cometendo um equívoco, ao “esquecer” que, assim como eu, no final do semestre os outros estariam tão atarefados como eu, assim o tempo de disponibilidade estaria difícil para ambos.

No caso de Mariana, nossa entrevista aconteceu no início de dezembro, quase que “por acaso”: devido alguns problemas pessoais com o namorado que dividia moradia, ela tinha acabado de se mudar para o apartamento que eu já dividia com Júlia e mais duas estudantes da UFMS, que assim como nós duas, residiam em Andradina. Sendo assim, um tempo depois conversei com ela sobre a oportunidade de realizarmos a entrevista lá mesmo.

O ocorrido nos deixou mais próximas, com conversas diárias, concordamos em qual seria o melhor momento para a entrevista. Como as outras meninas que dividiam o apartamento conosco já tinham voltado para Andradina por conta do final de semana e de semestre, o apartamento estava vazio, o que a deixou mais à vontade para a entrevista.

A princípio pensei que a entrevista seria mais curta pelo fato de nos conhecermos e eu ter acompanhado uma parte de sua trajetória morando em Três Lagoas, com respostas mais curtas, pelo contrário. O fato de Mariana ter vindo para Três Lagoas em seu segundo ano de graduação e logo depois ingressar no mestrado, possibilitou que ela vivenciasse a cidade, ao morar em quatro bairros da cidade, sendo estes: Quinta da Lagoa, Vila Piloto, Centro e Vila Alegre, durante quase 6 anos em Três Lagoas.

Durante nossa entrevista, surgiram importantes apontamentos sobre as práticas de lazer dos estudantes e suas condições de acesso aos lugares de lazer na cidade, além da relatividade quanto a segurança e como esta também está ligada as práticas cotidianas. Creio que por conta de sua formação enquanto Geógrafa, Mariana me proporcionou muita riqueza de informações, por sua forma de ler o espaço. A entrevista também levantou questões que me proporcionaram conhecer melhor o campo que iria explorar, como estudante residente em Três Lagoas.

Como vimos acima, foi concedido poder ao entrevistado, tanto para escolha do momento da entrevista, local, quanto em poder de fala. Em primeiro momento, isso não se mostrou um fator que atrapalhasse o andamento da pesquisa e sim que tivéssemos mais contato e abertura para refletir, junto as entrevistadas, sobre questionamentos e situações que mais à frente foram de grande auxílio na pesquisa e em outros trabalhos de campo.

Em um segundo período de fase de elaboração da pesquisa, no ano de 2020 realizamos duas entrevistas, nos meses de maio e junho. Porém devido ao necessário isolamento social, implementado em função da pandemia. Quando falamos de pandemia neste trabalho, nos referimos a pandemia causada pelo coronavírus SARS-COV-2, causador da doença COVID-19 que tomou abrangência multilateral de contágio pelo mundo, a qual impactou rapidamente uma série de atividades humanas frente às respostas de isolamento social implementadas por diferentes países (SENHORAS, 2020).

A princípio, o início da quarentena como medida de isolamento social trouxe novos desafios para a continuidade da pesquisa, pois com a necessidade de realização das atividades por meios remotos pelo uso das Tecnologias de Informação e Comunicação – TICs – como forma predominante para alavancar no contexto emergencial estratégias de Ensino à Distância – EAD (SENHORAS, 2020), causou certa incerteza de quando poderíamos retomar a convivência com os estudantes no ambiente universitário, o que levou a pensar novas abordagens e estratégias para a realização das entrevistas.

Com a adaptação as plataformas digitais de chamadas de vídeo como o Google Meet⁸, nos veio a ideia da realização das entrevistas. A partir da criação de um e-mail acadêmico consegui ter o acesso mais amplo a esta plataforma, tendo assim a possibilidade de gravar as chamadas de vídeo, o que facilitou muito mais o trabalho de transcrição da entrevista do que teria sido por plataformas como a chamada de vídeo via *WhatsApp*, das quais muitas vezes perdem-se a conexão ou qualidade do sinal muito fácil.

Outro impasse foi a escolha de sujeitos para participar das entrevistas, pelo distanciamento da universidade e de que alguns dos possíveis entrevistados pensados a princípio por mim, ou tinham se formado em 2020, ou ainda estavam se adaptando a realização de um semestre acadêmico totalmente realizado via atividades online. Por fim, consegui me comunicar com dois estudantes que já conhecia, por serem do curso de geografia e ambos serem pessoas muito ativas na universidade, participam de programas, grupos de estudos, pesquisa, extensão e afins.

⁸ O Google Meet é um aplicativo multiplataforma desenvolvido pela empresa de serviços online e software Google, capaz de realizar videoconferências por meio da conexão via internet, sendo um dos diversos programas utilizados (principalmente) durante o período da pandemia da COVID-19.

O primeiro entrevistado deste período foi Pedro, de 43 anos, aluno do 4º ano de Geografia, da cidade de Santa Barbara d'Oeste-SP e que mora em Três Lagoas desde seu ingresso no curso, em 2017. Como nos conhecemos desde a graduação, nosso contato não necessitou ser intermediado e foi facilmente combinado. Nossa proximidade auxiliou na facilidade e rapidez para combinar a entrevista.

Pedro já conhecia a realização de minha pesquisa e desde o início se mostrou interessado a participar. Como já estávamos entrando no terceiro mês de quarentena e as atividades na universidade continuaram, Pedro e eu já estávamos acostumados com as vídeochamadas do Google Meet, então nesse sentido também foi mais tranquilo em relação a conseguir realizar a entrevista. Pedi sua autorização para fazer a gravação das imagens e conversamos sobre as datas via *WhatsApp* sobre qual seria o melhor horário e, que caso houvesse algum imprevisto, poderíamos combinar um novo convite (meio pelo qual é possível agendar as entrevistas na plataforma).

Houve uma mudança no horário da nossa entrevista, pois havíamos combinado às 14h horário de Brasília, mas como Pedro teve que sair para ir ao banco, logo ele me avisou via *WhatsApp* se poderíamos realizar a entrevista mais tarde, no horário das 16h. Creio que por nos conhecermos essa abertura de moldar o horário da entrevista foi muito mais tranquila, principalmente para o entrevistado.

Nossa entrevista me possibilitou uma abertura para entrar no novo cenário pelo qual nós universitários vivenciamos durante o período de pandemia: a adaptação no que condiz as relações e atividades ligadas a universidade de modo remoto. Além da formação profissional e adaptação a um novo módulo de ensino, novo para grande maioria de alunos e professores, as relações construídas com os colegas, participação em grupos e a vida na cidade, uma vez que parte dos alunos voltaram para sua cidade nos primeiros meses de quarentena, sem perspectiva de retorno.

Além da discussão relacionada ao período pandêmico, Pedro também levantou questões sobre a recepção da universidade a seus alunos e a comunidade externa, e a diferença sentida sobre a segurança no bairro onde mora, no Jardim Alvorada, notada por ele a partir da localização das residências próximas a áreas urbanizadas e vazios urbanos.

Meu segundo entrevistado foi Marcos, de 23 anos, também do curso de Geografia. O conheço desde 2016 e já sabia de seu histórico: de ter vindo morar em Três Lagoas após ingressar no curso por um curto período, em 2016 e ter regressado à cidade em 2018. Somos da mesma cidade, Andradina-SP, então tínhamos uma

proximidade que aumentou nos últimos anos, por participarmos da seção local de Três Lagoas da Associação dos Geógrafos Brasileiros (AGB).

Assim como Pedro, o contato aconteceu através de convite via *WhatsApp* explicando sobre do que se tratava a entrevista e de que ela seria feita de forma online, pela situação de quarentena devido a COVID-19. Junto com Pedro, meu outro entrevistado, pensei que Marcos seria uma boa opção para iniciar as minhas primeiras entrevistas via Google Meet.

A princípio Marcos seria meu primeiro entrevistado, havíamos combinado que a entrevista seria realizada na semana anterior (27/05/2020), porém neste mesmo dia o entrevistado acabou me mandando uma mensagem perguntando se poderíamos remarcar para outra semana, pois ele estava com demandas da universidade atrasadas. Pela nossa proximidade, essa situação foi resolvida de uma forma “informal” na qual deixei em aberto para o entrevistado escolher qual data seria melhor para que a entrevista acontecesse.

Na segunda data houve alguns desencontros em questão do fuso horário, pois eu imaginava que ele ainda estaria em Três Lagoas naquele momento, então havia marcado a entrevista uma hora mais tarde. Porém, assim como na primeira data, Marcos me enviou mensagens via *WhatsApp* para que confirmássemos a entrevista e que talvez ele se atrasaria, pois precisava levar o celular para arrumar. Como eu deixei o dia separado apenas para a realização desta entrevista, não houve problemas maiores e ela foi realizada assim que o entrevistado conseguiu entrar na sala do Google Meet via link enviado por convite anteriormente enviado em seu e-mail.

Apesar de algumas interrupções vindas de familiares de ambos os lados, a entrevista com Marcos ocorreu de forma tranquila, assim como já fazíamos em nossas reuniões na AGB. Da mesma maneira que a entrevista com Pedro, fiz a mesma pergunta em relação a mudança na rotina dado os 2 meses de atividades remotas e a quarentena. Nesta questão Marcos expôs seu sentimento quanto a fragmentação e fragilidade das atividades realizadas em grupos e em relação as atividades da universidade.

O entrevistado respondia às perguntas expondo bastante sua vivência na cidade e a relação com a universidade, ao expor algumas questões geográficas sobre o espaço da cidade. Foi a entrevista mais longa até então. Atualmente, Marcos mora em um condomínio residencial vertical, no bairro Santo André, próximo à rodoviária da cidade.

Depois do exame de qualificação, no ano de 2021 retorno em busca de novos entrevistados que possam colaborar com a pesquisa a partir do resgate de experiências na cidade e com a universidade anterior ao período de isolamento social. Muitos estudantes voltaram para suas cidades de origem durante o implemento das aulas remotas e poucos retornaram para Três Lagoas no segundo semestre de 2020 ou no início de 2021.

Samantha, de 20 anos, aluna do 7º semestre do curso de Ciências Contábeis, da cidade de José Bonifácio-SP, morou em Três Lagoas desde seu ingresso na universidade, no ano de 2017 até decreto de suspensão das aulas presenciais nos campi da UFMS, em meados do mês de março de 2020. Assim como Pedro e Marcos, nossa entrevista foi realizada via Google Meet, pois a entrevistada havia voltado para sua cidade de origem.

Nosso contato foi intermediado por Caroline, aluna da Pós-Graduação em Geografia, nossa amiga em comum, que havia residido com Samantha em 2017, em um condomínio de apartamentos no bairro Vila Alegre. Depois de termos conversado via *WhatsApp* sobre o que se tratava e como funcionaria a pesquisa, Samantha prontamente aceitou participar da mesma, a qual marcamos na mesma semana que conversamos no dia 04/02. Assim como as outras entrevistas realizadas no período da pandemia, foi enviado um convite com o link da sala de videoconferência por e-mail a entrevistada após conversarmos qual seria o melhor dia e horário para aquele que aceitasse realizar a entrevista.

Aconteceram alguns problemas com a minha conexão de internet no decorrer da conversa, mas nada que atrapalhasse a continuação da mesma pois Samara se mostrou disposta a repetir as respostas ou aguardar que eu repetisse as perguntas quando aconteciam cortes no sinal do Meet.

Também conversamos sobre mudanças que ocorreram durante o período remoto na universidade, além do resgate da rotina anterior a COVID-19, no quesito de informação e estrutura do espaço do Campus II. Uma das questões levantadas por mim no roteiro semiestruturado apontava sobre o que o estudante entrevistado achava da universidade como um todo, em questão da estrutura, acesso a informações e programas. Em visita ao campus no final do segundo semestre de 2020, pude perceber que uma das reclamações no que condiz a informações de guia pelo espaço da UFMS foram resolvidos: os blocos, salas e ambientes foram identificados com placas contendo informações traduzidas em inglês e espanhol.

Samantha destaca que isso foi uma melhora, pois ela e seus colegas sempre ficavam perdidos pelo campus procurando as salas de professores e de aula, principalmente quando precisavam se deslocar para outros blocos onde não era comum acontecerem aulas de seu curso. Outro destaque interessante em nossa entrevista refere-se a mobilidade, pois seu principal meio de transporte em Três Lagoas era a bicicleta e, em comparação a sua cidade de origem, Samantha achava interessante observar que muitos moradores também são adeptos a este meio de transporte e a existência de um número considerável de ciclovias e ciclofaixas, mesmo com alguns problemas, com a própria destaca a falta de manutenção na ciclofaixa localizada na avenida de acesso ao Campus II, a Ranunpho Marques Leal.

A questão das bicicletas não passou despercebida por mim, tanto no espaço da universidade, onde eu verificava um grande número de bicicletas, como também quando comecei a morar em Três Lagoas no ano de 2019. De acordo com jornais locais, a cidade já foi considerada a “Cidade das Bicicletas” na qual, devido a facilidade de locomoção graças ao seu terreno plano, em 2005, de acordo com Departamento Municipal de Trânsito, existiam 44 mil bicicletas no município (CORREIO DO ESTADO, 2015).

Atualmente é possível observar do mesmo modo, o crescimento de usuários de bicicletas elétricas. Sem pesquisas aprofundadas, creio ser possível supor que o aumento deste meio de transporte seja devido ao fato de que, além de seu preço atrativo, bicicletas elétricas com velocidade máxima até 25 km/h, não são equiparadas nas leis de trânsito com veículos ciclomotores, tendo a possibilidade de circular em ciclovias e ciclofaixas e sem a obrigatoriedade de documentação, o que reduz seu custo de manutenção comparado com veículos ciclomotores e motos.

Desta forma, questões sobre a mobilidade urbana em Três Lagoas também indagam os estudantes, principalmente aqueles que utilizam a bicicleta como principal meio de transporte, e não passam despercebidas também ao olhar da pesquisa para que assim possamos discutir a diante de forma mais aprofundada neste tema e como isso influência as práticas espaciais dos sujeitos (não só os estudantes da UFMS!) na cidade.

Após a realização das entrevistas e sua transcrição, houve o tratamento das mesmas, dividido em seis temas, selecionados conforme os temas principais do roteiro de entrevista: motivação (por que vir para UFMS e morar em Três Lagoas); moradia (questões referentes à segurança, localidade, onde morava anteriormente,

entre outras); relação com a universidade; mobilidade; lazer; e renda (questão relacionada ao perfil de renda do estudante, caso receba bolsa ou auxílio dos pais).

Assim como na entrevista com Pedro, na entrevista com Mariana surgiram mais três temas relacionados aos primeiros, que foram retirados de suas falas os quais chamaremos de descritivos, de categorias de interesses ligadas ao roteiro de entrevistas, porém específicas desta, como: relação a acessibilidade aos espaços de lazer disponíveis na cidade; representação das Atléticas no campus; e acessibilidade a espaços de lazer em cidades próximas (interestadual – no caso, a cidade de Andradina).

Essa categorização de questões referentes a pesquisa, o modo de realização das entrevistas, nos guia a alguns questionamentos e levantamentos do que ainda pode ser discutido na pesquisa, questões que não havíamos imaginado, além de novas abordagens, com outros sujeitos pesquisados.

Antes das entrevistas, já tinha em mente uma observação em campo, que seria no “Bar do Gordinho”. Este é um dos locais que mais ouvia comentários dos estudantes no dia-a-dia na universidade. Eram marcadas idas entre os estudantes a este bar de forma informal, para comemorar alguma prova ou trabalho com resultado satisfatório, depois de um evento da universidade ou simplesmente para relaxar.

Eu conhecia este bar apenas de nome e sabia que ficava próximo ao meu apartamento e em frente ao Condomínio Cambuí. Durante os anos de graduação, também tive conhecimento que os espaços de confraternização dos estudantes, principalmente após as aulas, eram os bares e que estes sofreram uma rotatividade durante esse tempo.

A princípio, os bares mais mencionados eram aqueles mais próximos da UFMS, porém que também eram frequentados por outro público, como os caminhoneiros que ficavam nos postos de frete próximos. Quando estava em meu ano de formação (2018), o “*point*” era outro bar, o Santa Maria, desta vez mais distante da universidade e praticamente do outro lado da cidade. “*Points*” como destaca Ramos (2015) em sua pesquisa, ao discutir os estudos da juventude na dimensão territorial e socioespacial, apresenta essa denominação trabalhada por Magnani (2005), como locais específicos de consumo e diversão especializados por grupos de jovens. No caso de grupos de estudantes da UFMS, independente da distância desses bares ou até mesmo de valores de consumo, o que importa é a sociabilidade.

Isso já me levantava questões como as práticas de lazer, que iam muito além da acessibilidade daqueles estudantes. Também eram condicionadas pelos seus pares. Negociações aconteciam entre eles, para que alguém fosse o motorista da vez, quem ofereceria carona e traria de volta à universidade aqueles que precisavam pegar ônibus. Enfim, o preço em questão continuava sendo o mesmo dos bares próximos, mas o poder de atração deste era bem maior.

Como discutem Costa e Bernardes (2013), no que se refere a discussão sobre a mobilidade dos sujeitos a partir de identidades, estes mobilizam, subjetivamente, identificações sobre “si mesmos”, compostas socialmente, e objetivam certas expressões e comportamentos de acordo com as relações que estabelecem com outros em um espaço de interação. Esses espaços podem ser considerados como microterritorializações que evidenciam a interação social, onde a vida se diversifica em condições espaço-temporais (COSTA E BERNARDES, 2013).

Sendo assim, sabia que um dos primeiros lugares que eu deveria ir em um trabalho de campo para compreender a relação existente entre um dos espaços de lazer dos estudantes seria o “*point*” da vez, o Bar do Gordinho, uma conveniência que atende como bar e também vende espetinhos.

Em outubro de 2019, fui com um amigo a este bar, exatamente no dia em que sabíamos que seria o de mais movimento, em uma quinta-feira. Era conhecido nos diálogos dos estudantes no cotidiano ou em redes sociais, que às quintas-feiras era um dos dias preferidos dos encontros.

O contexto que nos encontrávamos (primeiro trabalho de campo no Bar do Gordinho) era em uma véspera da “semana de saco cheio”⁹, manifestações sobre a Greve Geral da Educação na UFMS. Também estavam ocorrendo simultaneamente na universidade a “Semana da Letras” e a “Semana da Matemática”, relacionada à ambos os cursos, respectivamente.

Chego ao local junto a meu amigo em nossas bicicletas, onde deixamos na esquina dos estabelecimentos, encostadas no muro do Residencial. Já era perceptível a aglomeração de carros e motos que se aproximavam e passavam de forma quase que constante, além de pessoas que estavam no evento da Semana da Matemática e na Semana da Letras. Eram fáceis de identificar pela vestimenta e pelos crachás

⁹ Semana do saco cheio é uma semana de recesso estudantil adotada não oficialmente por estudantes brasileiros, feita entre os feriados nacionais de Nossa Senhora de Aparecida e do Dia dos Professores.

que ainda portavam, além de reconhecermos alguns rostos que estavam conosco na aula pública que fazia parte das atividades da Greve Geral, naquele dia (03/10/2019).

Identificamos também os estudantes por suas vestimentas. Vestidos de diferentes maneiras, alguns, como estavam chegando após os eventos que ocorriam na universidade, usavam camisetas da UFMS e de seus cursos (sabíamos pela permanência destes com o crachá dos eventos). Alguns estavam com o “kit universitário”, que seria: abadá e samba canção, relacionados aos cursos ou atléticas. Em maioria, estavam vestidos de maneira despojada: short, calça, camiseta e boné.

Ao lado do Bar do Gordinho, também há o “Point Mineiro”, bar e restaurante com um movimento muito semelhante ao “Gordinho”. O movimento era alto em ambos os estabelecimentos, com mesas por toda a calçada, movimentação de garçons carregando mais mesas e cadeiras para fora do Point Mineiro também é uma prova de que o movimento ali é constante, tanto que já havia pontos de aglomeração no outro lado da rua e em frente aos estabelecimentos.

O que foi frequentado por nós foi o Point Mineiro, no sentido de consumação. Além de bebidas, também estavam vendendo lanches e porções, que inclusive os moradores do Cambuí, que está localizado em frente a ambos os bares, também frequentam para consumir os alimentos. Em dado momento, um casal mais velho apareceu para buscar um lanche, mas depois voltaram direto para o condomínio.

O Bar do Gordinho estava mais agitado pois de lá que vinha a música, que estava sendo controlada pelo celular de uma das consumidoras. Esse é um fato que vale ser citado pois era o ponto de diversão daquele lado, onde as pessoas dançavam e aproveitavam o momento. Quando a dona do celular foi ao banheiro, de acordo com algumas meninas que a estavam procurando, a música parou e todos ali lamentaram o fato e algumas outras saíram a procura da dona do celular.

Essa passagem explicita as relações de poder no espaço, pelo menos naquele momento, eram de forma autônoma e geridas pelos estudantes, conforme sua organização. Como também verificamos nas ações de vendas e divulgação de festas. Também, como será discutido no decorrer do trabalho, no que condiz a produção de microterritorialidades, é possível perceber que, durante a espacialidade dos estudantes, a discussão de negociações como estas são também uma forma de experiência coletiva de se situar na cidade.

O ambiente entre os universitários é confortável, com diversos tipos de assuntos: sobre a vida pessoal, dia a dia, festas, universidade, relacionamentos etc.

Os mais caracterizados, ou seja, os que estavam de abadá e samba canção, eram alunos que estavam como “representantes de venda” de convites de festas universitárias que aconteceriam nos próximos dias. Pessoalmente o comprador recebe o convite (uma pulseira) na hora, evitando o pagamento de taxas online.

Uma ação interessante para compreender um pouco dos frequentadores do local, foi a presença de outras pessoas, as quais não eram estudantes ou estavam acompanhadas de algum estudante. É possível perceber o desconforto com alguns “intrusos” do meio, geralmente homens que chegam de moto ou caminhonete para chamar atenção. Em um dos momentos, um desses homens parou a moto próximo à mesa que estavam algumas moças e começou a acelerar sua moto. Quando uma delas disse que isso era “coisa de corno”, ele acelerou mais ainda, com o intuito de soltar fumaça na mesa delas e saiu cantando pneu, como forma de afrontá-las.

Outro assunto interessante foi perceber, em uma conversa, o outro lado das pessoas que não participavam das manifestações pró educação que ocorreram na frente ao campus nos dias 2 e 3 de outubro de 2019. Uma das alunas do curso de letras estava relatando como ficou irritada com a postura dos manifestantes no período noturno, pois eles gritaram “fura greve” para quem entrasse na universidade. De acordo com ela isso era “muita sacanagem, porque nós ficamos organizando esse evento há meses”. Também disse que entendia a necessidade das manifestações, mas que a recepção aos alunos que estavam indo para a universidade para participar do evento era injusta.

Esses acontecimentos nos mostram um pouco mais dos sujeitos e como a negociação de seus espaços de lazer, em especial o Bar, acontece no cotidiano, também nos mostra que estamos no caminho da pesquisa, quanto a escolha em ir a campo e realizar a observação participativa, pois:

No campo, emergem sentimentos, emoções e sensações que podem causar estranhamento, mas que fazem parte de qualquer interação humana e, como na observação participante a interação humana é condição para sua realização, a subjetividade do pesquisador e a troca intersubjetiva tem um peso enorme na vivência e, inclusive, na análise. (TURRA NETO, 2011 p.17)

Foram realizados outros trabalhos de campo, novamente no Bar do Gordinho e Point Mineiro no início do ano de 2020, onde pude, notadamente, perceber a constante mudança na manifestação de novas relações naqueles espaços. Devido ao

início das aulas, houve o aumento da presença dos estudantes universitários em ambos os estabelecimentos, os quais ocupavam mesas, parte da rua e a calçada do condomínio localizado na frente deles (Condomínio Cambuí), a rua se tornou uma contiguidade pela presença de pessoas, todos em pé, uns bebendo, outros não, mas todos em grupos e conversando.

Assim, percebo a presença de um trailer de mini pizzas, o que demonstra a necessidade de outro comércio para suprir a demanda alimentícia, já que no Gordinho já trabalhavam com espetos e no Point, lanches e petiscos. A variedade de alimentos também é um atrativo para o local, muitos estudantes saem das aulas (a noite) e aproveitam esse espaço para também comer.

Também no início de 2020, realizei dois trabalhos de campo: uma observação participante enquanto aguardava o ônibus urbano no horário após as aulas da manhã e a tentativa da utilização do transporte público para ir ao Shopping Três Lagoas, no final de semana. Ambas as observações me ajudaram a compreender a vida dos estudantes que se instalam em Três Lagoas e suas dificuldades no que condiz a mobilidade urbana na cidade, a qual pretendo estender a discussão no decorrer do trabalho.

Sendo assim, de forma sucinta, concluímos o que foi realizado durante a pesquisa, no que condiz a sua metodologia. No Quadro 1 mostramos as principais informações sobre os entrevistados e no Quadro 2 informações sobre os trabalhos de campo e observações realizadas.

Quadro 1: Entrevistas realizadas

Entrevistas/Estudantes UFMS	Data/local	Idade do entrevistado	Curso	Cidade de origem
Entrevista 1 (Andressa)	07/11/2019 Condomínio Ibiza, Ap.23, minha residência	19 anos	Eng. de Produção	São José do Rio Preto – SP
Entrevista 2 (Mariana)	10/12/2019 Condomínio Ibiza, Ap.23, minha residência	27 anos	Geografia	Lavínia – SP
Entrevista 3 (Pedro)	29/05/2020 Plataforma Google Meet, com o entrevistado em Santa Bárbara d'Oeste - SP.	43 anos	Geografia	Santa Bárbara d'Oeste - SP
Entrevista 4 (Marcos)	02/06/2020 Via plataforma Google Meet, com o entrevistado em Andradina - SP.	23 anos	Geografia	Andradina - SP
Entrevista 5 (Samantha)	04/02/2020 Via plataforma Google Meet, com a entrevistada em José Bonifácio - SP	20 anos	Ciências Biológicas	José Bonifácio-SP

Organização: CAMPOS, L. S. (2020)

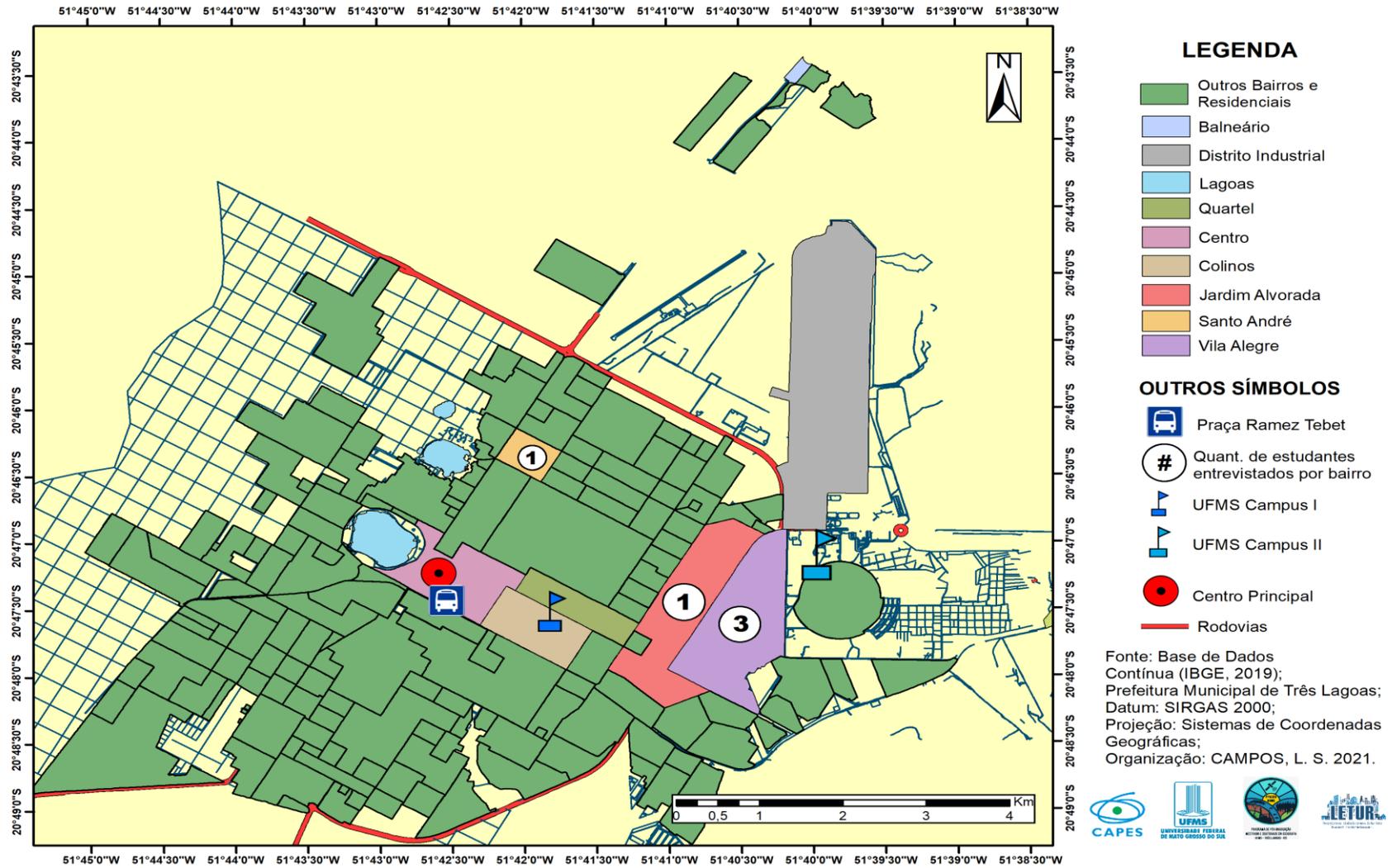
Quadro 2: Trabalhos de campo e observações

Local	Data/dia da semana/horário	Tarefas realizadas
Bar do Gordinho/Point Mineiro	03/10/2019 – Quinta-Feira Início: 22:50h Término: 01:20h	<ul style="list-style-type: none"> • Registros Fotográficos; • Observações; • Diálogos.
Ponto de ônibus: UFMS/Mabel	28/02/2020 – Sexta Início: 12:20 Término:13:30	<ul style="list-style-type: none"> • Observações; • Diálogos.
Shopping Três Lagoas	29/02/2020 – Sábado Início: 9:20 Término:13:00	<ul style="list-style-type: none"> • Registros Fotográficos; • Observações; • Diálogos.
Bar do Gordinho/Point Mineiro	12/03/2020 – Quinta-Feira Início: 22:30h Término: 00:00h	<ul style="list-style-type: none"> • Registros Fotográficos; • Observações; • Diálogos.

Organização: CAMPOS, L. S. (2020)

Ademais, elaboramos um mapa de localização de residência dos estudantes entrevistados (Figura 1), com a quantidade de entrevistados numeradas em cada bairro informado pelos participantes nas entrevistas, para que assim seja possível ter uma noção espacial das relações entre esses estudantes, a universidade e comuns espaços na cidade.

Figura 1: Mapa de localização da moradia dos estudantes entrevistados



Organização: CAMPOS, L.S. (2021).

Por fim, ressaltamos que o momento de pandemia de COVID-19 que caracterizou o ano de 2020 a partir do mês de março, inviabilizou não apenas os nossos trabalhos de campo, mas o próprio processo analisado – a apropriação de espaços da cidade pelos estudantes, sobretudo espaços de usos coletivos, que envolvem encontros, reuniões de pessoas, o que passou a não ocorrer mais durante o momento necessário de isolamento social e espacial. Através das entrevistas realizadas no período de quarentena, compreendemos o quanto a “vida de estudante” em Três Lagoas, principalmente no que condiz as interações presenciais na universidade fazem falta e afetam a dinâmica de estudos e de relações dos sujeitos pesquisados. Também percebemos a mudança nos espaços de lazer por nós visitados: o grupo de frequentadores do Bar do Gordinho mudou (observamos durante alguns dias na pandemia) e o Point Mineiro fechou.

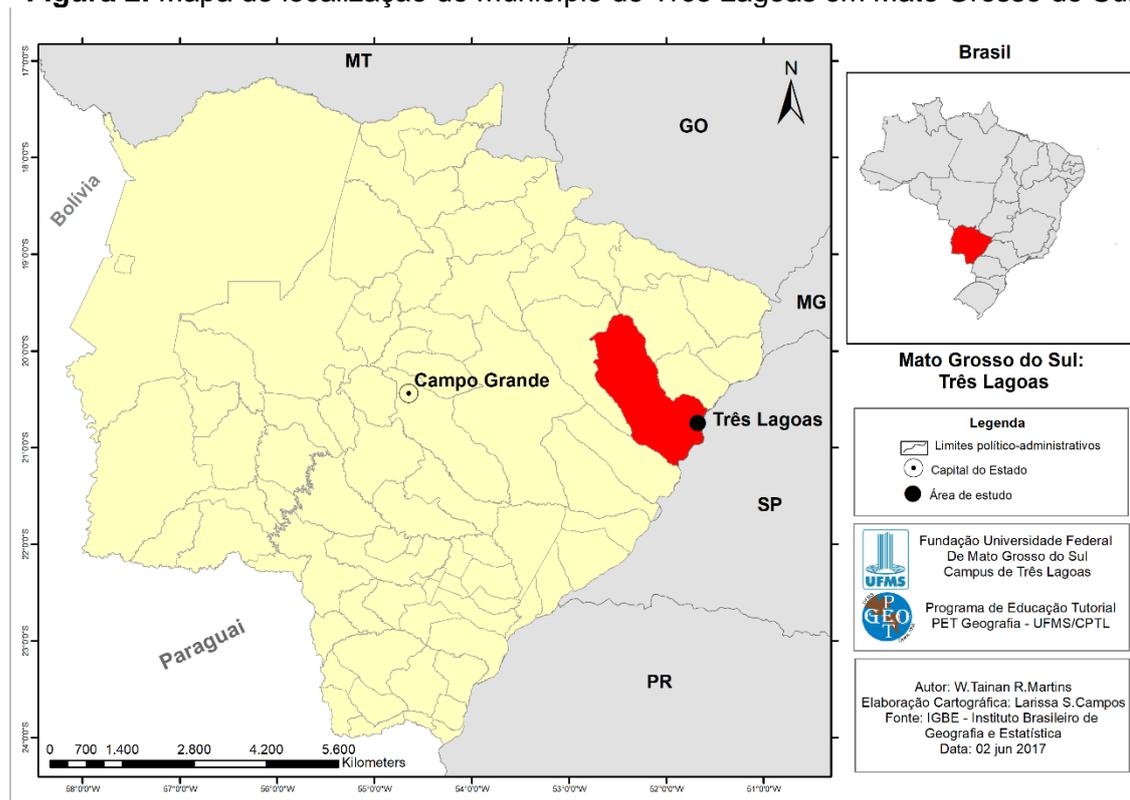
Após a introdução da pesquisa proposta nesta primeira seção, onde foi narrada a construção da pesquisa a partir dos percursos metodológicos para a geração de informações por meio da metodologia qualitativa, compreendemos as escolhas guiaram o diálogo entre a prática e a teoria, no que condiz as relações cotidianas dos estudantes na cidade e a Geografia Urbana, de forma a explicitar a importância de nosso tema de pesquisa e auxiliar na compreensão do processo de formação das microterritorialidades.

Prosseguimos, na próxima seção, a apresentação e reconhecimento do recorte de pesquisa com a discussão das relações constituídas na cidade de Três Lagoas e o papel de influência exercido pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul.

2. TRÊS LAGOAS E A UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL

Três Lagoas é uma cidade localizada na Mesorregião Leste de Mato Grosso do Sul está situada no limite estadual entre Mato Grosso do Sul e São Paulo (Figura 2) e possui uma população estimada em 121.388 habitantes (IBGE, 2020).

Figura 2: Mapa de localização do município de Três Lagoas em Mato Grosso do Sul



Organização: CAMPOS, L. S. (2018)

O atual processo de industrialização, que se combina com atividades econômicas ligadas ao campo, como a agropecuária, engendrou novos processos na urbanização de Três Lagoas, o que tanto expandiu o tecido urbano, com a consolidação de novos bairros, quanto reforçou sua centralidade no contexto da rede urbana, no que diz respeito à prestação de alguns serviços, sobretudo, ligados à educação.

As mudanças no processo de produção do espaço urbano não são derivadas apenas do processo de industrialização, mas sim de sua combinação com atividades econômicas já existentes no município, dentre elas atividades agropecuárias que desempenham e reforçam a concentração de terras, o que foi favorável para o tipo de

indústria que se instalou na cidade. Indústrias de papel e celulose¹⁰, que utilizam vastas dimensões de terras para o plantio de eucalipto (principal matéria prima). Nesse sentido, o espaço é sempre produto, mas também condição para as atividades econômicas.

De acordo com o Atlas do Desenvolvimento Humano no Brasil (2013), entre os anos de 2000 e 2010, a população de Três Lagoas cresceu a uma taxa média anual de 2,56%, enquanto no Brasil foi de 1,17%, no mesmo período. (Em 2000, o número de habitantes era de 79.059 habitantes, já em 2010 passou para 101.791 habitantes)

Na década de 2000, a partir do impacto da instalação das indústrias na produção de papel e celulose, Fíbria¹¹ e Eldorado Brasil, os efeitos do crescimento industrial causaram um boom imobiliário¹² (crescimento e expansão do setor imobiliário - compra, venda, locação e administração de imóveis) na cidade, sobretudo a partir de 2008. O significativo aumento populacional aumentou demanda da procura por imóveis para moradias; combinado a isso, esse foi um período de expansão do setor da construção civil no Brasil, incentivado por políticas públicas, dentre as quais o Programa Minha Casa Minha Vida¹³, do Governo Federal.

Combinada a demanda por moradias produzida pela vinda de trabalhadores para a produção industrial e dos próprios moradores de Três Lagoas em busca da casa própria, houve também o aumento da procura por serviços como saúde e educação nos níveis básico, médio e superior.

Dada a imbricação entre o processo de industrialização e urbanização, destaca-se a nova forma combinada à antigas lógicas de produção do espaço urbano da cidade de Três Lagoas e uma complexidade social, pois:

Com a intensificação do processo de industrialização, a cidade reforçou sua centralidade no escopo da rede regional de cidades, teve seu papel central ampliado, estendendo sua influência, sobrepondo-se e justapondo-se às pequenas cidades da região, isso porque

¹⁰ Fábricas de papel e celulose como Eldorado Brasil, Suzano e International Paper estão instaladas em Três Lagoas.

¹¹ Em janeiro de 2019, concluiu-se a fusão das empresas Suzano Papel e Celulose e a Fíbria Celulose. Desta forma, a Suzano torna-se a empresa majoritária nesta ação. Fonte: <https://www.correiadoestado.com.br/economia/suzano-confirma-conclusao-de-fusao-com-a-fibria/345200/>. Acesso em: junho de 2019.

¹² Fonte: <https://www.campograndenews.com.br/economia/para-driblar-aluguel-astronomico-tres-lagoas-vive-boom-imobiliario>. Acesso em: janeiro de 2019.

¹³ Nesse contexto destacamos a pesquisa de Doutorado de Viviane F. de Oliveira Carvalho: “Porque aqui é minha casa! Velhas práticas e novas possibilidades em conjuntos habitacionais do Programa Minha Casa Minha Vida”, 2019.

conseguiu polarizar não somente mais habitantes, mas também maiores investimentos públicos e privado, que redefiniram a configuração espacial da cidade (MILANI, 2018).

A centralidade de Três Lagoas na região¹⁴, no oferecimento de alguns serviços, além de exercer influência em outras cidades, atrai um número maior de habitantes e de investimentos públicos e privados, que acabaram por redefinir algumas configurações territoriais da cidade.

Pesquisas como Dias (2016), Milani (2012) e Souza (2019) estudaram a atuação de Três Lagoas no que condiz a suas centralidades de forma mais precisa, nos quesitos de educação, comércio e saúde, que por vez ultrapassam seus limites regionais (administrativos/regiões do IBGE), estabelecendo relações interurbanas (CAMPOS, 2018, p.31).

As configurações territoriais intraurbanas da cidade mostram-se em destaque no que condiz as novas centralidades no quesito do comércio, os centros comerciais. Souza (2019) evidencia que as centralidades em Três Lagoas surgem em eixos comerciais em algumas das principais vias da cidade, o que contribui para a permanência de uma área central como centro principal.

Souza (2019, p.124)¹⁵, afirma que as novas centralidades são desenvolvidas no espaço urbano de Três Lagoas no início dos anos 2000, paralelo ao processo de industrialização e adensamento populacional das áreas distantes ao centro principal, o que demarca um crescimento horizontal da cidade. Os centros de consumo instalados na cidade como a loja Havan¹⁶, Atacadão e o Shopping Center (Figura 3) são utilizados também como espaços de lazer e possuem a intenção de exercer atração não só para os moradores de Três Lagoas, como também de cidades próximas, como destaca o próprio site do Shopping Três Lagoas¹⁷, ao admitir que seu público alvo: “atende a forte demanda por espaço de compras e passeios tanto para

¹⁴ Nesse momento não utilizamos região como uma área predefinida pelo IBGE, mas nos referimos às cidades que possuem ligações com Três Lagoas por meio das práticas espaciais de pessoas que utilizam serviços (como educação e saúde), e pessoas que trabalham em Três Lagoas e fazem as viagens para casa diariamente ou semanalmente.

¹⁵ Dissertação de mestrado: As centralidades de Três Lagoas – MS: área central e eixos comerciais, de Jaiane da Silva Souza.

¹⁶ Instalados, respectivamente em: Jardim Novo Aeroporto, Jardim Brasília e Distrito Industrial II.

¹⁷ Disponível em:< <https://shoppingtreslagoas.com.br/sobre-tres-lagoas/>>. Acesso em: Jun. 2020.

parte dos moradores de Três Lagoas como para as regiões adjacentes MS-SP” (Andradina, Paranaíba, Ilha Solteira, Água Clara e Brasilândia)¹⁸.

Figura 3: Loja Havan, Shopping Três Lagoas e Atacadão



Fonte: Souza (2019) e Perfil News (2019)¹⁹ e JP News (2019)²⁰

¹⁸ Ainda que sem o rigor metodológico, em algumas idas nesses espaços de consumo, verificamos que uma quantidade significativa de carros e motos nos estacionamentos, eram de outras cidades. Sabemos dos “riscos” em colocar essa informação no trabalho de pesquisa, pois poderemos ser questionadas sobre validade dessa informação (já que não se trata de uma informação objetiva com uma instituição sendo a fonte dos dados), porém, compreendemos que somos sujeitos sociais imersos no cotidiano da cidade e muitas das nossas práticas espaciais e visões em relação à cidade e seus múltiplos espaços se misturam com os olhares da pesquisa.

¹⁹ Disponível em: <<https://www.perfilnews.com.br/inauguracao-shopping-tres-lagoas/>>. Acesso em: Jun.2020.

²⁰ Disponível em: <<https://www.jpnews.com.br/tres-lagoas/com-300-empregos-atacado-abre-as-portes-nesta-terca-feira/126592/>>. Acesso em: Jun. 2020.

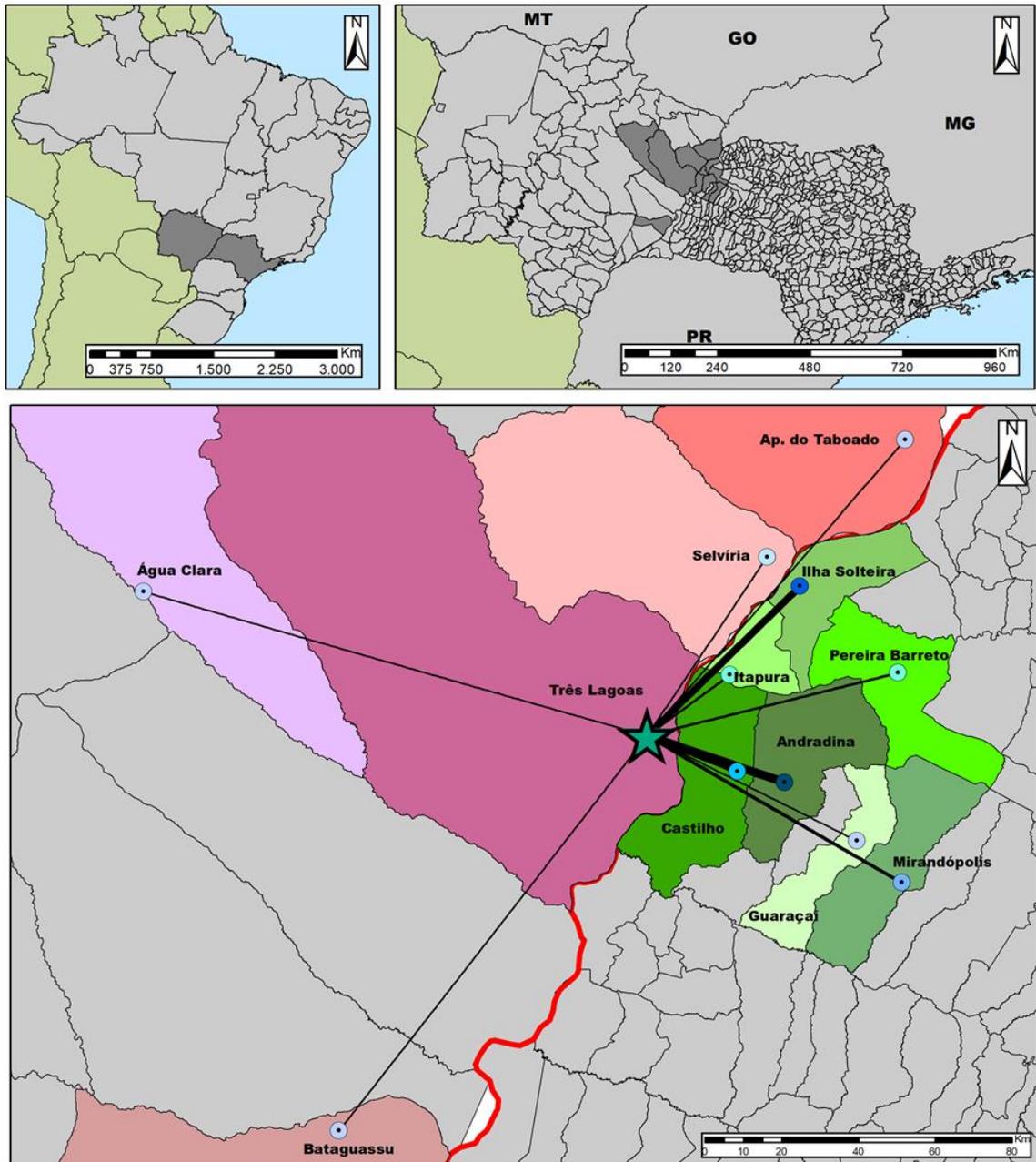
Na medida em que são ofertados um conjunto de comércios e serviços, inclusive de educação, que de certa forma polariza a região mais imediata; e no caso dos estudantes que residem na cidade, a educação superior destaca-se como influência regional e atrai pessoas que residem tanto em cidades da Região Leste de Três Lagoas (IBGE), quanto de cidades de outros estados (sobretudo oeste do estado de São Paulo), que passam a morar em Três Lagoas, como trabalharemos ao longo desta pesquisa.

Verificamos por meio de nossa pesquisa de monografia (CAMPOS, 2018), o grau de atração da UFMS, campus de Três Lagoas, de estudantes, tanto daqueles que optam por residir na cidade (possuem a possibilidade sobretudo ligada a questão econômica), como daqueles que permanecem em suas cidades de origem e se deslocam diariamente para Três Lagoas, principalmente em transporte de uso coletivo (Figura 4). No trabalho de monografia trabalhamos com os deslocamentos pendulares, o que nos mostrou o papel desempenhado pela UFMS na rede urbana de Três Lagoas, pois:

Por ser um polo de atração que não se restringe aos limites territoriais, recebe estudantes tanto do estado do Mato Grosso do Sul, como do estado de São Paulo, que buscam um ensino público e que seja próximo de suas cidades de origem (CAMPOS, 2018).

O mapa da Figura 4 mostra de forma esquemática (e estática) a representação dos movimentos pendulares dos estudantes que diariamente se deslocavam para a UFMS no ano de 2018, como forma de demonstrar a funcionalidade exercida por Três Lagoas em sua rede urbana perante a variável educação superior. Os dados e informações são oriundos da pesquisa de Campos (2018), dentre 188 estudantes que participaram dos questionários, 148 são residentes de Três Lagoas e 46 viajam todos os dias para suas cidades de origem.

Figura 4: Fluxo diário em 2018 de estudantes para a Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campus de Três Lagoas



LEGENDA

- | | | | |
|--|----------------------|--|-----------------|
| | ANDRADINA | | ITAPURA |
| | APARECIDA DO TABOADO | | MIRANDÓPOLIS |
| | BATAGUASSU | | PEREIRA BARRETO |
| | CASTILHO | | SELVÍRIA |
| | GUARAÇAI | | TRÊS LAGOAS |
| | ILHA SOLTEIRA | | ÁGUA CLARA |
| | Três Lagoas | | |

Fluxos de Pessoas

- Densidade**
- -
 -
 -
 -
 -
 -



Fonte: Base de Dados Contínua (IBGE, 2016);
 Datum: SIRGAS 2000;
 Projeção: Sistema de Coordenadas Geográficas;
 Organização: CAMPOS, L. S.; FERREIRA NETO, M.;
 VICK, E. P.

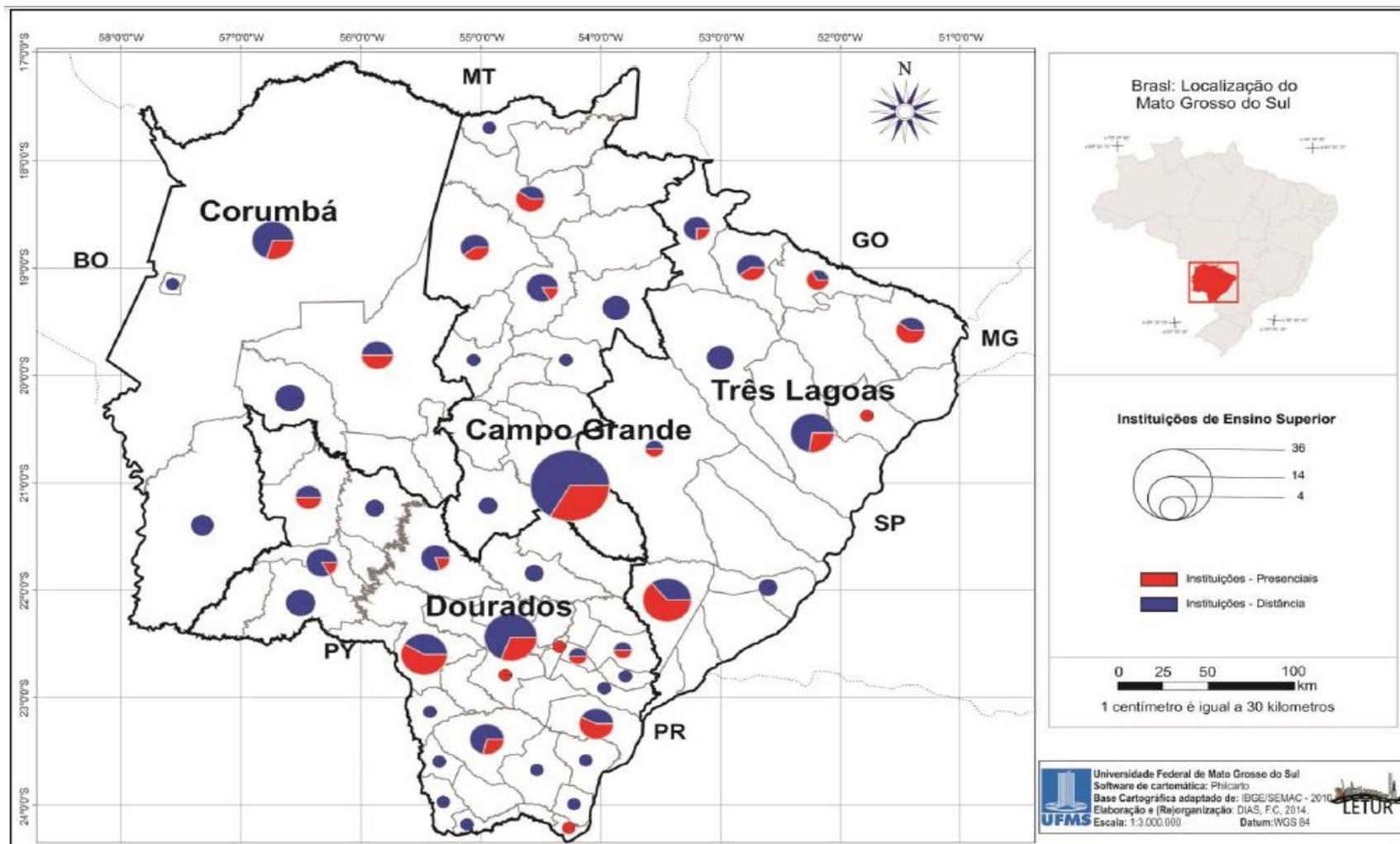
Organização: CAMPOS, L. S. ; FERREIRA NETO, M. ; VICK, E. P. (2018)

O mapa elaborado por Dias (2016), Figura 5, em sua pesquisa de Mestrado sobre o ensino superior no Estado de Mato Grosso do Sul, é possível verificar o significativo número de cursos disponíveis em Três Lagoas em relação às cidades com papéis importantes no Estado – como Campo Grande (capital) e Dourados. Em um segundo momento, o autor (DIAS, 2016) também destaca, ao relacionar a expansão do ensino superior em Mato Grosso do Sul, a primazia das instituições privadas em relação às instituições públicas.

A análise parte da política de privatização do ensino, a partir da década de 1990, por meio do governo, abrindo 18 novas instituições sendo 17 delas privadas e apenas uma instituição pública em Mato Grosso do Sul. Diz respeito também a expansão do ensino superior à distância, pois as instituições não precisam de uma base de operacionalização complexa como há nas Universidades (DIAS, 2016).

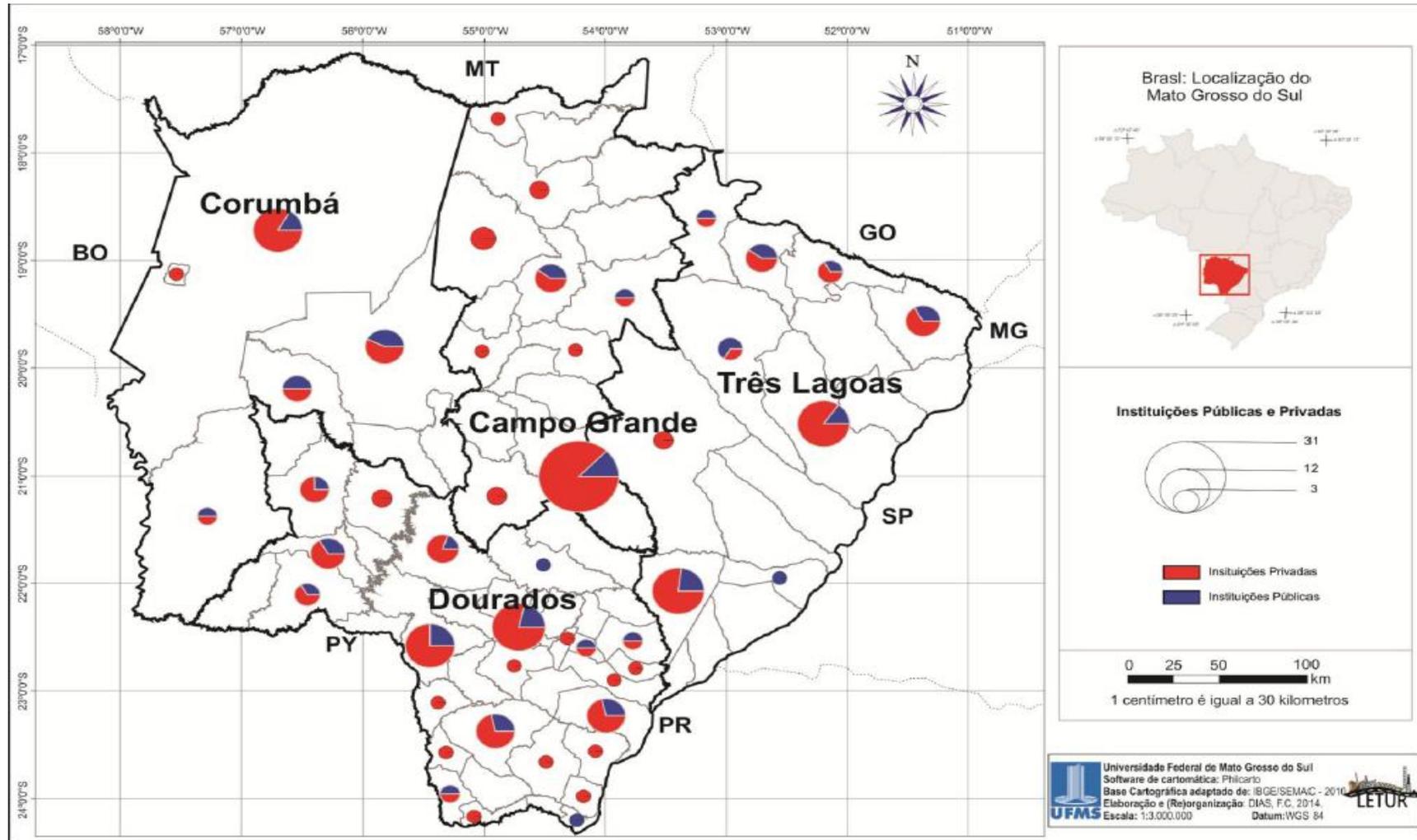
A Figura 6 evidencia a exposição desses dados, verificamos que Três Lagoas abriga, em sua maioria, maior número de instituições privadas em relação as instituições públicas. No âmbito das instituições públicas destacamos o campus da UFMS e o campus do Instituto Federal de Mato Grosso do Sul (IFMS), que conta também com cursos de graduação e pós-graduação.

Figura 5: Oferta de cursos de nível superior presenciais e à distância em Mato Grosso do Sul



Fonte: DIAS, F. C. (2016).

Figura 6: Instituições Públicas e Privadas em Mato Grosso do Sul



Fonte: DIAS, F. C. (2016).

Três Lagoas possui significativo papel no oferecimento de alguns serviços, sobretudo na variável educação, o que acaba por estabelecer a instalação de estudantes que pretendem cursar um curso de ensino superior público, ou seja, passam a morar em Três Lagoas e vivenciar de diferentes formas a cidade.

No que condiz ao plano educacional, sobretudo a universidade pública, a Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS) teve a sua origem em 1962, com a criação da Faculdade de Farmácia e Odontologia de Campo Grande, que seria o embrião do ensino superior no então estado de Mato Grosso (UFMS, 2020a). De acordo com o Plano de Desenvolvimento Institucional UFMS 2020-2024, no ano de 1967 foi criado em Três Lagoas o Instituto de Ciências Humanas e Letras, ampliando a rede pública estadual de ensino superior.

Ademais, no ano de 1969, foram integrados os Institutos de Campo Grande, Corumbá e Três Lagoas, segundo a Lei Estadual nº 2947, de 16/09/1969, criando assim a Universidade Estadual de Mato Grosso (UEMT) (DIAS, 2016).

Com a divisão do Estado de Mato Grosso em 1977, a instituição foi federalizada, passando a denominar-se como Fundação Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, pela Lei Federal nº 6674, de 05/07/1979 (DIAS, 2016).

O setor de educação adota regionalizações próprias em cada Estado. Nas unidades da Federação com uma ocupação mais rarefeita a distribuição das IES costuma priorizar aqueles municípios com maior potencial de demanda. **Dessa forma a alocação dessas instituições não é orientada somente pela população do município, mas também pelo conglomerado de municípios contíguos que, somados, proporcionam uma demanda com escala suficiente para alocação dessa infraestrutura** além de obedecerem a uma classificação taxonômica de cursos (DIAS, 2016, p. 32, grifos nossos).

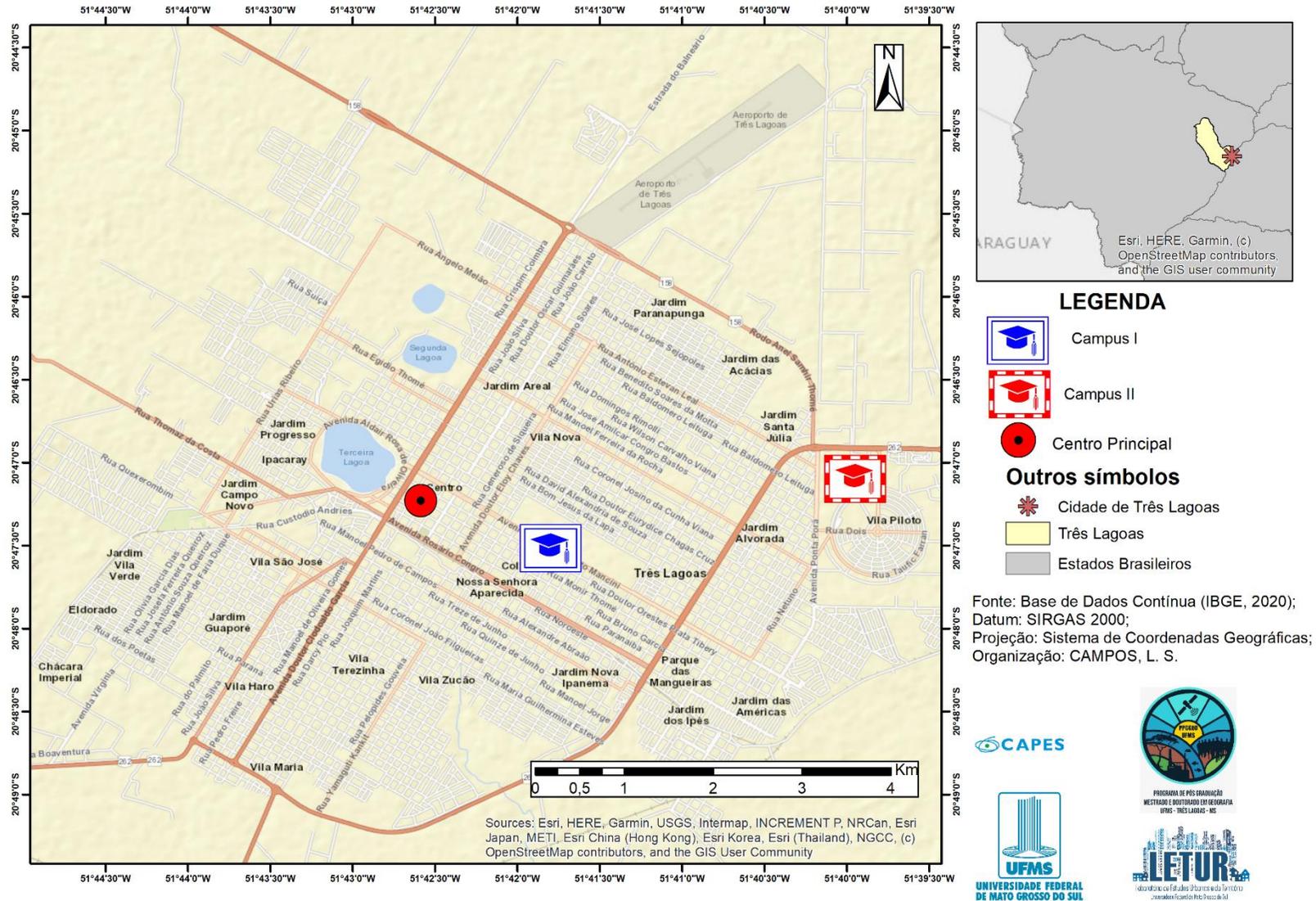
O estabelecimento de políticas públicas de acesso ao ensino superior, sobretudo a partir da primeira década do século XXI, como o Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) e do Sistema de Seleção Unificada (o SiSU), e a implementação das políticas de cotas raciais e sociais (LIMA, 2018), possibilita maior acesso de pessoas ao ensino superior de todo o país, ainda que com ritmos e intensidades diferentes.

A partir da pesquisa de monografia (CAMPOS, 2018), identificamos o avanço do poder de atração da UFMS, sobretudo o Campus de Três Lagoas, principalmente entre os próprios estudantes. Tendo o acesso nos cursos de Graduação via processo

seletivo por vestibular e por meio do SiSU, consideramos que a instituição possui alcance nacional, devido sobretudo às divulgações da universidade pelas redes sociais e ao modelo SiSU, a atração da UFMS alcança estudantes no âmbito regional e em menor proporção em escala nacional, com destaque principal no estado de São Paulo.

Atualmente a unidade da UFMS em Três Lagoas conta com 2 Campi, sendo um deles com atividades administrativas, o Campus 1 - também o mais antigo, e Campus 2, onde atualmente (2021) se concentram todos os cursos de Graduação e Pós-Graduação da instituição. Mostramos na Figura 7 a localização dos Campi e por meio da Tabela 1 a relação de vagas oferecidas no ano de 2020 pela instituição, distribuídas entre os 17 cursos de graduação. Além disso, de acordo com dados da Diretoria de Avaliação Institucional (DIAVI) da UFMS, em 2020 o total de alunos matriculados nos cursos de Graduação foi de 3298 no primeiro semestre e 3174 no segundo semestre.

Figura 7: Mapa de localização dos Campi da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, em Três Lagoas - MS



Organização: CAMPOS, L. S. (2021).

Tabela 1: Relação de cursos ofertados pela UFMS/CPTL em 2020

Cursos	Grau	Turno	Vagas
Administração	Bacharelado	Noturno	60
Ciências Biológicas	Licenciatura	Integral	40
Ciências Contábeis	Bacharelado	Noturno	50
Direito	Bacharelado	Integral	55
Direito	Bacharelado	Noturno	55
Enfermagem	Bacharelado	Integral	40
Engenharia de Produção	Bacharelado	Integral	50
Geografia (Bacharelado)	Bacharelado	Noturno	30
Geografia	Licenciatura	Noturno	40
História	Licenciatura	Noturno	45
Letras – Português/Espanhol	Licenciatura	Noturno	35
Letras – Português/Inglês	Licenciatura	Noturno	35
Letras – Português/Literatura	Licenciatura	Noturno	35
Matemática	Licenciatura	Noturno	50
Medicina	Bacharelado	Integral	60
Pedagogia	Licenciatura	Noturno	40
Sistemas de Informação	Bacharelado	Noturno	50
TOTAL DE VAGAS			770

Fonte: Plano de Desenvolvimento Institucional UFMS – 2020-2024. **Elaboração:** CAMPOS, L. S. 2020.

No que condiz aos cursos de Pós-Graduação, o campus de Três Lagoas possui 8 cursos de Pós-Graduação stricto sensu, divididos em Mestrado, Mestrado Profissional e Doutorado, conforme a Tabela 2. Em 2020, se encontravam matriculados na Pós-Graduação 220 alunos no primeiro semestre e 196 no segundo semestre.

Tabela 2: Relação de cursos de Pós-Graduação *stricto sensu* ofertados pela UFMS/CPTL em 2020

Curso	Nível	Conceito CAPES	Vagas
Educação	Mestrado	A	24
Enfermagem	Mestrado	A	12
Geografia	Mestrado	4	16
Geografia	Doutorado	4	8
Letras	Mestrado Profissional	4	9
Letras	Mestrado	4	15
Letras	Doutorado	4	15
Matemática em Rede Nacional	Mestrado Profissional	5	20
TOTAL DE VAGAS			119

Fonte: Plano de Desenvolvimento Institucional UFMS – 2020-2024. Elaboração: CAMPOS, L. S. 2020.

Ao analisar os dados do ano de 2019, anterior a pandemia da COVID-19, verificamos a atração dos cursos do Campus de Três Lagoas a partir de respostas do perfil sociodemográfico que se encontra na página do Sistema Acadêmico (SISCAD) – cada estudante responde às questões em seu perfil. Por meio dessa plataforma obtivemos informações de 2029 estudantes provenientes de 10 diferentes estados além de Mato Grosso do Sul. O quadro 3 mostra as cidades de origem, a distância em quilômetros (em linha reta) de Três Lagoas e o número de estudantes que cada possui.

Quadro 3: Cidades de origem dos estudantes do CPTL (2019)

ESTADO/CIDADE	DISTÂNCIA EM KM	Nº DE ESTUDANTES	ESTADO/CIDADE	DISTÂNCIA EM KM	Nº DE ESTUDANTES
BAHIA			MINAS GERAIS		
Salvador	1.647,96 km	1	Iturama	196,31 km	1
Santa Rita de Cássia	1.339,17 km	1	Montalvânia	1.045,98 km	1
DISTRITO FEDERAL			Monte Carmelo	497,55 km	2
Brasília	687,00 km	1	Passos	531,11 km	1
GOIÁS			Patos de Minas	597,13 km	1
Anápolis	573,24 km	1	Piracema	754,09 km	1
Córrego do Ouro	514,77 km	1	São Sebastião do Paraíso	499,11 km	1
Goiânia	524,61 km	7	Uberaba	405,91 km	4
Piranhas	487,42 km	1	Uberlândia	415,42 km	3
Pontalina	428,57 km	1	PARÁ		
Rianópolis	636,28 km	1	Ananindeua	2.206,66 km	1
Rio Verde	344,57 km	1	PARANÁ		
São Patrício	637,71 km	1	Assis Chateaubriand	443,48 km	2
Valparaíso de Goiás	655,73 km	1	Curitiba	579,50 km	2
MATO GROSSO			Diamante do Norte	239,92 km	1
Cuiabá	742,14 km	6	Londrina	284,89 km	1
Guarantã do Norte	1.263,94 km	1	Toledo	482,57 km	1
Tangará da Serra	917,91 km	1	PERNAMBUCO		
MATO GROSSO DO SUL			Carnaubeira da Penha	1.965,43 km	1
Água Clara	128,74 km	7	Ouricuri	1.901,21 km	1
Anaurilândia	189,63 km	1	Petrolina	1.809,96 km	1
Aparecida do Taboado	100,88 km	5	Serra Talhada	2.016,87 km	1
Bataguassu	127,49 km	6	RIO DE JANEIRO		
Brasilândia	62,86 km	11	Aperibé	1.003,64 km	1
Campo Grande	307,38 km	18	Duque de Caxias	891,62 km	1
Corumbá	656,70 km	1	Macaé	1.043,70 km	1
Inocência	121,77 km	3	São Gonçalo	917,09 km	1
Paranaíba	136,06 km	3	SÃO PAULO		
Selvíria	55,83 km	5	Adamantina	117,80 km	7
Sete Quedas	490,39 km	1	Alvinlândia	272,92 km	1
Sidrolândia	338,78 km	1	Américo de Campos	212,93 km	1
Três Lagoas	-	1144	Andradina	35,85 km	227
MINAS GERAIS			Aparecida d'Oeste	93,37 km	1
Araguari	438,76 km	1	Araçatuba	137,62 km	11
Araxá	510,30 km	2	Araraquara	381,77 km	1
Belo Horizonte	816,56 km	2	Arealva	321,52 km	1
Campestre	573,35 km	1	Assis	245,44 km	2
Carneirinho	159,01 km	1	Auriflama	120,84 km	3
Cássia	496,75 km	1	Avanhandava	196,22 km	1
Dores do Indaiá	656,10 km	1	Avaré	387,08 km	1
Frei Inocência	1.055,68 km	1	Bady Bassitt	234,40 km	1
Governador Valadares	1.037,85 km	1	Bariri	338,57 km	1
Itabirinha de Mantena	1.126,28 km	1	Bauru	323,02 km	5
			Bebedouro	337,17 km	1
			Birigui	152,34 km	5
			Botucatu	409,05 km	1
			Buritama	163,98 km	1

ESTADO/CIDADE	DISTÂNCIA EM KM	Nº DE ESTUDANTES	ESTADO/CIDADE	DISTÂNCIA EM KM	Nº DE ESTUDANTES
SÃO PAULO			SÃO PAULO		
Cafelândia	245,74 km	2	Panorama	65,22 km	3
Campinas	533,70 km	2	Paraguaçu Paulista	216,61 km	1
Campo Limpo Paulista	576,01 km	1	Paulicéia	60,15 km	3
Castilho	23,98 km	96	Penápolis	182,18 km	4
Catanduva	285,56 km	1	Pereira Barreto	64,05 km	23
Coroados	159,86 km	1	Pindamonhangaba	688,69 km	2
Cravinhos	416,27 km	1	Piracicaba	470,37 km	1
Diadema	616,14 km	1	Potirendaba	244,22 km	1
Dracena	80,24 km	9	Presidente Epitácio	117,64 km	1
Fartura	368,81 km	1	Presidente Prudente	155,44 km	2
Fernandópolis	163,42 km	10	Promissão	209,34 km	2
Floreal	162,48 km	1	Regente Feijó	165,95 km	1
General Salgado	140,99 km	1	Ribeirão Preto	406,15 km	3
Guaraçai	57,92 km	15	Rinópolis	145,12 km	2
Guararapes	121,58 km	2	Rio Claro	466,40 km	1
Guarulhos	608,32 km	2	Rubinéia	99,97 km	1
Iacri	158,03 km	1	Santa Adélia	306,43 km	1
Ibitinga	316,66 km	1	Santa Fé do Sul	103,29 km	3
Ilha Solteira	54,42 km	114	Santa Mercedes	62,69 km	2
Itapura	25,98 km	15	Santa Rosa de Viterbo	457,09 km	1
Ituverava	411,05 km	1	Santo Anastácio	132,92 km	1
Jacareí	650,27 km	1	Santo André	618,34 km	1
Jales	133,55 km	7	São Carlos	419,40 km	2
Jau	364,89 km	3	São Joaquim da Barra	399,43 km	1
José Bonifácio	212,49 km	3	São José do Rio Preto	240,40 km	18
Jundiá	566,66 km	1	São José dos Campos	660,52 km	1
Lavínia	80,36 km	3	São Manuel	390,18 km	1
Lençóis Paulista	359,33 km	2	São Paulo	605,47 km	3
Limeira	484,69 km	1	Sertãozinho	386,37 km	1
Lins	224,74 km	1	Sud Mennucci	81,43 km	2
Lucélia	124,90 km	3	Sumaré	510,00 km	1
Luiziânia	172,07 km	1	Tanabi	213,92 km	2
Marília	239,34 km	8	Taubaté	679,72 km	1
Marinópolis	99,39 km	1	Terra Roxa	350,05 km	1
Matão	356,62 km	1	Três Fronteiras	104,34 km	1
Mirandópolis	72,81 km	32	Tupi Paulista	67,59 km	3
Mirassol	227,56 km	3	Uchoa	263,15 km	2
Mogi das Cruzes	640,24 km	1	Urânia	124,86 km	1
Monte Castelo	58,49 km	1	Várzea Paulista	566,42 km	1
Murutinga do Sul	49,45 km	6	Viradouro	354,67 km	1
Neves Paulista	215,59 km	2	Votuporanga	185,65 km	4
Nhandeara	173,05 km	2	TOTAL		2029
Nova Independência	41,81 km	7			
Novo Horizonte	267,05 km	3			
Osasco	591,90 km	1			
Osvaldo Cruz	140,86 km	2			
Pacaembu	96,69 km	1			

Fonte: Perfil Sociodemográfico UFMS (2020). Elaboração: CAMPOS, L. S. 2021.

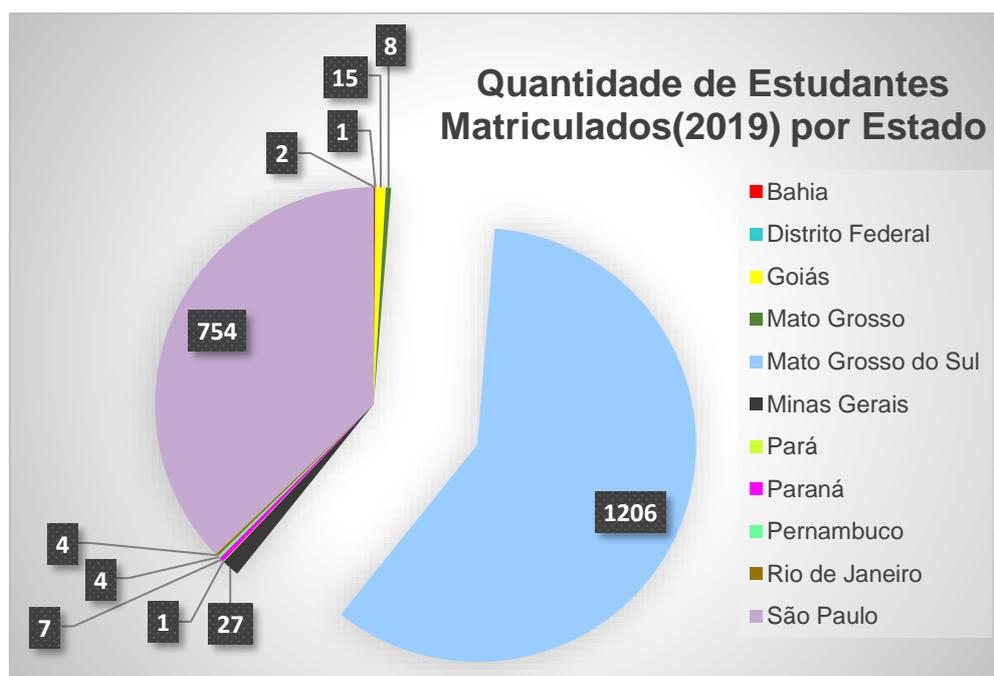
Através dos dados relacionados aos alunos matriculados no ano de 2019 que responderam ao questionário do perfil sociodemográfico na página do SISCAD da UFMS, reforçamos mais uma vez a influência e atração do Campus de Três Lagoas em âmbito nacional.

O registro mais distante foi a cidade de Ananindeua, no Pará, à 2206,66 km de distância, e a mais próxima foi Castilho, no estado de São Paulo, à 23,98 km.

As cidades de origem que mais se destacam, com exceção de Três Lagoas, foram: Andradina, Ilha Solteira, Castilho, Mirandópolis, Pereira Barreto, São José do Rio Preto, Campo Grande, Guaraçaí e Itapura, com maior número de alunos. Verificamos que as cidades predominantes são as da região noroeste do estado de São Paulo.

Dentre as cidades do estado do Mato Grosso do Sul de onde mais se advém estudantes, sinalizam de forma mais significativa apenas as cidades de Campo Grande, Brasilândia e Água Clara, o que reforça que a rede urbana definida pela variável educação em Três Lagoas, extrapola os limites políticos e administrativos de sua região definida pelo IBGE (Região Leste de MS), ao expor que de 2029 estudantes são provenientes de 10 diferentes estados brasileiros, especialmente no estado de São Paulo, além de Mato Grosso do Sul, como podemos ver no gráfico sobre a quantidade de estudantes matriculados no ano de 2019.

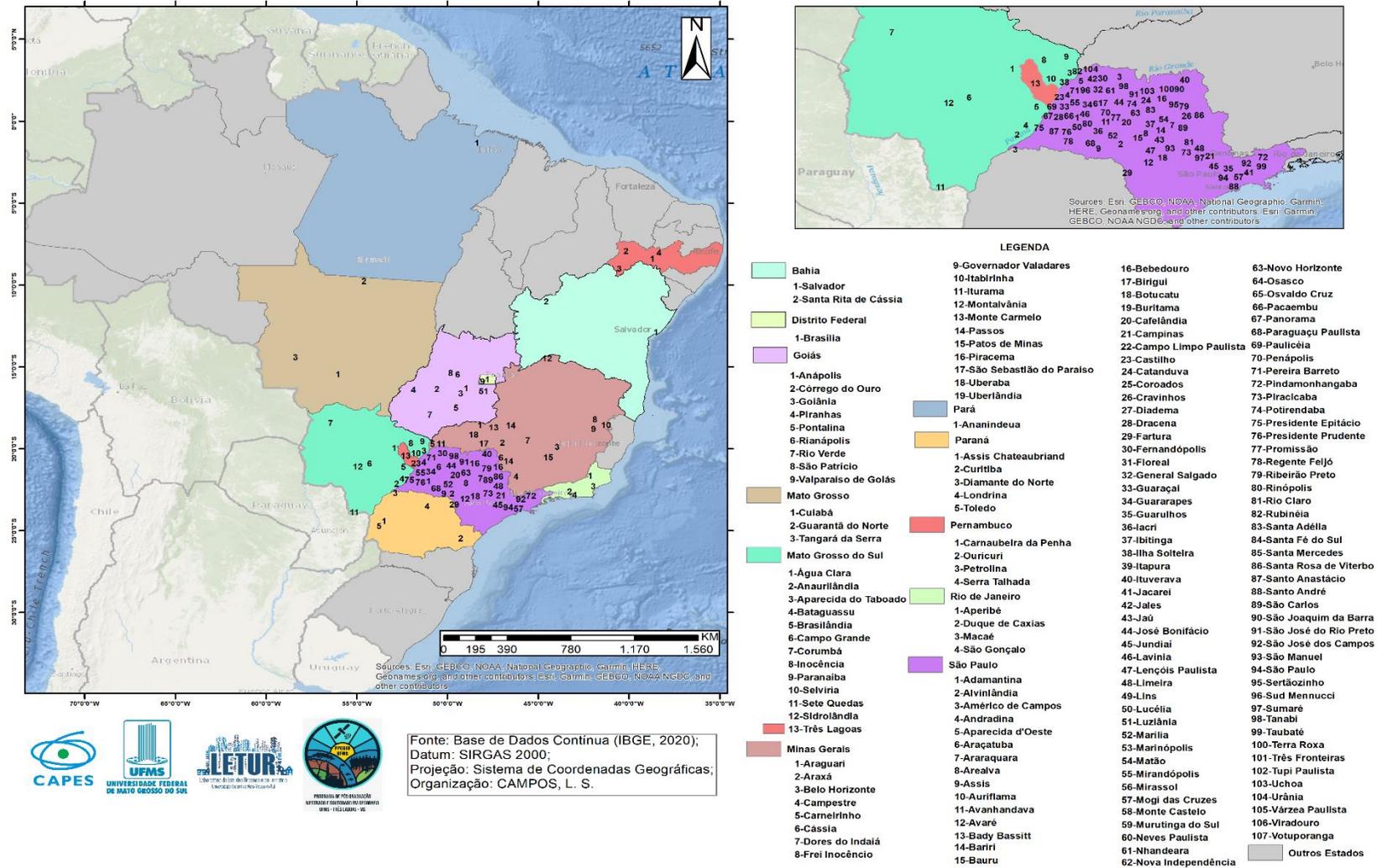
Gráfico 1: Quantidade de Estudantes Matriculados (2019) por Estado.



Fonte: Perfil Sociodemográfico UFMS (2020). **Elaboração:** CAMPOS, L. S. (2021).

Na Figura 8 representamos a localização das cidades de origem dos estudantes do CPTL, na escala nacional. É possível ver a representatividade do estado de São Paulo quando comparado, principalmente, ao estado de Mato Grosso do Sul. Isso mais uma vez nos chama atenção para importância e influência dos meios de ingresso na UFMS, no que condiz ao SiSU, que possibilita a abrangência de estudantes oriundos de todo o território nacional.

Figura 8: Alcance da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul de acordo com as cidades de origem de seus estudantes (2019)



Organização: CAMPOS, L. S. (2021)

Ao discutirmos o recorte espacial da pesquisa, a cidade de Três Lagoas, bem como suas lógicas de produção espacial e seu papel significativo no oferecimento dos serviços, compreendemos a lógica e condição de atração da cidade por aqueles que decidem estabelecer moradia na condição de estudantes. Destacamos, especificamente, a representatividade do Campus de Três Lagoas na região, pelo oferecimento de uma quantidade significativa de cursos de Graduação e Pós-Graduação, que permite aqueles que buscam a educação superior permanecer na cidade por mais tempo, a fim de concluírem sua formação e buscarem especialização profissional posterior, com a inserção na pós-graduação.

O nível de atração da UFMS em Três Lagoas perpassa os limites regionais ao alcançar a escala nacional. A instalação dos estudantes na cidade, principalmente aqueles que não residem nas cidades próximas ou que pretendem se inserirem em pesquisas, por exemplo, pode ser assistida a partir de ações de suporte à permanência oferecidas pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. De acordo com Plano de Desenvolvimento da Unidade, o PDU 2018-2021²¹ do Campus de Três Lagoas:

As principais ações para o suporte à permanência oferecidas pela unidade são: auxílio permanência; auxílio moradia; bolsa permanência de apoio à atividade acadêmica; auxílio creche; auxílio para participação em eventos.; auxílio emergencial e atendimentos assistenciais.

As políticas que auxiliam a permanência dos estudantes na universidade são essenciais e a partir disso, permite ou facilita que os estudantes se insiram nas diversas atividades ligadas à pesquisa, ensino e/ou extensão no espaço universitário, atividades que geralmente acontecem em outros horários, para além das aulas, o que dificulta a participação de alunos que tenham outras ocupações, como empregos.

Na próxima Seção, discutiremos a noção de território a partir da compreensão de que este nos auxilia a apreender sobre os processos e fenômenos decorrentes das práticas dos estudantes, a partir do momento que se estabelecem na cidade de Três Lagoas e passam a produzir microterritorialidades.

²¹ Disponível em: <https://cptl.ufms.br/files/2019/05/PDU-CPTL-versao-final.pdf>. Acesso: 13 de maio de 2021.

3. AS PRÁTICAS ESPACIAIS DOS ESTUDANTES E AS MICROTERRITORIALIDADES

Trabalhamos nesta seção com as práticas espaciais, na perspectiva de compreender, através da investigação das práticas cotidianas ligadas ao habitar, consumir (lazer e alimentação) e estudo na cidade de Três Lagoas, como os estudantes produzem suas microterritorialidades na cidade.

Para os estudantes vimos que o espaço da universidade é o primeiro campo de possibilidades para construção e práticas coletivas a partir da socialização entre os grupos, tendo em vista que a UFMS se torna seu primeiro “território”, a partir do qual podem conhecer e conviver em outros espaços, na maioria das vezes com o mesmo grupo de convivência da universidade.

A partir do campo de poder de relações socioespaciais, cria-se outra maneira de compreender a dimensão política do território. Ademais, o território também possui um espaço simbólico, que serve de referência para a construção de identidades.

Com base na leitura de Martins e Carrano (2011), no que se referem as manifestações das culturas juvenis presentes na cidade e na escola, podemos dialogar com a construção de identidades também no espaço da universidade, como espaço privilegiado de representações e símbolos. A sociabilidade dos grupos de estudantes manifesta-se através das práticas espaciais cotidianas, no âmbito dos estudos (na própria universidade) e práticas ligadas ao consumo e lazer, e tem a possibilidade de ressignificar lugares na cidade a partir de especificidades próprias dos grupos de estudantes, pois:

A produção das identidades, além de demarcar territórios de sociabilidades e de práticas coletivas, põe em jogo interesses em comum que dão sentido ao “estar junto” e ao ser dos grupos. Nos territórios culturais juvenis delineiam-se espaços de autonomia conquistados pelos jovens e que permitem a eles e a elas transformar esses mesmos ambientes ressignificando-os a partir de suas práticas específicas (MARTINS E CARRANO, 2011, p. 45).

No que concerne as territorialidades dos estudantes para a reprodução de suas práticas sociais, compreendemos que a territorialidade remete a aquilo que faz de qualquer espaço um território, ou seja, relações de poder espacialmente delimitadas e operando sobre um substrato referencial (SOUZA, 2017). Assim, faz-se necessário

entender que, na relação entre poder e território deve-se abarcar além do conceito interligado ao território do Estado-Nação, pois:

[...] assim como o poder não se circunscreve ao Estado nem se confunde com a violência e a dominação (vale dizer, com a heteronomia), da mesma forma o conceito de território deve abarcar infinitamente mais que o território do Estado-Nação. **Todo o espaço definido e delimitado por e a partir de relações de poder é um território**, do quarteirão aterrorizado por uma gangue de jovens até o bloco constituído pelos países-membros da OTAN (SOUZA, 2017, p. 111, grifo nosso).

Além de destacar outras formas de poder (as quais discutiremos mais adiante sobre as dimensões do poder heterônimo e autônomo, nesta mesma seção), o autor aborda a ideia do conceito de território político, ou seja, moldado por relações sociais, das quais pode-se exercer poder. Desta forma, Souza (2018, p. 88) entende que, antes de tudo, o que define o território é o poder e o que o determina é o político, que seriam os sujeitos a partir da dimensão política de suas relações sociais no espaço, neste caso nos espaços cotidianos, de convivência.

Ao entendermos que os territórios são “campos de força” (SOUZA, 2017, p. 97), os quais só existem enquanto as relações sociais durarem em sua projeção espacial, compreendemos que este território é político, consiste-se assim como o motivo condutor e expressão das relações e do exercício de poder, incluindo aqui, a escala do cotidiano.

Em se tratando de território e seu substrato espacial e a perspectiva de poder, para além da dominação do Estado, é possível o estabelecimento de relações de poder a partir da territorialidade do espaço social, em um coletivo autônomo:

O espaço social, delimitado e apropriado politicamente enquanto território de um grupo, é suporte material da existência e, mais ou menos fortemente, catalisador cultural-simbólico – e nessa qualidade, indispensável fator de autonomia (SOUZA, 2017, p. 108).

A conectividade dos sujeitos com o substrato espacial material e, eventualmente, também aos próprios significados culturais atribuídos a formas espaciais, uma ligação identitária entre certo grupo social e o espaço (SOUZA, 2018).

Ao refletir sobre o território como coexistência da diversidade num mesmo lugar, para Turra Neto (2015) é difícil estudar território, sem ao mesmo tempo, o

espaço, pois o território seria uma conformação espacial particular, num movimento mais amplo de espacialização do mundo pelos sujeitos sociais em ação e relação com a materialidade social, num lugar determinado, ideia da qual compartilhamos para o desenvolvimento desta pesquisa.

Compreendemos a partir do debate de Souza (2018) que o poder se subdivide em duas dimensões, o poder heterônomo e o poder autônomo. O poder heterônomo seria o poder imposto, relacionado com o poder do Estado-Nação, empresas ou corporações, o tráfico de drogas ou a milícia em uma comunidade, por exemplo. Já o poder autônomo está relacionado a instâncias de poder e relações horizontais entre as pessoas, como grupos sociais ou movimentos sociais, ainda que este último também possa ser organizado também pelo poder heterônomo.

No que condiz ao “poder em estado puro”, ou seja, um poder sem recursos de violência e opressão, Souza (2018, p. 85 e 86) destaca que:

Enquanto o poder heterônomo dificilmente poderá renunciar ao auxílio sistemático e ostensivo da violência, ainda que apenas na qualidade de uma ameaça ou intimidação [...], a coisa se coloca de maneira bem diversa em se tratando de um poder autônomo. Este, é bem verdade, talvez não possa renunciar completamente de instrumentos de coerção e mesmo violência, seja com a finalidade de autodefesa em meio ao mundo heterônomo [...].

Desta maneira, no poder autônomo a violência torna-se algo desprezado e utilizado como em último recurso, não como coerção, culto ou reverência a um “ser maior”. A discussão torna-se necessária para concebermos a diferenciação dos poderes articulados para a definição de microterritórios em nossa pesquisa.

Entendemos que há uma relação de unidade entre o espaço e território, sendo o território resultado do processo de produção do e no espaço. Além do mais, a territorialização é essencial para compreender este processo, pois torna-se uma referência para o nosso debate acerca da produção do espaço urbano a partir das vivências dos sujeitos sociais, mesmo sem a efetiva materialização, se considerarmos, por exemplo, a movimentação dos jovens nas redes sociais no que condiz a organização das práticas de lazer, como festas e qual bar será o frequentado da vez:

Embora todo território tenha uma territorialidade (tanto no sentido abstrato de “qualidade ou condição de ser território” quanto no de sua dimensão real-simbólica), nem toda territorialidade – ou, se quisermos, também, aqui, espacialidade – possui um território (no sentido de sua efetiva realização material) (HAESBAERT, 2009, p. 106).

Como veremos na subseção 3.2, a partir da movimentação nas redes sociais como Twitter e Facebook, através da divulgação de eventos e páginas que falam de forma anônima e despojada do dia a dia na universidade, como a “Spotted UFMS”, os estudantes têm o poder de negociar encontros, que por sua vez, acabariam por se tornarem territórios materiais nos encontros em espaços de lazer e consumo, como bares e festas organizadas pelos próprios estudantes.

Vale destacar a possibilidade de compreendermos a constituição de territorialidades também nos fluxos, sendo possível através dos desdobramentos do conceito de território. Como explica Souza (2017, p. 86), o território será um campo de forças, uma teia ou rede de relações sociais sem que haja uma sobreposição entre espaço concreto e o território, podendo constituir-se e dissipar-se de modo rápido sobretudo quando consideramos as práticas espaciais.

A dinâmica da produção de microterritorialidades na cidade pelos sujeitos sociais, pode nos revelar os modos de apropriação que os grupos fazem do espaço como momento da produção espacial, como destaca Carlos (2018), é a reprodução da sociedade através da produção/reprodução espacial:

A sociedade, ao produzir-se, o faz num espaço determinado, como condição de sua existência, mas através dessa ação, ela também produz, conseqüentemente, um espaço que lhe é próprio e que, portanto, tem uma dimensão histórica com especificidades ao longo do tempo e nas diferentes escalas e lugares do globo (CARLOS, 2018, p. 53).

O que possibilita a fluidez da territorialidade é a articulação dinâmica dos territórios via as redes de circulação e comunicação atuais, no período em que denominamos técnico-científico-informacional (SANTOS, 2008). A mobilidade espacial propicia a multiterritorialização de parte da sociedade (daqueles que possuem acesso aos meios tecnológicos), em que nesses casos, não há a perda de espaços e territórios, mas sim a des-re-territorialização (a vivência constante em

diversos territórios, porém não simultânea). A multiterritorialidade deve ser bem compreendida pois, por outro lado:

É na dimensão mais propriamente social da desterritorialização, tão pouco enfatizada, que o termo teria melhor aplicação, pois quem de fato perde o “controle” e/ou a “segurança” sobre/em seus territórios são os mais destituídos, aqueles que se encontram mais “desterritorializados” ou, em termos mais rigorosos, mais precariamente territorializados (HAESBAERT, 2007, p. 20).

Significa que é possível um controle social através da territorialização dos indivíduos, que varia conforme sua sociedade ou cultura, grupo e pelo poder aquisitivo. Por isso, mesmo dentro das novas articulações que originam os territórios-rede, interligados pelos fluxos materiais/físicos e imateriais, em nosso caso, a partir da comunicação virtual através de redes sociais como Twitter, Facebook e Instagram, com a criação de páginas e perfis voltados ao cotidiano da universidade, atléticas e cursos, ainda sim estamos longe de um território global, segundo Haesbaert (2007).

Sendo a territorialização as relações sociais de poder expressas no espaço, poder esse que se expressa do mais concreto ao mais simbólico (HAESBAERT, 2014, p. 339), consideramos alguns desdobramentos sobre questões acerca das territorialidades e das multiterritorialidades pertinentes, é o que apresentaremos na próxima seção secundária.

3.1 TERRITORIALIDADES E AS MULTITERRITORIALIDADES

A compreensão sobre o território nos auxilia a apreender sobre os processos e fenômenos decorrentes das ações dos atores sociais, que podem ser uma instituição, um indivíduo ou uma coletividade (HEIDRICH, 2010, p. 27) que ao se manifestarem acabam por criar diversas territorialidades.

Para isso, apresentamos nesta subseção alguns desdobramentos em relação à noção de territorialidades e multiterritorialidades a partir das leituras de Haesbaert (2014), Saquet (2011) e Heidrich (2010), em articulação com o debate anterior.

No início de seu livro²², Haesbaert (2014, p. 20) aponta aspectos importantes da discussão sobre a territorialidade ao compreender que o conceito de sociedade

²² O Mito da Desterritorialização: do “fim dos territórios” à multiterritorialidade

está imbricado a sua territorialização, no que condiz a espacialização dos indivíduos e ao entender o espaço social e a sociedade como dimensões interligadas. Sendo assim, não há como definir o indivíduo, o grupo, a comunidade, a sociedade sem ao mesmo tempo inseri-los num determinado contexto geográfico, territorial (HAESBAERT, 2014, p. 20).

Ao destacar a ligação entre o espaço social e sociedade, o autor nos leva a discutir mais uma vez sobre a apropriação do espaço enquanto proporção de poder e reprodução dos grupos sociais (ou também enquanto indivíduos). Ao ter múltiplos papéis, o território pode ter atuação como abrigo, fonte de recursos, controle ou até mesmo como simbologia a determinados grupos:

Enquanto alguns grupos se territorializam numa razoável integração entre dominação e apropriação, outros podem estar territorializados basicamente pelo viés da dominação, num sentido mais funcional, não apropriativo [...] Territorializar-se, desta forma, significa criar mediações espaciais que nos proporcionem efetivo “poder” sobre nossa reprodução enquanto grupos sociais [...] (HAESBAERT, 2014, p. 96 e 97).

Assim como o território, o poder sempre será multidimensional e multiescalar. Saquet (2011) dialoga com esta ideia ao definir que as territorialidades e as temporalidades são relacionais e multidimensionais, indo além ao adicionar que também são econômicas, políticas e culturais. São processualidades territoriais-espaciais. O autor entende a territorialidade da seguinte forma:

Entendemos a **territorialidade** em quatro níveis correlatos: a) como **relações** sociais, identidades, diferenças, redes, malhas, nós, desigualdades e conflitualidade; b) como **apropriações** do espaço geográfico, implicando dominações e delimitações precisas ou não; c) como comportamentos, **intencionalidades**, desejos e necessidades e, por fim, d) como **práticas** espaço-temporais, multidimensionais, efetivadas nas relações sociedade-natureza, ou seja, relações sociais dos homens entre si (de poder) e com a natureza exterior por meio de mediadores materiais (técnicas, tecnologias, instrumentos, máquinas...) e imateriais (conhecimentos, saberes, ideologia). A territorialidade é processada e relacional ao mesmo tempo. (SAQUET, 2011, p. 77-78)

A discussão sobre os níveis de territorialidade por Saquet (2011), nos auxilia a compreender que as relações de territorialização dos estudantes a partir de suas

práticas espaciais, ao se instalarem na cidade também podem ser temporais e complexas, estreitamente implicadas na reprodução das relações sociais e dos territórios. Ao ter essas características, a territorialidade avança frente ao conceito de território para representar o caráter de mobilização, organização e luta política (SAQUET, 2011) na condição de alavancar o desenvolvimento das relações sociais.

No que condiz a realização das territorialidades humanas, podemos abarcar a constituição de territórios múltiplos a partir da possibilidade de descontinuidades espaciais por meio dos chamados por Haesbaert (2014) de territórios-rede. A fluidez que possibilita essas ações é proporcionada e vivenciada no mundo contemporâneo graças ao “meio técnico-científico-informacional” (SANTOS, 2008) no que Haesbaert (2014) chama de múltiplos territórios ou multiterritorialidade, entendida como:

[...] consequência direta da predominância, especialmente no âmbito do chamado capitalismo pós-fordista ou de acumulação flexível, de relações sociais construídas através de territórios-rede, sobrepostos e descontínuos, e não mais de territórios-zona, que marcaram aquilo que podemos denominar modernidade clássica territorial-estatal (HAESBAERT, 2014, p.338)

Desta forma, a dinâmica das multiterritorialidades é desdobrada pela capacidade dos múltiplos sujeitos sociais ao promoverem relações de territorialização ou desterritorialização frente as possibilidades de mobilidade e as relações construídas nos espaços. Haesbaert (2014, p. 341), chama a atenção para o desdobramento dessas dinâmicas no que ele chama de *continuum* que vai do caráter mais concreto ao mais simbólico, sem que estejam separados um do outro dicotomicamente:

No caso de um indivíduo e/ou grupo social mais coeso, podemos dizer que eles constroem seus (multi)territórios integrando, de alguma forma, num mesmo conjunto, sua experiência cultural, econômica e política em relação ao espaço.

Portanto, a multiterritorialidade é capaz de conectar e articular diversas práticas territoriais, o que envolve interação territorial das relações sociais. O espaço social de hoje se distingue pela peculiar incorporação de tecnologia, que facilita as conexões e fluxos (HEIDRICH, 2010), então reconhecer os processos multiterritoriais nos ajuda a compreender melhor o espaço geográfico e as possibilidades de interação plural dos sujeitos ao desenvolverem territorialidades e/ou multiterritorialidades, percebendo que nas relações com outros indivíduos há o movimento do e no território, numa luta contínua no e pelo espaço e pelo território-lugar (SAQUET, 2011, p. 80).

Na cidade, as condições da forma urbana condicionam o espaço de vida dos diferentes sujeitos sociais de cada público. Como analisa Sposito (2018, p. 134):

Diferentes pessoas movimentam-se e apropriam-se do espaço urbano de modos que lhe são peculiares, segundo condições, interesses e escolhas que são individuais, mas que são, também, determinados historicamente, segundo diversas formas de segmentação: idade, perfil cultural, condições socioeconômicas, segmentação profissional, preferências de consumo de bens e serviços etc.

Ao significar o espaço e “funcionalizar” a partir de relações sociais, podemos discutir a formação das microterritorialidades, que seriam espaços formados por determinados indivíduos conforme alguns tipos de segmentação citadas por Sposito (2018), sendo capazes de produzir a cidade de forma material e imaterial, pois produzem territorialidades de convivência específicas. Na perspectiva das microterritorialidades, Turra Neto (2013, p. 10) discute que:

Não podemos perder de vista que esses sujeitos sociais se territorializam em um espaço que é, ele próprio, histórico e social, e que compreender a territorialização que ali se realiza depende também de conhecer suas condições de possibilidade, o que remete à própria materialidade do espaço. Ao mesmo tempo, é preciso considerar também que tal territorialização joga um papel importante no movimento incessante de produção dessa mesma materialidade.

No que se refere a territorialidades de convivências específicas, podemos exemplificar pela presença de grupos religiosos cristãos presentes no CPTL como o FISION e Grupo de Oração Universitária (GOU), sendo o primeiro interdenominacional²³ e o segundo ligado a organização religiosa católica, do Ministério Universidades Renovadas da Diocese de Três Lagoas.

Com o intuito de formarem grupos de apoio para adaptação na vida universitária apoiados na fé cristã, estes ocupam espaços da universidade, como salas de aula durante períodos de intervalo, em encontros semanais, ressignificando para alguns o espaço da universidade durante suas práticas, além de também estarem presentes na vida destes universitários além do espaço físico, com interações

²³ Interdenominacional refere-se ao que não distingue denominação religiosa; que não é exclusivo de uma igreja.

através de suas redes sociais no Facebook²⁴ e Instagram²⁵, como também em grupos de conversas no *WhatsApp*.

Sendo assim, a reflexão deve levar em consideração a coexistência dos sujeitos no espaço urbano, no movimento de mútua significação. O foco não são todas as práticas espaciais cotidianas dos sujeitos, mas sim aquelas que “fundam – alteram, ressignificam, anulam, recriam – territórios”. (TURRA NETO, 2013, p. 10).

A partir da discussão proposta nesta Seção 3 sobre a produção de territórios no espaço urbano, podemos levar em consideração que é um tema de debate rico e que o estudo dos sujeitos sociais e de suas práticas cotidianas nas cidades no âmbito do habitar, estudar e consumir, produzem microterritorialidades, as quais vamos adentrar na próxima Seção ao também trabalhar as práticas espaciais dos estudantes na cidade.

3.2 COMO VIVO A CIDADE?

Entendemos a cidade como lugar de apropriação da vida, como campo de referência para as práticas dos sujeitos sociais.

Para Milani (2016, p.66), é possível considerar as práticas espaciais tanto no nível mais concreto do cotidiano como em suas subjetividades, sentidos e significados no espaço e tempo em que são praticadas.

No âmbito do fazer – dimensão fundamental da vida cotidiana -, as práticas são tão importantes quanto suas relações com a subjetividade; em outras palavras, os sentidos fazem referência ao porquê os sujeitos fazem o que fazem, incluindo porquês mais profundos, dos quais os sujeitos não têm consciência.

Ao compartilharmos essa compreensão, nos cabe a discussão das relações estabelecidas entre os sujeitos e o espaço, tendo em mente que, mesmo compartilhando um tempo e espaço em uma lógica homogênea capitalista, em que os modos de vida são expressos nos meios de comunicação, as práticas espaciais podem ser ressignificadas pelos sujeitos a partir do vivido, das experiências espaço-temporais que produzem o espaço, tanto material como simbolicamente (MILANI, 2016, p.67).

²⁴ Página do Facebook do Ministério Universidades Renovadas da Diocese de Três Lagoas: <https://www.facebook.com/murdioceset/>

²⁵ Página do Instagram do Grupo FISION CPTL: https://www.instagram.com/fison_cptl/

De acordo com Carlos (2014, p. 475), é por meio do corpo e de todos os seus sentidos que acontece a apropriação de determinados espaços na cidade, sendo o lugar onde os sujeitos sociais marcam suas presenças durante determinados momentos da vida.

Carlos (2014) destaca a importância da corporeidade dos sujeitos no espaço ao afirmar o corpo como ponto de partida da materialidade na cidade, necessária para a realização das relações sociais, uma vez que a objetividade do mundo só tem sentido por e a partir dos sujeitos ao se apropriarem dos lugares de realização da vida. Portanto, é a partir da ocupação dos indivíduos por meio das práticas espaciais e sociais que o corpo corresponde a ações de produção espacial na cidade, e reflete a prática espacial real, concreta, com as contradições vividas, pois:

Desse modo, a cidade, como prática social, é espaço-tempo da ação que funda a vida humana em sua objetividade/subjetividade, superando-a como simples campo de experiência. Como produto social, lugar da vida humana, condição da reprodução envolve dois planos: o individual (que se revela, em sua plenitude, no ato de habitar) e o coletivo (plano da realização da sociedade) como história (CARLOS, 2014, p. 475).

No debate sobre o poder do corpo no espaço da cidade, Carlos (2014), continua a argumentar sobre a importância do corpo como meio de relacionar o homem com o espaço, como sendo uma relação dialética de subordinação/subversão, de mediação necessária para o relacionamento dos homens no mundo e com os outros.

Desvendar o espaço da cidade como um meio, produto e condicionador das relações sociais traz uma solidez as pesquisas socioespaciais pois, não há como haver mudanças nas relações sociais sem a organização espacial, ela terá de ser, pois, uma mudança socioespacial (SOUZA, 2018, p. 236). Abordamos por meio das práticas espaciais dos estudantes da UFMS a conformação de microterritorialidades na cidade de Três Lagoas.

A partir do momento em que, ao buscar a formação acadêmica, os estudantes acabam por iniciar novos ciclos em suas vidas: a responsabilidade do preparo para sua futura profissão e a vida em uma cidade nova, longe dos pais, da família e dos amigos. Como novos habitantes da cidade em um período de no mínimo quatro ou cinco anos, esses estudantes tornam-se também sujeitos ativos da produção espacial de Três Lagoas conforme introduzidos à vida urbana da cidade, por meio da

apropriação de espaços e utilização de serviços para a reprodução da vida cotidiana – casa, transporte, saúde, alimentação, etc.

A universidade pública, como destacam Coutrim, Carioca e Dulci (2009), a partir da década de 1980 passou a se dirigir mais a um público eclético, principalmente com diversas camadas sociais frequentadores dos cursos noturnos, abriu-se a oportunidade pela busca da formação superior, dado ao mercado de trabalho mais seletivo e exigente que pressiona a juventude e também pessoas com mais idade.

Quando falamos em jovens e juventude, compreendemos que estas não são definições fáceis de serem esclarecidas, pois abrangem uma diversidade de critérios históricos e culturais dentro das categorias sociais. Em relação a faixa etária, como apontamos acima, de acordo com Lima (2018), considera-se aspectos como a aquisição de autonomia, inserção no mercado de trabalho, estilo de vida entre outros, a partir de características estruturais e culturais de uma sociedade.

O autor também aponta que, no Brasil, baseada na definição de faixa etária de jovens na América Latina da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO), aumentou-se a categorização etária dos jovens:

Passou a definir como jovens os sujeitos com idades entre 15 e 29 anos de idade, dividindo-os em subgrupos, que são os seguintes: 15 a 17 anos – jovem adolescente; 18 a 24 anos – jovem-jovem; 24 a 29 anos – jovem adulto (SOUZA; PAIVA, 2012 *apud* LIMA, 2018)

Além da classificação etária, compreendemos que a juventude também é composta por especificidades, influenciadas pelo meio social em que os sujeitos convivem. Segundo Dayrell (2003, p. 24):

A juventude constitui um momento determinado, mas não se reduz a uma passagem; ela assume uma importância em si mesma. Todo esse processo é influenciado pelo meio social concreto no qual se desenvolve e pela qualidade das trocas que este proporciona.

Vivenciar a vida universitária é um processo de adaptação no curso da vida do jovem em um novo meio social e, logo de início, a primeira relação criada com a cidade é também o espaço em que esse estudante vai passar boa parte de seu tempo diário: a Universidade. O Campus da UFMS é o primeiro lugar de reprodução da nova vida na cidade, para aqueles que passaram a morar em Três Lagoas para estudar.

A partir das análises das informações produzidas com base na realização de entrevistas, observações nos espaços ocupados pelos estudantes (como descrevemos na metodologia), foi possível compreender a atuação dos estudantes no espaço e a partir de suas práticas cotidianas a formação de microterritorialidades na cidade, tendo como ponto de partida a sociabilidade desenvolvida na universidade – a conformação de grupos de estudantes que se identificam, criam/desenvolvem relações de amizade.

Como explicitado na Seção 1 deste trabalho, por meio das entrevistas buscamos compreender a relação dos estudantes com a UFMS, considerando que em seu cotidiano este seja o lugar no qual eles mais frequentam, isto significa que, é o local da cidade mais apropriado, em que a realização da vida cotidiana através de relações sociais é mais frequente.

O cotidiano ganha importância pois ao compreendê-lo, é possível entender as formas de apropriação e uso do espaço na constituição da vida, sendo esta condição de reprodução da sociedade atual (CARLOS, 2004, p. 42). A autora corrobora com Lefebvre quando o autor atribui a sociedade como constituinte de uma realidade que engloba e transcende a cidade e o lugar, compreendemos que é na vivência cotidiana que a sociedade se reproduz socioespacialmente.

No âmbito dos cinco estudantes entrevistados, todos têm uma condição em comum: possuem ou já possuíram uma relação acadêmica expandida como a participação em iniciativas da universidade no que condiz a programas de pesquisa, ensino e extensão.

A participação em atividades extracurriculares reflete muito na vida do estudante, pois nos dá noção de como ocorre sua apropriação na cidade a partir do que ele convive fora dos espaços da UFMS, como no caso de Pedro, de 43 anos, estudante do 4º ano do curso de Graduação em Geografia que, em suas palavras, “vive” a universidade, quando perguntado sobre as atividades diárias:

Eu posso me definir que se tem alguém que vive a universidade, esse é alguém sou eu, *né?* Porque eu tenho atividades de manhã pelo PET²⁶, nos dias da manhã. À tarde eu *tô* envolvido com grupos de trabalho, grupo de pesquisas ou até mesmo projetos, *né?* Que a universidade promove, que algum...Enfim, tem vários projetos com a

²⁶ Programa de Educação Tutorial.

universidade e a gente se envolve, então a gente *tá* sempre à tarde também na universidade. E a noite é o período da minha, das minhas aulas, *né?*

Então, eu vivo a universidade de manhã, à tarde e à noite, essa é minha rotina. **Então, eu respiro universidade, não tenho... eu não tenho tanta vivência [...] A não ser nos finais de semana e feriados. [...] Eu vivo a universidade de segunda à sexta, de segunda à sábado, praticamente dois ou três turnos.** (Pedro, 43 anos, estudante de Geografia – Graduação - Grifos nossos)

Para estudantes como Pedro, a possibilidade de participar de programas relacionados a atividades acadêmicas extracurriculares em períodos adversos acaba por desenvolver uma relação mais estreita com o espaço da universidade.

A frequência na universidade acaba por ser constante, chegando a passar os três períodos (manhã, tarde e noite) neste espaço, que no fim acaba por transformar sua residência apenas em local de descanso. De forma semelhante ocorre a entrevistada Mariana, de 27 anos, aluna do Programa de Pós-Graduação em Geografia, Mestrado:

Durante a graduação, eu passava o dia todo na universidade, *né?* Como eu fiz o PET, eu chegava na universidade as vezes antes das 8h, entre às 7:00/ 7:30h e ficava no PET até às 11h. Aí almoçava e voltava *pro* PET... E ficava lá no PET estudando ou fazia estágio, ficava fazendo algumas atividades e ia *pra* aula e voltava pra casa só as 22:30.

Então, a minha casa era só de...lugar pra dormir, mesmo. Tomar banho e dormir, porque eu ficava mais na universidade. No mestrado, aí inverteu: como não tinha essa rotina de trabalho em grupo, então eu ficava mais em casa, ia *pra* universidade fazer as disciplinas ou participar dos grupos de estudos, mas voltava pra casa. (Mariana, 27 anos, estudante de Geografia – Pós-Graduação – Grifos nossos)

Mariana também relata a dificuldade de adaptação entre a Graduação e o Mestrado, no que condiz ao tempo em que frequentava a universidade, ao atribuir a quebra de hábito ao ambiente da universidade e os estudos em grupo, o que mostra a potencialidade das relações entre os alunos. No período que em que cursa o Mestrado, o espaço doméstico de sua residência se torna o espaço de maior vivência da entrevistada e isso também impacta suas experiências espaciais, dada a criação de um novo hábito no modo de vida, como ela destaca.

Verificamos que é na universidade a primeira base para a reprodução da vida e a construção de identidades entre os estudantes entrevistados na cidade: o primeiro

espaço apropriado e criado a partir da relação de uso. Carlos (2004, p.43) destaca que é através do uso que o sujeito social se relaciona com o lugar e o outro, criando uma relação de alteridade, tecendo uma rede de relações que sustentam a vida, conferindo-lhe sentido. A fala de Mariana é exemplar:

[Você acha que foi mais difícil acostumar a rotina fora da universidade?]

Eu acho. Porque eu fiquei 4 anos, 3 anos e meio trabalhando em grupo. Porque, por mais que seja difícil, eu acho muito melhor. É mais incentivador *pra* você fazer as coisas, *né?* **E você cria um hábito.**

Eu criei um hábito de estudar na universidade, né? E *pra* tirar isso depois é muito ruim, você criar outra rotina, outros hábitos pra estudar em casa, é muito mais devagar (Mariana, 27 anos, estudante de Geografia – Pós-Graduação – Grifos nossos).

Essa rede de relações criadas no âmbito dos espaços da universidade torna-se parte da construção do modo de ser do jovem universitário, uma identidade social criada em um novo espaço, longe de casa e da família, cria-se uma nova rotina, um *habitus*. Ao propor uma leitura do *habitus* de Pierre Bourdieu, Setton (2002) apropria-se deste conceito para pensar a relação entre as influências sociais exteriores e a subjetividade dos sujeitos. Mesmo que tenha sido formulada em um contexto específico, para a autora a noção pode adquirir um alcance universal, tornando-se possível analisar a partir das características mais diversas de indivíduos dispostos às mesmas condições de existência (SETTON, 2002, p. 62 e 63).

Como vimos nas falas da entrevistados sobre a rotina na universidade e como foi difícil a adaptação longe deste ambiente e dos colegas de laboratório, percebemos que durante esta nova fase constitui a uma identidade social a ser construída, a qual constantemente orienta o agir cotidiano desses jovens. O que podemos interpretar como um *habitus* universitário, que implica as experiências práticas do modo de vida construído naquele espaço, em que o jovem constitui a transição para uma nova fase de sua vida, sendo em nosso caso a UFMS, um eixo estruturador de novas referências no que condiz as práticas espaciais para os estudantes.

O *habitus* como um instrumento conceitual nos auxilia a apreender uma certa homogeneidade nas disposições, nos gostos e preferências de grupos e/ou indivíduos produtos de uma mesma trajetória social (SETTON, 2002, p. 64), que nos auxilia a

compreender que o ambiente da universidade para os estudantes vai além das relações de estudos, ele é um pilar em suas identidades em construção.

Desta forma, em relação à universidade, a quebra de relação com este espaço e tudo que dele é inerente, enfraquece a articulação entre os sujeitos - estudantes, que se mostra ainda mais fragilizado no que condiz as relações socioespaciais, no momento da pandemia do COVID-19, quando iniciou-se o modelo de aulas remotas (março de 2020), como destaca o entrevistado Marcos, de 23 anos, atualmente no 9º semestre do curso de graduação em Geografia:

A gente tem uma convivência muito constante na universidade com diferentes pessoas, né? Seja com as pessoas que são do nosso ciclo mais próximo, da geografia e até com pessoas que não são, né? Então, nesse sentido tá bem prejudicado. Porque essa convivência, ela acaba nos motivando no dia a dia, né? E agora nesse período de isolamento, a gente tem ficado *away*, né? Tipo, isolado em casa, tentando realizar as atividades como se estivéssemos presencialmente e as coisas não, não flui naturalmente como é no dia a dia, **porque no dia a dia você pode até um dia ou outro, não está tão motivado, estar mais cansado, mas tem alguém ali que tá do seu lado, que tá desenvolvendo junto com você e te dá apoio, né?** (Marcos, 23 anos, estudante de Geografia – Graduação – Grifos nossos)

Além da queixa pela adaptação a um novo modo de ensino à distância pelas plataformas online da UFMS, como o Ambiente Virtual de Aprendizagem (AVA) e as vídeo aulas, mostra-se clara a influência das apropriações e laços vividos e percebidos através do corpo no espaço da universidade, pois:

É através de seu corpo, de seus sentidos que o homem constrói e usa os lugares – um espaço usado em um tempo definido pela ação cotidiana. Isto é, o lugar é a porção do espaço apropriável para a vida – daí a importância do corpo e dos sentidos que comandam as ações, que envolvem e definem o ato de morar que tem a casa como centro, mas que a partir dela vai ganhando os significados dados pela articulação desta com o bairro, com a praça, com a rua através do movimento da vida (CARLOS, 2004, p. 44)

O enfraquecimento da relação com a universidade durante a pandemia ainda se mostra custosa aos estudantes, mesmo após um ano de atividades à distância de caráter emergencial, a perda da rotina de vida que possuíam em Três Lagoas nos

mostra que vai muito além das notas, como destaca Samantha, estudante do 7º semestre de Ciências Biológicas:

Foi bem difícil de acostumar porque eu tive que voltar pra casa dos meus pais, então era uma rotina totalmente diferente e quando eu *tava* na universidade, se eu queria estudar, eu ia na biblioteca, né? Então eu tinha um lugar pra estudar. E quando eu voltei pra casa, não tinha um lugar pra estudar.

Então eu tive que me acostumar com todo mundo falando ao mesmo tempo, **em ter que fazer várias atividades de casa que eu não tinha antes, outras responsabilidades**. Então, eu acho que foi bem difícil no EAD, principalmente não ter mais o contato com a biblioteca, com os livros que tinha lá, também porque não ter mais contato com o laboratório, então, no meu curso, que é biologia, foi muito complicado, o professor ter que gravar uma aula no laboratório ou simplesmente a gente ficar sem. Então, isso foi bem ruim, eu acho que, no geral, foi muito difícil de acostumar e eu espero voltar ao presencial logo, né? Mas a gente tem que esperar a vacina e tudo.

Acho que o EAD não foi um bom período para mim, assim, eu não gostei muito. Apesar das minhas notas serem maiores do que quando eu *tava* presencial, né? porque estar ali em casa, eu prefiro... eu preferia *tá* no presencial, ali, com os professores, pra tirar dúvida na hora que você quer e esse tipo de coisa (Samantha, 20 anos, estudante de Ciências Biológicas – Graduação – Grifos nossos).

A fala de Samantha corrobora mais uma vez para a compreensão da vida universitária como *habitus* na vida do jovem, sendo que depois de um período de construção de novas identidades e relações longe da casa dos pais/da família, em uma nova cidade, constroem-se um novo modo de vida que causa difícil adaptação a volta do estilo de vida anterior. Nos estudos de Honneth (2013) sobre o desenvolvimento social do eu do sujeito, a universidade seria um novo passo na formação da autonomia desse jovem estudante e as relações em grupo são de extrema importância para seu amadurecimento individual.

Mesmo a casa sendo o centro das ações de construção do espaço da vida na cidade, no caso dos estudantes, sobretudo aqueles que mantem relações estreitas em atividades extraclasse na universidade, a criação de laços e identificações com amigos e colegas ocorre no espaço da vida acadêmica, identificados e que ganham significado a partir da corporeidade, ou seja da apropriação pelos modos de uso através do corpo, o que nos ajuda a identificar a construção de uma cultura juvenil a partir das práticas cotidianas a partir das relações formadas na UFMS e, subsequente, na cidade de Três Lagoas.

Entendemos por culturas juvenis as experiências sociais dos jovens expressadas coletivamente mediante a construção de estilos de vida distintos, localizados fundamentalmente no tempo livre, ou nos espaços intersticiais da vida institucional (FEIXA, 1998, p. 84). Desta forma, o jovem estudante adquire estratégias no seio do espaço da universidade, ao encontrar-se com outros jovens, identificando-se com determinados comportamentos e valores, (alguns) diferentes dos vigentes no mundo adulto (FEIXA, 1998).

Para autores como Souza (2010, p.88), a cultura juvenil é uma expressão da construção social do sujeito no seu curso de vida, a qual enuncia uma condição de temporalidades e significações dos modos de vida e das práticas cotidianas, assim como exprime narrativas e espacialidades indeterminadas, conformando a passagem para vida adulta. Ao trabalhar identidades e práticas dos estudantes universitários moradores de repúblicas, o autor abre discussão para a sociabilidade universitária em meio ao universo das culturas juvenis, pois:

Ao passo em que elaboram práticas sociais, permeadas de tradições, rituais lúdicos e sociabilidades localizadas, a cultura universitária articula-se à globalidade das identidades culturais juvenis. Sua singularidade compreende as manifestações dos movimentos estudantis e politizados às práticas inscritas em culturas e imagens urbanas disseminadas e diferenciadas (SOUZA, p. 17, 2010).

Compreendemos assim que, em meio a amplitude das culturas juvenis, podemos identificar a cultura universitária como uma, mesmo com suas particularidades de universidade para universidade, ou até de campus para campus, a questão da identidade através das vestimentas (camisetas das atléticas, dos cursos, acessórios, etc), festas e outras atividades na cidade, permitem entendê-la como uma forma de autoexpressão dos estudantes e seu modo de vida.

Atividades de integração entre os universitários são oferecidas dentro da UFMS no início do primeiro semestre. Além da já comum recepção dos calouros promovida pela instituição, atualmente há o Show de Verão (Figura 9), evento que permite a confraternização por meio da promoção de atividades artísticas e culturais e que acontece em todas as unidades da UFMS:

Música, comidas e bebidas, brincadeiras e muita descontração e alegria marcaram os eventos e proporcionaram a inclusão e a

socialização entre acadêmicos veteranos e calouros, bem como democratizar o acesso ao lazer por meio de shows musicais, já que em alguns municípios há poucas opções nesse sentido (UFMS, 2020b).

Figura 9: Show de Verão UFMS



Fonte: UFMS – Campus de Três Lagoas (2020) e UFMS (2020b)

Notamos que a universidade tem ciência de que alguns de seus campi se localizam em lugares em que há poucas opções de lazer para os acadêmicos e que também aparecem em nossas entrevistas queixas sobre a opções de lazer disponíveis em Três Lagoas:

São poucas...eu acho que poderia ter mais, principalmente em espaços populares, sabe? Atrações na Lagoa, atrações públicas assim. Porque o Balneário é acessível, porque não é caro pra entrar mas é longe. Ele é acessível financeiramente, mas no que se diz respeito a mobilidade, você tem que ter um meio de transporte pra chegar até lá.

Eu acho que, por exemplo: atrações na Lagoa, no galpão da NOB poderia ter também e não tem, teatro, espaços de cultura. Eu acho que seria mais interessante. (Mariana, 27 anos, estudante de Geografia – Pós-Graduação – Grifos nossos).

Além das escassas opções de lazer em Três Lagoas (segundo os estudantes entrevistados), o fator financeiro e de locomoção é algo que os impedem de consumir os espaços de lazer, sendo as atividades com os amigos em restaurantes, lanchonetes e bares as práticas de recreação mais citadas. Quando perguntado se gosta de morar em Três Lagoas, Pedro destaca:

Inicialmente, a gente não gosta, né? Eu tô falando por mim agora, né? Inicialmente eu não gosto de Três Lagoas, porque a gente tem que construir todo um..., uma rede de afetividades, uma rede de relacionamentos, do zero praticamente. Por mais que a gente possa talvez ter um, alguém que é parente e tal, mas não era o seu habitat natural, não era onde você *tava* convivendo suas relações.

Então a cidade em si, ela passa a ser também hostil também, nesse sentido, porque você tem que conhecer, conhecer a dinâmica da cidade, conhecer as pessoas, né?, entender um pouquinho da lógica, pra estabelecer algumas amizades e poder aproveitar a cidade apenas nos momentos de lazer (Pedro, 43 anos, estudante de Geografia – Graduação - Grifos nossos).

Para Pedro, a principal atividade nas horas vagas é tentar fazer amizades e reforçar os laços de afetividade com pessoas que conheceu no ambiente universitário, assim, na falta de possibilidades de espaços de socialização fora da UFMS, os estudantes se apropriam de outros espaços e práticas coletivas que valorizam os sujeitos em comum, os próprios colegas com quem convivem no dia a dia, no “estar junto”.

Como já discutimos na Seção anterior ao abordar os estudos de Martins e Carrano (2011), a produção de identidades e a demarcação de microterritorialidades de sociabilidade são promovidas pelos próprios estudantes, como o momento dos grupos de oração, por exemplo e nas atividades de integração promovidas pelos cursos e seus respectivos Centros Acadêmicos e Associações Atléticas. No primeiro contato, os estudantes podem perceber a identidade criada pelos cursos a partir de

produtos (Figura 10) que os identificam, geralmente comercializados nas primeiras semanas de ingresso dos calouros no início do ano letivo.

Figura 10: Conjuntos de produtos dos cursos da UFMS oferecidos aos alunos



Fonte: Spotted UFMS CPTL, Atlético Predadora, Atlético Caçadora (2020)

A construção de identidade promovida por vestuários e produtos com a identificação dos cursos são objetos de desejo dos calouros e demais estudantes, pois os permitem informar sua identidade, como destaca Lima (2018, p. 102) ao citar Abdalla (2014, p. 25), que o consumo se torna um meio do indivíduo informar sua identidade em diversas situações, a partir de produtos oferecidos e que são carregados de símbolos e significados. Não só presente no ambiente interno da universidade, esses símbolos permitem identificar os alunos também pela cidade.

Há também a existência de símbolos mais específicos. Os estudantes dos cursos de Medicina, Direito e Engenharia, durante o primeiro semestre do curso, utilizam gorro vermelho (Figura 11), gravata vermelha (Figura 12) e capacete amarelo (Figura 13), respectivamente. Além de usá-los dentro do campus, os alunos também os utilizam em espaços de lazer como festas e bares.

Figura 11: Estudantes do curso de Medicina UFMS/CPTL em uma festa promovida por alunos do curso



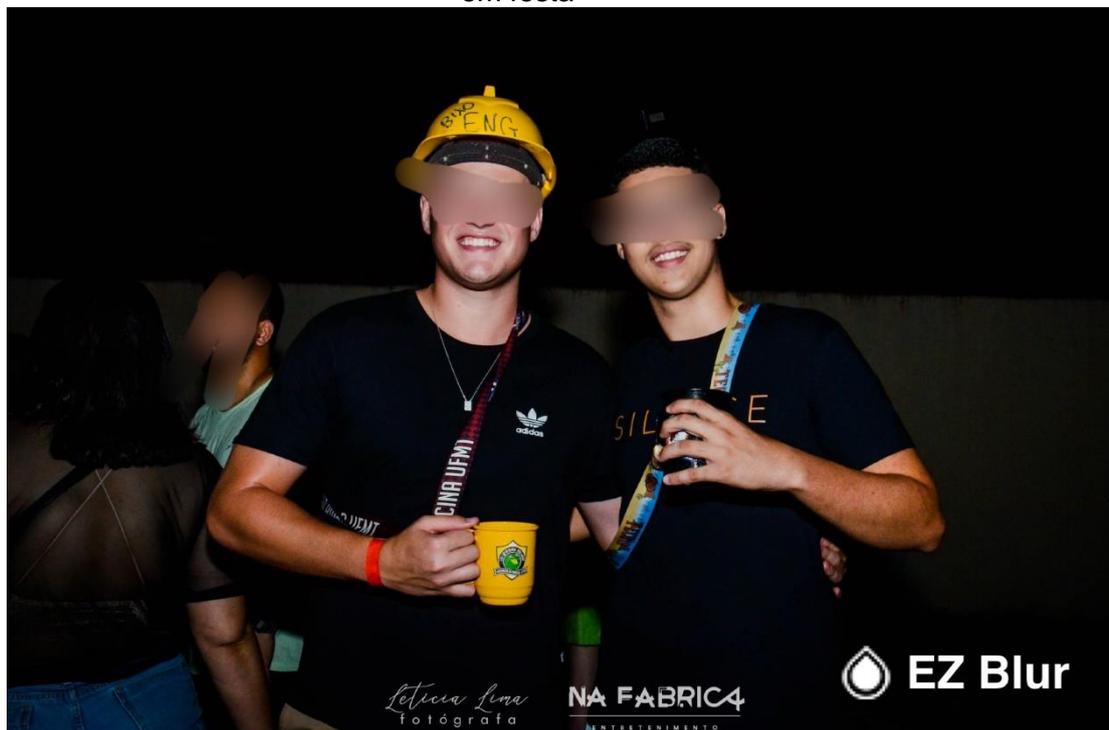
Fonte: Na Fábrica Entretenimento (2020)

Figura 12: Calouros de Direito na festa de recepção aos calouros de Direito UFMS/CPTL “Hell Primário”



Fonte: Na Fábrica Entretenimento (2020)

Figura 13: Calouro de Engenharia de Produção usando o “capacete de engenheiro” em festa



Fonte: Na Fábrica Entretenimento (2020)

Conforme exprime Lima (2018, p. 103-104), em seu trabalho sobre os espaços de lazer e territórios juvenis em Três Lagoas, com destaque aos estudantes universitários e skatistas, símbolos distintos, como o gorro vermelho do curso de Medicina, talvez tenham a intenção de exacerbar sua condição de estudante dos referidos cursos, especificamente, e ao mesmo tempo exercer territorialidade por meio do uso de um objeto portado de simbolismo.

Como dito, a vestimenta ou acessório característico torna-se um código de identificação, uma simbologia própria criada pelos sujeitos e que ultrapassa os limites inter-universidade, integra o universo da vida universitária em uma estética vinculada a objetos e símbolos como identidade do grupo. Ao trabalhar culturas, subculturas e estilos juvenis, Feixa (1998) discute sobre as formas de criatividade simbólica dos jovens na vida cotidiana a partir do trabalho de Willis (*Common Culture*, 1990), de acordo com estas ideias, nas estéticas nas culturas juvenis: “el autor descubre las múltiples e imaginativas vías mediante las cuales los muchacho usan, humanizan, decoran y dotan de sentido a sus espacios vitales y a sus prácticas sociales” (FEIXA, 1998, p.100).

Assim, é a partir da estética que os jovens se identificam no espaço, buscam o reconhecimento como sujeito pertencente a certo grupo com uma identidade cheia de significados, que muitas vezes só é reconhecida por aqueles pertencentes ao ambiente da universidade. É o reconhecimento do “eu no nós”, como trabalha Honneth (2013, p. 65) com a necessidade quase natural dos sujeitos de se verem reconhecidos como grupos sociais. Nas saídas de campo que realizamos durante a elaboração desta dissertação, verificamos a possibilidade de identificar especificamente os estudantes da UFMS, por sua vestimenta ou o que chamamos na Seção 1 de “Kit Universitário”: camiseta do curso ou de Atléticas, abadá e samba canção de Atléticas – são os mais marcantes.

Ao chegarmos em um dos espaços de lazer mais frequentados nos últimos anos pelos estudantes, o bar/conveniência do Gordinho e o Point Mineiro em meio a diversas mesas espalhadas nas calçadas e jovens aglomerados em frente a estes estabelecimentos, sabíamos que havia em sua grande maioria estudantes dos cursos da UFMS; identificamos a importância do corpo naquele espaço, pois a partir dos símbolos apropriados pelos estudantes por suas vestimentas, conseguimos identificá-los. Seria o que Ramos (2017, p. 44) destaca como visibilidade social corporal, naquele espaço:

Observações simples, como os símbolos nas estampas das camisetas, tipos de tênis e outros aspectos do fraseado corporal dos jovens, sugerem tentativas de descobrir ou elucubrar sobre os significados e importância destes aspectos em suas cosmovisões, sobre a espacialidade construída a partir das demonstrações e performatividades destes jovens.

Nos espaços dos bares na cidade se conformam microterritorialidades expressivas para a cultura universitária. Reforça-se a identificação dos estudantes na cidade, como na fala de Samantha, em que relata que gosta de Três Lagoas muito mais pelos amigos e pela universidade e mesmo com a falta de outros tipos de lazer, o que mais lhe atrai são os barzinhos e as festas promovidas por grupos universitários da UFMS:

Eu gostava de morar em Três Lagoas, assim, no geral. Assim, eu gostava mais por causa dos amigos e da faculdade, porque da cidade mesmo, acho que a infraestrutura é muito ruim, sempre tem enchente nas ruas, né? Tem as ruas de terra, esse tipo de coisa. Mas quanto ao

lazer, eu acho que pra nossa faixa etária assim, tinha bastante barzinho, né? Tinha bastante festa, tinha um lugar pra ir.

Eu acho que assim, pra gente tava tranquilo, assim, na hora do lazer. Acho que falta mais praças lá, esse tipo de coisa, mas no geral... acho que eu (*risos*) frequentava mais os barzinhos pra sair com os amigos (*risos*), então eu não sei falar muito de outros locais (Samantha, 20 anos, estudante de Ciências Biológicas – Graduação).

Além da relação de símbolos que é construída na universidade, há também a relação de promoção de lazer, sobretudo pelas organizações que valorizam as simbologias, ou seja, as Associações Atléticas Acadêmicas (A. A. A. 's). De acordo com Lima (2018, p. 72), as Atléticas eram organizações estudantis que originalmente promoviam o lazer entre estudantes universitários por meio das práticas esportivas, mas que atualmente, embora ainda promovam atividades esportivas, a realização de festas é seu maior atrativo.

Neste mesmo trabalho, Lima (2018) expõe a força organizacional que as atléticas proporcionam e seu modo de atuação descrito como território em rede, por envolver um circuito de festas open bar²⁷. O termo "Open Bar" refere-se a festas em que o consumidor paga um único valor e tem acesso ilimitado as bebidas alcoólicas oferecidas durante todo o período do evento e, embora não sejam exclusividade entre os grupos de jovens universitários, elas são bastante populares entre eles.

Optamos por trazer esse e outros termos que aparecem nas falas dos estudantes por entendê-los como recorrentes em seu cotidiano. Seriam estes os "termos nativos".

Afinal de contas, antes de qualquer juízo de valor ou análise da eficácia ou implicações de uma palavra ou de um discurso, é necessário conhecer os significados dos termos empregados pelos agentes sociais em seus ambientes culturais de vida e de atuação... Caso contrário, o pesquisador nem sequer conseguiria se comunicar direito, o que dirá investigar ou tentar colaborar para elucidar e transformar a realidade! (SOUZA, 2018, p.218).

Além das festas promovidas em outras universidades na região, podemos dizer que as festas open bar promovidas pelas atléticas da UFMS/CPTL constituem-se como uma das principais práticas de lazer entre os estudantes universitários em Três Lagoas.

²⁷ Festas Open Bar são aquelas em que o consumidor paga um único valor e tem acesso ilimitado as bebidas alcoólicas oferecidas durante todo o período do evento.

Criadas pelos próprios sujeitos da ação - os estudantes, essas festas universitárias têm grande influência e popularidade na cidade entre eles, como por exemplo o “Aniversário do Taz”, festa que faz alusão ao mascote (Figura 14) inspirado no personagem Taz dos desenhos da franquia *Looney Tunes*, da Associação Atlética Acadêmica XXVIII de junho, do curso de Direito da UFMS, o qual aparece em várias ações e produtos da mesma. A festa que ocorreu no ano de 2019 foi descrita nos meios de comunicação como “o maior evento universitário²⁸” de Três Lagoas, sendo organizado em um dos maiores palcos de organização de eventos da cidade, a Arena Mix.

Figura 14: Mascote da Atlético de Direito da UFMS/CPTL



Fonte: Atlético de Direito UFMS – Maníaca

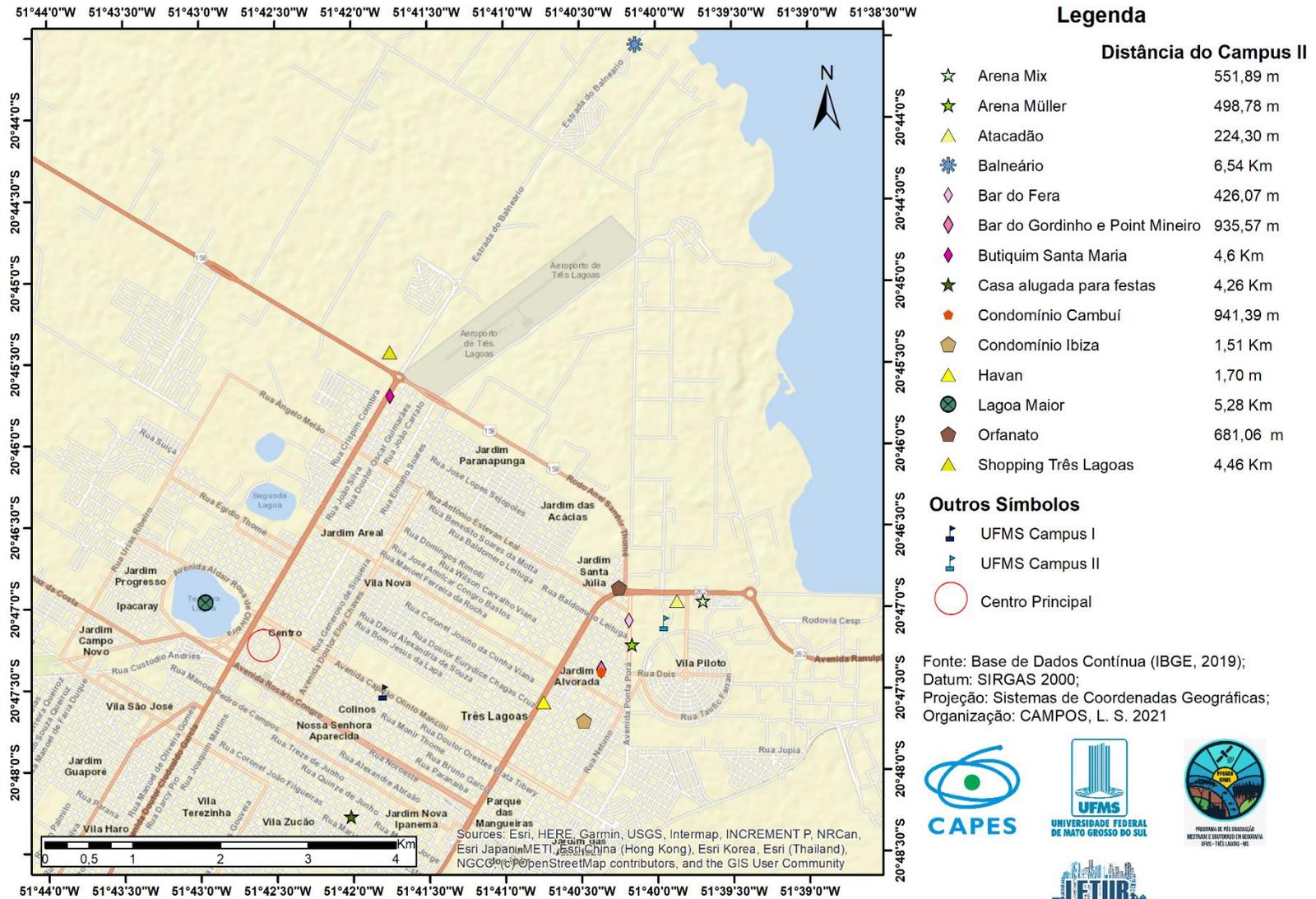
Essas festas além de serem organizadas em espaços próprios para a organização de eventos na cidade, como Arena Mix e Arena Müller, muitas também ocorrem em residências alugadas pelos organizadores, geralmente em bairros distantes do centro da cidade. Em algumas das festas que frequentamos durante os anos de 2019 e 2020, 3 delas ocorreram no mesmo espaço. O que destaca a possibilidade de não haver conflitos naquele espaço, no que condiz a vizinhança e problemas com a polícia, o qual era um dilema em algumas festas organizadas no passado.

Trazemos a seguir um mapa de representação (Figura 15) dos espaços frequentados pelos estudantes da UFMS, em que as microterritorialidades são

²⁸ Disponível em: <<https://www.hojemais.com.br/tres-lagoas/noticia/geral/aniversario-do-taz-promete-ser-o-maior-evento-universitario-de-tl>>. Acesso em: set. 2020.

produzidas: os bares frequentados e os locais de festas, como a residência usada frequentemente pelos organizadores das festas frequentadas em 2019 e 2020.

Figura 15: Mapa de representação de alguns espaços frequentados pelos estudantes em Três Lagoas - MS.



Organização: Campos, L.S (2021)

Além das festas organizadas pelas Atléticas e pelos cursos, há também aquelas organizadas por respectivos grupos, como as residências estudantis. A Capivara Sunset 2 (Figura 16), foi uma festa promovida por um grupo de jovens moradores do condomínio universitário UniverFlat, mais conhecido como “Orfanato”. Assim como as festas das Atléticas, a festa organizada pelos estudantes moradores do Orfanato teve o apoio de diversos patrocinadores locais e a venda de vestimenta exclusiva para o evento.

Figura 16: Folders de informações da festa Capivara Sunset 2



Fonte: Orfanato TL (2020)

Isso nos mostra a popularidade e destaque das festas open bar na cidade como prática de lazer disponível. De acordo com o entrevistado Pedro, as festas, sobretudo o papel das Atléticas como organizadoras, auxiliam na criação de laços na vida universitária: “eu acho importante essa, essas agremiações *pra* poder estabelecer um vínculo maior daquilo que eu já falei no início da nossa conversa, que é tornar a universidade mais humanizada, mais humanizadora”.

Pedro havia comentado anteriormente que sentia o ambiente universitário “fechado em gavetas”, com uma falta de maior proximidade em relação aos seus estudantes e a comunidade externa, pessoas não estudantes da cidade. Para ele ainda falta uma maior promoção no que condiz ao oferecimento de cultura e relacionamentos naquele espaço, sendo as Atléticas um dos agentes que acabam por possibilitar por meio das festas, uma ligação entre os sujeitos, em sua visão.

Outra prática de lazer muito comum entre os universitários são os bares. Geralmente esses estabelecimentos, próximos a UFMS ou não, são ocupados pelos estudantes pela frequência do público universitário, ocasionalmente por conta do preço da cerveja. Nos últimos anos podemos destacar quatro estabelecimentos (Santa Maria, Bar do Fera, Point Mineiro e Gordinho) como os mais frequentados, sendo esses dois últimos os principais entre os anos de 2019 e 2020²⁹.

Ao longo da pesquisa, percebemos a apropriação e as relações construídas pelos estudantes nesses espaços. Principalmente frequentados após as aulas noturnas, os bares são uma forma de descontração depois de um dia de estudos cansativo, uma prova difícil. Como ressalta Marcos, uma atividade de lazer:

Assim, atividade de lazer são esses estabelecimentos comerciais (risos). Esses estabelecimentos comerciais noturnos com os amigos, pós universidade, *pra* distrair um pouco a cabeça porque senão a gente acaba sobrecarregado e de uma forma enlouquecendo, com todas as demandas que a universidade também nos impõe, *né?* Então esse é o principal acesso que a gente tem ao lazer, *né?* (Entrevistado Marcos, 23 anos, estudante de Geografia – Graduação)

Marcos, quando perguntado se participa das festas organizadas pelos universitários, destaca que prefere os bares às festas organizadas pelas atléticas, pois acredita que elas não proporcionam um entrosamento maior com outros estudantes:

Nas festas eu não sou um frequentador assíduo. Eu já fui em algumas festas, mas não é um tipo de programação que me atrai tanto, eu prefiro mais do que um bar à noite, ficar lá conversando com as pessoas que eu gosto, do que ir pra um open bar, por exemplo e passar sei lá, passar seis, sete horas dançando e tal, mas sem nenhum tipo de comunicação com as pessoas. Então, eu acho que isso é mais uma coisa específica minha, é uma questão mais comunicativa e eu me sinto melhor em espaços que eu posso mais conversar e me comunicar numa boa (Marcos, 23 anos, estudante de Geografia – Graduação).

A partir desta fala, voltamos ao discutido na Seção 3, sobre a apropriação do espaço segundo condições, interesses e escolhas. Dentro do mesmo grupo de sujeitos o consumo mostra-se como uma possibilidade de identificação/diferenciação social na ocupação de diversos espaços na cidade. Por sua vez, ao se apropriarem

²⁹ Março de 2020, quando a pesquisa de campo foi interrompida.

de espaços como os bares, os jovens universitários são capazes de dotá-los de novos significados.

Feixa (1998, p.96) destaca que as culturas juvenis criam um território próprio para se apropriar de determinados espaços urbanos que distinguem com suas marcas: uma esquina, uma rua, a parede, o local da festa, o centro urbano, etc. Vemos essa particularidade quando chegamos a estes espaços, como o Bar do Gordinho e Point Mineiro (Figura 17), observamos os jovens aglomerados na rua, próximos as calçadas, pois no dia mais frequentado, geralmente as quintas-feiras, não há mais espaço nas calçadas em frente aos estabelecimentos para colocar mesas e cadeiras.

Figura 17: Uma quinta-feira à noite no Bar do Gordinho e Point Mineiro



Fonte: Campos, L.S (2019)

Além da simbologia construída neste espaço percebida pela vestimenta dos sujeitos presentes, podíamos ver a movimentação nas redes sociais (Figura 18) para comparecerem no local, o que destaca o comportamento da relação da movimentação dos territórios também através das redes. Quanto ao que condiz ao dia da semana escolhido pelos estudantes como o dia mais frequentado, a entrevistada Mariana descreveu que, em uma conversa com outra estudante no Restaurante Universitário sobre o motivo de escolha das quintas-feiras, lhe foi respondido que, pelo fato de muitos voltarem para as suas cidades de origem aos finais de semana, o “quintou” é o dia preferido de confraternização.

Em conversa informal com outra estudante, ela nos deu uma resposta complementar:

Acho que talvez porque nos fins de semana tinha festa e vendiam os ingressos nos bares, então começava mais cedo. As Atléticas chamavam geral para comprar ingresso. Nas quintas é o momento que *tá* todo mundo na cidade ainda, porque tem aula e o bar *rola* no pós/durante aula. Era o famoso “quintou”. Dá *pra* dizer que isso começou a virar uma mobilização nas redes sociais. Joga no Twitter aí a palavra ‘quintou’, vai aparecer muito *tweet* daquela época. Era uma mobilização em massa (risos). (Caroline, estudante de Geografia – Pós-Graduação)

Figura 18: Prints da movimentação nas redes sociais sobre o Bar do Gordinho



Fonte: Campos, L.S (2020)

No espaço dos bares as relações sociais são materializadas, enquanto relações espaciais, pois o uso do espaço é determinado pela identificação dos sujeitos a partir de interações estabelecidas por eles. A mobilidade dos sujeitos aqui é constituída a partir de identidades:

Assim, sua vida se diversifica em condições espaço-temporais de identificação, expressão e comportamento, ou seja, em microterritorializações que evidenciam a interação social e produzem – ou são produzidas por ele- relações entre os diferentes sujeitos, os quais, de diferentes formas, objetivam atributos contidos em suas subjetividades, em constantes diálogos sobre “si mesmos”, ocasionados pelos seus contatos e “espelhamentos” com “os outros” (COSTA e BERNARDES, 2013, p. 35-36).

Verificamos essas identificações, ou nas palavras do autor “espelhamento com os outros” nas microterritorialidades em que a funcionalização do espaço urbano acontece a partir das relações sociais presentes. Isso é identificável no espaço no trabalho de campo feito no Bar do Gordinho e Point Mineiro em 2020. Tomamos a liberdade de transcrever aqui um trecho de nossa caderneta de campo que permite uma melhor explicitação dessa ideia:

A rua que dá de frente com os estabelecimentos e o Condomínio Residencial Cambuí estava com um dos lados ocupada pelos jovens aglomerados em grupos de amigos, que de certa forma dificultava a passagem de carros, pois os motoristas do sentido oposto tinham que esperar e sinalizar para continuar seu trajeto. Porém, percebi que em relação a esta questão havia um consenso: nenhum motorista buzinou ou xingou o outro, apenas davam sinal com os faróis, dando preferência aos que estivessem em seu sentido contrário, ou seja, da via ocupada pelos jovens. Também havia bastante respeito com os pedestres, aguardando sua passagem, sem a necessidade de sinalização na via, por exemplo.

Houve também uma adaptação de um “estacionamento” em uma das laterais do condomínio, onde apenas há árvores e uma estreita calçada que pertence ao mesmo. Como a via não é asfaltada, pouco iluminada e pouco movimentada, sem a presença de residências, os consumidores aproveitaram esse lado para estacionar seus carros em diagonal. Cerca de 6 veículos estavam desta forma lá (Caderneta de Campo: Bar do Gordinho e Point Mineiro, 12/03/2020)

Houve uma mudança nas funcionalidades do espaço devido as necessidades dos sujeitos frequentadores (estudantes) e, a fim de evitar conflitos com a polícia e as residências vizinhas, principalmente o Condomínio Cambuí, as relações organizacionais são estabelecidas, como por exemplo, a diminuição do som, a ocupação da via pública e afins.

Percebemos a mudança nestes espaços durante a pandemia (Figura 19 e Figura 20) e a relação que os estudantes estabeleciam. Em uma saída de campo, observamos uma mudança de público no Bar do Gordinho, com a presença de um público adulto, bem diferente do que costumava frequentar o bar nas quintas, e o fechamento do Point Mineiro, possivelmente ocasionados pela volta de muitos deles para suas cidades, além das condições de redução de público para o funcionamento dos comércios como forma de conter a propagação do vírus da COVID-19.

Figura 19: Movimentação no Bar do Gordinho e Point Mineiro no início das aulas em Fevereiro de 2020



Fonte: CAMPOS, L. S. (2020)

Figura 20: O novo “quintou” no Bar do Gordinho no segundo semestre de 2020



Fonte: CAMPOS, L. S. (2020)

Vimos que os estudantes têm uma forte relação no que condiz as festas universitárias e bares, porém durante nossas entrevistas nos foi relatado a dificuldade de acesso a espaços públicos de lazer na cidade. Mariana, por exemplo, quando discute sobre a locomoção na cidade por meios de transporte público, também se queixa do acesso as atividades de lazer:

Por exemplo, o Balneário: não tem ônibus que chega até o balneário, então já impede o meu acesso a essa parte da cidade, não consigo ir de ônibus.

A lagoa, de final de semana, também não tem ônibus que sai da Vila Piloto a tarde e vai para o Centro, e nem que volta, porque até onde eu tenho conhecimento, é só até meio-dia que o ônibus roda. Então a gente não consegue acessar também essa parte da cidade, que são esses espaços de lazer: a lagoa, os barzinhos ali em volta, lanchonete e tals. É mais por isso.

Como agora eu tô morando aqui na Vila Alegre, tem lanchonete, barzinho aqui, eu consigo ir porque eu vou a pé, mas se eu dependesse de ônibus... não teria acesso a lazer. Quer dizer, eu não tenho ao menos que alguém me dê carona ou que eu vá de bike, mas fora de cogitação (risos) (Entrevistada Mariana, 27 anos, estudante de Geografia- Pós-Graduação).

Pela dificuldade de acesso, tanto pela falta de meios de transportes, quanto pela distância, os estudantes têm acesso ao lazer a partir de atividades realizadas com amigos, lugares próximos as moradias, como destaca Andressa:

Ai, eu gosto...Gosto. Tipo assim, se eu e meus amigos *quer* sair, a gente combina de comer lanche, em algum lugar comer uma pizza, assim... Mas, tipo assim, não é uma cidade que tem muito o que fazer igual São José do Rio Preto, mas eu acho que é uma cidade que você prega pelas companhias, sabe? [...] É... *tipo*, sempre faz reunião na casa de alguém, todo mundo fica mais unido...Eu gosto (Entrevistada Andressa, 19 anos, estudante de Engenharia de Produção).

Além das atividades de lazer com os amigos, em estabelecimentos próximos a sua residência, para Andressa faltam atividades de lazer quando compara Três Lagoas nesse quesito com a sua cidade de origem, São José do Rio Preto, com a presença de *shoppings centers* e clubes, segundo ela. A entrevista foi feita em 2019, antes da inauguração do Shopping Três Lagoas, porém, para aqueles que já são usuários do transporte público e moram distantes do *shopping center*, antecipadamente havia certo receio a possibilidade de usufruir deste espaço:

Eu *tava* conversando com o pessoal que, mesmo que abrir o shopping aqui, pra mim vai compensar mais ir no shopping de Andradina, porque eu pego o Reunidas aqui na Ranunpho (risos) e desço na frente do shopping. E depois eu pego o ônibus na frente do shopping em Andradina e desço na Ranunpho e venho a pé.

Pra mim vai ser mais viável sair de Três Lagoas e ir no shopping de Andradina, do que ir no shopping aqui se não tiver ônibus. Olha que louco! (Mariana, 27 anos, estudante de Geografia – Pós-Graduação)

Mariana expôs a dificuldade que teria no que condiz a mobilidade e que, dada a esta precariedade – do transporte público em Três Lagoas, seria mais fácil consumir³⁰ em uma cidade vizinha, neste caso Andradina – SP, do que ir ao shopping na cidade de Três Lagoas.

Em saída de campo realizada em fevereiro de 2020, dois meses após a inauguração do Shopping Três Lagoas, frente a promessa de linhas de ônibus no sentido Centro-Shopping e a ampliação de horários para atender a demanda de instalação do shopping³¹, confirmamos (por meio de nossa experiência em campo) o receio quanto ao acesso a este estabelecimento via utilização de transporte público: os horários do ônibus não coincidiam com as informações disponibilizadas no site da prefeitura e alguns horários não estavam mais em circulação (o que foi confirmado por um dos motoristas da empresa que faz o transporte público coletivo na cidade).

O transporte coletivo para o shopping center se mostra mais como um “transporte estratégico”, do que para a lógica de transporte público para todos, pois a linha funciona apenas nos horários de entrada dos trabalhadores do shopping, o que também transparece qual público é o preterido para consumir neste local – aqueles que possuem um meio de transporte próprio:

Na volta pretendíamos pegar um ônibus, já que no novo horário dizia que haveria um ônibus saindo do shopping às 13:20h porém, enquanto aguardávamos no ponto, encontramos uma das atendentes da loja de acessórios para celular onde havíamos ido anteriormente, esperando um entregador de marmitas. Perguntamos para ela sobre o horário e ela respondeu que: “as pessoas que pegam (que trabalham no shopping) dizem que tem dois horários: 10:30h e 11:30h” (Caderneta de Campo: Shopping Três Lagoas, 29/02/2020)

³⁰ Consumo e lazer estão aliados na frequência aos shopping centers.

³¹ Fonte: <http://www.treslagoas.ms.gov.br/transporte-publico-servico-passa-a-operar-todos-os-dias-com-horarios-ampliados-e-linha-para-o-shopping/>.

A precariedade da mobilidade, via transporte coletivo, aos espaços de lazer interfere no consumo e se imbrica ao local de morada dos estudantes, fazendo com que se apossem ou criem microterritórios de consumo, nas proximidades das moradias, em que é possível irem a pé e ou de bicicleta. Os sujeitos buscam novas maneiras de viver a partir dos recursos que possuem, como destaca Dayrell (2003, p. 43) no que condiz ao desenvolvimento dos jovens como sujeitos sociais:

Não é que eles não se construam como sujeitos, ou o sejam pela metade, mais sim que eles se constroem como tais na especificidade dos recursos que dispõem. É essa realidade que nos leva a perguntar se esses jovens não estariam nos mostrando um jeito próprio de viver.

A mobilidade é uma das peças-chave para que as pessoas possam usufruírem dos espaços da cidade, porém mesmo com as dificuldades (sobretudo de mobilidade), os jovens estudantes buscam outras maneiras de usufruir de áreas na cidade dependendo de suas condições e a partir de suas necessidades e negociações, e é neste sentido que se criam as microterritorialidades na busca por identidade e lugar de pertença no espaço urbano.

A partir de dados do perfil sociodemográfico dos estudantes do Campus de Três Lagoas, matriculados no ano de 2019 (Tabela 3), podemos reforçar a preferência dos estudantes em utilizar meios de transporte próprios como carro (o que envolve as caronas), moto e a bicicleta frente ao transporte coletivo da cidade – Empresa Viação Cidade das Águas.

Tabela 3: Meios de transporte utilizado pelos estudantes do CPTL (2019)

MEIOS DE TRANSPORTE	QUANTIDADE DE USUÁRIOS
A pé	84
De bicicleta	197
De carona	148
Transporte Coletivo	167
Transporte Locado (prefeitura e/ou escolar)	16
Transporte Próprio (carro/moto/etc.)	532
TOTAL	1144

Fonte: Perfil Sociodemográfico UFMS (2020)

Temos também o conhecimento que muitos estudantes que saem de suas cidades de origem preferem trazer seus meios de transporte próprio como forma de facilitar seu deslocamento pela cidade. Apesar de possuir 8 linhas de ônibus³², todas

³² Mais informações sobre as linhas e seus respectivos horários estão disponíveis no site da Prefeitura Municipal de Três Lagoas: <http://www.treslagoas.ms.gov.br/transportepublico/>.

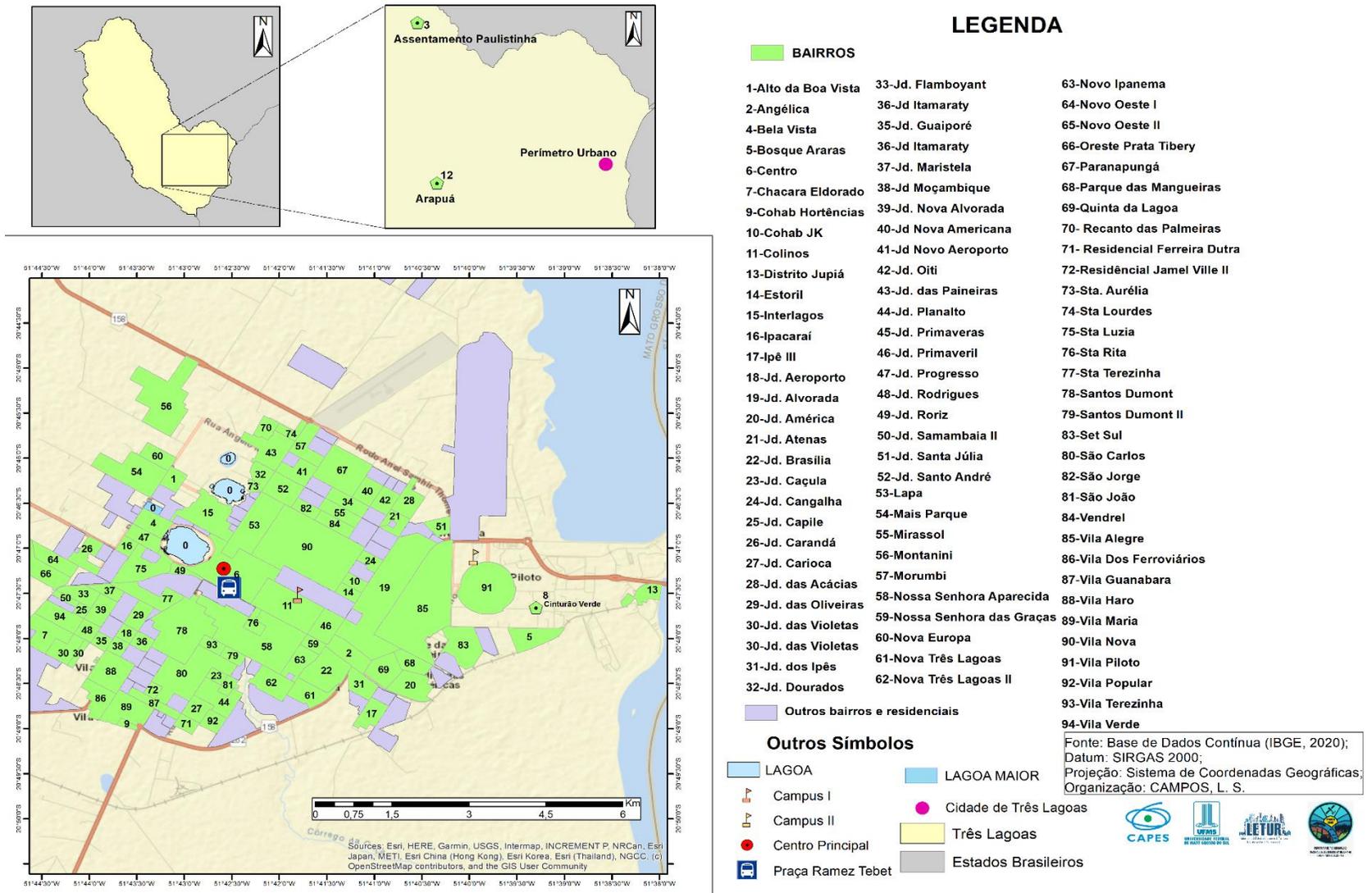
com destino final a Praça Ramez Tebet, localizada no centro da cidade, observamos que são insuficientes para atender a demanda da cidade, dada que a principal reclamação dos estudantes entrevistados está ligada a mobilidade e as falhas do transporte coletivo na cidade; o que segundo eles justifica a utilização de outros meios e formas de locomoção.

A pesquisa de Queiroz (2020) tratou desta questão entre os estudantes da UFMS, em Três Lagoas, em seu trabalho de monografia, segundo autor a insatisfação dos alunos em relação ao serviço de transporte público ofertado em Três Lagoas está ligada aos seguintes fatores: longos atrasos dos horários dos ônibus, restrição a quantidade de horários, burocracia na aquisição do passe escolar e no processo de recarga do mesmo, já que só pode ser recarregado na própria Viação Cidade das Águas e também a constante desinformação sobre qualquer elemento vinculado à prestação do serviço (QUEIROZ, 2020, p. 75).

A seguir, para melhor compreensão espacial da discussão sobre a mobilidade urbana, a Figura 21 destaca a localização da moradia dos estudantes³³ da UFMS residentes em Três Lagoas.

³³ Para mais informações sobre a quantidade de alunos residentes por bairro, seguir até o Anexo B.

Figura 21: Mapa de espacialização da moradia dos estudantes do CPTL residentes em Três Lagoas - MS (2019)

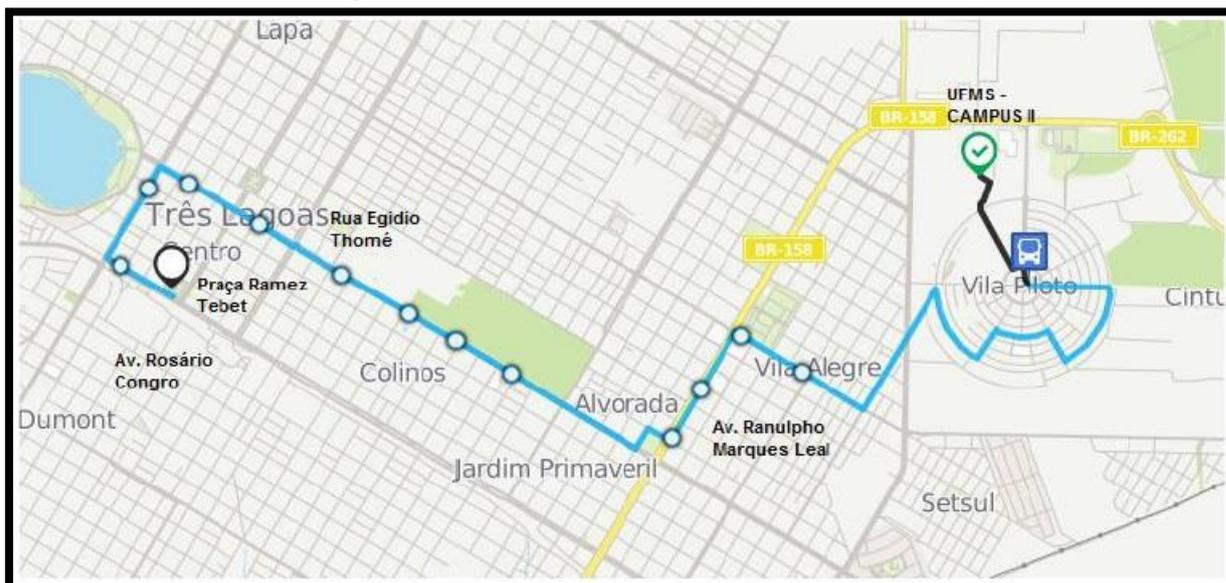


Organização: CAMPOS, L. S. (2021)

Sposito (2018, p. 134) destaca o papel relevante das condições de acessibilidade dos sujeitos no que condiz as formas de ação e apropriação do espaço urbano, como em que área da cidade mora, onde trabalha ou estuda, que percursos diários realiza, que tempo precisa dispor para efetivá-los.

Como mostra em sua pesquisa, Queiroz (2020) aponta a dificuldade dos estudantes ao utilizarem transporte público para se deslocarem de suas residências até a UFMS, dado que a única rota muitas vezes requer que seus usuários precisem ir até a praça Ramez Tebet (Figura 22) para embarcar, o que através de sua observação sobre as rotas de ônibus, destaca-se a dificuldade dos universitários pelos longos trajetos, o que desencadeia estresse e cansaço pelo planejamento precário da empresa fornecedora do transporte público coletivo.

Figura 22: Rota Centro x UFMS (Linha Vila Piloto)



Fonte: QUEIROZ, V. M. (2020)

Ao relacionar os dois mapas (de localização das moradias e da rota de ônibus até a UFMS) inferimos as dificuldades de locomoção dos jovens universitários, tanto para a universidade como também ao centro principal de Três Lagoas, uma vez que muitos dos bairros destacados não possuem acesso à linha de ônibus.

A acessibilidade via transporte público coletivo é um dos pontos de destaque dos entrevistados, ao condicionar o diálogo entre eles e a cidade, uma vez que a dificuldade de utilização é uma interferência crucial para usufruir espaços na cidade, sobretudo os mais centrais.

Nas questões relacionadas a mobilidade na cidade, Marcos destaca as dificuldades que enxerga formas de usar o transporte público na cidade, sobretudo em relação aos horários, e por isso prefere utilizar a bicicleta:

O transporte público em Três Lagoas é precário, né? Precário demais então, assim, não há nenhum tipo de pessoa que consiga usar o transporte público diário. Porque assim, os horários são meio errados, né? Os ônibus não passam nos horários indicados, então se nenhuma pessoa tem segurança total em pegar um transporte público *pra* nenhuma atividade, principalmente de caráter... de caráter... Como é que eu vou usar?... De caráter responsável, que seria uma atividade que você não pode faltar, não pode se atrasar e aí você não tem segurança de esperar um transporte público *pra* chegar nessa atividade. Ainda mais se ela for na universidade, que é afastada da maioria dos locais, né?

Então assim, o meu principal meio de locomoção desde que eu me mudei é a bicicleta desde que eu me mudei pra Três Lagoas e eu sempre usei a bicicleta porque a gente não tem um transporte público adequado *pros* horários e pra..., e principalmente *pras* localidades, né? Os ônibus, eles não passam em todos os bairros. No meu bairro mesmo *pra* gente pegar um ônibus, eu tenho que andar dez, doze quarteirões até o ponto mais próximo e esperar lá ainda sabe quanto tempo, né?

Então obviamente isso não é algo bom *pra* se locomover dentro da cidade. Então, nesse caso, a bicicleta é o principal meio de transporte (Marcos, 23 anos, estudante de Geografia – Graduação).

Já Samantha destaca sua preferência por utilizar a bicicleta como principal meio de transporte e faz uma comparação com a sua cidade de origem:

Eu acho que em comparação a cidade que eu morava, né? Que eu morava, em José Bonifácio, as ciclovias, tem bastante ciclovias em Três Lagoas, com certeza. Tipo, é muito notório a diferença da cidade, de tanta gente que anda de bicicleta em Três Lagoas, do que em outras cidades. Então, pra mim, eu gostava, porque, tipo, nas avenidas, sempre tinha ali a ciclovias, apesar de que precisava manutenção aí, né?

Tipo, nas faixas, nas cores, também, porque acaba enchendo de areia, então, como a cidade tem muita rua de terra, tinha que tá sempre ali tendo uma manutenção, porque pra escorregar ali na época que tem barro... Mas no geral, eu achava que tinha bastante ciclovias, lugares pra *por* as bicicletas, que não tinha na cidade que eu vim. Então, isso eu achei bem diferente.

Também pela, hum... pela topografia que fala, né? Da cidade, porque toda plana. Então, ali facilita muito o pessoal andar de bicicleta tranquilo, assim. Eu acho que poderia ser pior, mas no geral tá de boa (Samantha, 20 anos, estudante de Ciências Biológicas – Graduação).

Ainda sobre a mobilidade, nos volta a indagação levantada durante a pesquisa e exposta na Seção 1 sobre a bicicleta ser um meio de transporte popular em Três Lagoas. Os estudantes que nos relataram preferirem utilizar a bicicleta, pela facilidade do relevo e pela independência por conta dos horários de seus compromissos, encontram dificuldades para locomoção na cidade, principalmente nas vias de acesso à UFMS como o caso de Marcos, que já morou em bairros mais centrais na cidade e relata a sua queixa em relação a infraestrutura oferecida:

Eu não tinha dificuldade de mover no centro da cidade, entre os bairros, mas eu tinha dificuldade ir *pra* universidade, porque as vias de acesso à universidade, elas são eram vias precárias e ainda são, né? A própria Ranunpho Marques Leal, que é a avenida principal da Universidade, ela não tem uma ciclovia adequada pra quem anda de bicicleta.

Tem ciclovia aqui que tem frotas de caminhões passando do seu lado com areia na ciclovia, pedra, caco de vidro... Então é algo..., eu já furei meu pneu na própria ciclovia, então ela não era adequada, né? Ela não era e não é ainda, né? Eles não, não tiveram nenhum tipo de reforma nessa ciclovia. O que há de vez em quando, é uma limpeza dessa areia que fica sedimentada ali a partir do vento, né? da chuva, mas essa limpeza também ela não é frequente e assim, acaba prejudicando muito.

Mas assim, como eu disse, em relação aos bairros mais centrais, essa infraestrutura da via de transporte ela não é tão ruim, mas ainda assim a cidade carece (Marcos, 23 anos, estudante de Geografia – Graduação).

Os entrevistados referem-se como “ciclovias”, as ciclofaixas³⁴ que, diferente das ciclovias, não possuem separação física dos demais veículos, sendo simbolizadas com placas e faixa pintada no asfalto, utilizando também “olhos de gato” ou “tartarugas” para sinalizar.

Como dito por Marcos e Samantha e observado por nós, a ciclofaixa de acesso a UFMS (Figura 23), comparada com ciclofaixas da área central (Figura 24) se encontra com frequência em situação precária, com a dificuldade de tráfego pela quantidade de areia que invade as vias pavimentadas, o que pode colocar a vida dos ciclistas em risco, tendo em vista que esta é uma das principais avenidas de acesso à entrada e saída de Três Lagoas, o que demonstra certo descaso do poder público

³⁴ Disponível em: <<https://revistabicicleta.com/curiosidade/entenda-as-diferencas-entre-ciclovias-ciclofaixa-ciclorrota-e-espaco-compartilhado/>>. Acesso em: jun. 2021.

não só com os estudantes, uma vez que a cidade possui um grande número de usuários de bicicletas e bicicletas elétricas que também utilizam estes caminhos/vias.

Figura 23: Ciclofaixa da Av. Ranunpho Marques Leal sentido UFMS Campus II - Centro



Fonte: CAMPOS, L. S. (2020)

Figura 24: Ciclofaixa da Av. Cap. Olinto Mancini sentido Centro – UFMS Campus II



Fonte: CAMPOS, L. S. (2020)

Desta forma, a mobilidade se torna uma dimensão importante que interfere nas práticas espaciais dos estudantes que se instalam em Três Lagoas pois torna-se uma

questão-chave de interferência às escolhas habitacionais, de consumo e lazer no espaço urbano, em outras palavras um condicionante de acesso à determinados espaços da cidade.

Como destaca Sposito (2018, p. 139) o poder de decisão do indivíduo, segundo sua capacidade de consumo e seu nível de mobilidade, não coincide com a escala de definição das políticas públicas, que seriam aquelas a partir das quais o caráter público do espaço urbano poderia ser resguardado e valorizado. Destarte, podemos corroborar com a apresentação dos centros de consumo como Havan, Atacadão e Shopping Center, principalmente os dois primeiros, dada sua proximidade com a UFMS e a oferta diversificada de serviços, em relação a redefinição de centralidades em Três Lagoas. O adensamento populacional de áreas distantes do centro principal da cidade incita a criação de centralidades em bairros como forma de propiciar serviços básicos para suprir a necessidades dos moradores.

No caso dos estudantes entrevistados, a dificuldade de se locomover na cidade, tendo a bicicleta como seu transporte principal, os fazem escolher consumir em locais próximos às suas residências, geralmente próximas à universidade, os faz optar pelos comércios do bairro, como destaca Samantha:

É que tem uma grande lógica agora, né? Que é o atacadão lá, né? Então sempre a gente sempre ia lá quando fez, mas antes de construir era nos pequenos comércios próximos mesmo. Então, a gente tinha mais ali na, na Vila Piloto, ali perto pra comprar as coisas, porque eu acho que não compensava ir até o centro (Samantha, 20 anos, estudante de Ciências Biológicas – Graduação).

Para a entrevistada, a distância é um fator que a dificulta de frequentar o centro principal da cidade, pela dificuldade de acesso. Para os estudantes que moram próximos à UFMS, mas distantes do centro é preferível frequentar os comércios locais de bairros, mesmo que tenham preços mais altos:

A gente sempre prefere consumir no lugar que é mais barato, né? Agora é óbvio tem horas que a diferença de preço pela distância, não compensa, né? Pelo tempo despendido, locomoção, de ida e volta. Então, *cê* acaba pagando mais caro, até mesmo do seu lado ali no bairro, *aonde* ele oferece também esse produto. Eu prefiro mesmo, o mais perto, é claro. Mas nem sempre é possível, até por questão de oferta, né? Do que você precisa, né? Sua demanda. Então, você acaba tendo que buscar um lugar mais especializado, onde tem variedade, onde tem preço e acaba sendo

longe da localidade onde a gente reside. Mas no geral eu uso... eu prefiro o comércio local sim. De preferência. Nem sempre é possível (Pedro, 43 anos, estudante de Geografia – Graduação).

Portanto, as configurações territoriais interurbanas da cidade nos permitem verificar que as centralidades são formas construídas também pelos próprios sujeitos sociais, como formas de apropriação do espaço urbano frente as necessidades, dada suas condições de acessibilidade.

Pesquisas como as de Campos (2018), Fernando Dias (2016) e Milani (2012). nos mostram que, embora exista um processo de reconfiguração do espaço urbano de Três Lagoas, ele não vem acompanhado pelo desenvolvimento urbano, do ponto de vista das infraestruturas urbanas em todas as áreas da cidade, para todos os cidadãos.

Pelo contrário, o que vemos (ainda que preliminarmente) é o acirramento da diferenciação socioespacial na cidade. Diferenciação, pois, pode-se compreender o espaço geográfico como produção social e a relação espaço-sociedade de forma dialética, tendo a desigualdade como centro da diferenciação e imanente à produção espacial, gerando segregações e a diferença negativa.

A autora Carlos (2007, p. 48), discute que na contradição entre produção social do espaço e sua apropriação privada, a diferenciação socioespacial é, ao mesmo tempo, pressuposto e produto (contraditório e necessário) do processo histórico de produção do espaço, vivida concreta e praticamente da escala do lugar.

Dialogamos com o tema da diferenciação socioespacial ao compreender a indissociabilidade entre produção do espaço e o sujeito social, que também se insere no processo de produção do espaço urbano.

Por isso o destaque da relação da escala do habitar e a apropriação do espaço, no que confere a realização das práticas espaciais dos estudantes que se instalam na cidade e passam a viver na cidade. Os espaços de vida econômica e social de uns, não são os mesmo que de outros, se tomarmos, por exemplo, como referência os que se utilizam de transporte automotivo individual e os que se deslocam por transporte coletivo, a pé ou de bicicleta (SPOSITO, 2018, p. 140). A apropriação/produção do espaço é meio, condição e produto da sociedade (CARLOS, 2007), como discutimos no início do texto.

Como debatemos na seção 2, no que condiz ao impacto imobiliário produzido pela vinda de trabalhadores para a produção industrial e do crescimento econômico e

populacional da cidade, mesmo que a atual demanda de construção seja dedicada aos conjuntos habitacionais e condomínios/residenciais fechados, para atender o novo contingente populacional há também aumento de um novo tipo de moradias, voltadas ao consumo (alugueis) dos estudantes.

Fernando Dias (2016, p. 89), não identificou em sua pesquisa a ausência de moradias estudantis, mas que elas são em menor volume e se concentram em alguns prédios nas imediações das instituições de ensino superior, que ofertam *kitnets*³⁵ para os estudantes. Nos cabe maiores investigações futuras, mas a priori, verificamos que as *kitnets* e apartamentos, em sua grande maioria, não tem um público majoritariamente de estudantes, pois devido as condições de preços de alugueis, trabalhadores e famílias de 2 a 3 membros também optam por esse tipo de moradia, que por um tempo foi mais comum entre os estudantes.

No que condiz a interferência da condição econômica e a infraestrutura urbana, ao ser questionado sobre as condições de moradia na cidade, Pedro discute sobre as disparidades que ele percebe como estudante:

É, eu... a gente acaba sendo vítima também, né? de um negócio muito mais amplo, não compete aqui a gente aqui relatar. Mas a cidade vem passando por transformações, né? De cunho econômico que eles chamam de desenvolvimento e que traz algumas *benéficas* e outras não.

No meu caso em específico, eu tenho tido facilidade pra *tá*, né? usufruindo dos bens e serviços que a cidade oferece, mas eu também acho que o custo de vida é muito alto, né? Talvez... talvez deveria ter algum programa, alguma... alguma forma de subsidiar esse tipo de custo de vida *pra* minha classe, né?

No meu caso, a classe estudantil. Seja no aluguel, seja no desconto no supermercado, seja num pagamento de meia entrada em qualquer evento, qualquer lugar, não sei. Ter esses tipos de fomentos para que a gente pudesse usufruir, né? Do comércio, da estrutura que a cidade tem de uma forma mais igualitária aí, né? Como aqueles que estão na cidade com foco mais profissional por conta dessas mudanças, né? De desenvolvimento da cidade.

Então existe essa disparidade que a gente não consegue acompanhar, mas os serviços que eu tenho usufruído tem sido satisfatórios sim, apesar de eu achar que eles são caros. E agora eu não sei, questão de aluguel, né? E aí inclui tudo, né? A questão do aluguel, é... todos os itens básicos aí do supermercado, padaria, lazer... enfim, não sei outros, né?

³⁵ Kitnets são pequenos apartamentos compostos por poucos cômodos, geralmente sala-cozinha, quarto, banheiro e área de serviço.

A parte da saúde, eu não tenho..., eu não tenho usufruído, mas eu creio que são valores aí que são um pouco altos, *né?* Pra uma classe de estudantes (Pedro, 43 anos, estudante de Geografia – Graduação).

Pedro mora no bairro Jardim Alvorada, do qual dispõe de pequenos comércios, com supermercados, mercearias, academia, farmácias, lojas de materiais de construção e outros, dada a demanda de público pelo aumento de moradias. Os estudantes que residem em bairros como Jardim Alvorada, Vila Alegre e Vila Piloto (bairro próximo a UFMS, ver mapa da Figura 18) e que possuem dificuldades relacionadas a mobilidade, acabam por apropriarem-se destas formas de consumo, em estabelecimentos mais próximos das moradias, mesmo se por um acaso ocorra disparidades de preços (os mercados de bairro tendem a vender com preços mais altos), como destaca Mariana, que atualmente mora no bairro Vila Alegre:

Eu prefiro consumir próximo a minha casa, por conta da mobilidade. Por exemplo: estava conversando com os amigos, *né?* Aqui o Araújo é o mercado mais próximo, é um pouco mais caro. Por exemplo, se eu tivesse um meio de transporte talvez eu fosse lá no Proença³⁶, lá em outros mercados *pra* poder comprar. Mas ainda bem que tem aqui perto, senão eu ia passar apertado. (Mariana, 27 anos, estudante de Geografia – Pós-Graduação)

Vemos que a mobilidade é a principal queixa dos universitários, o que acaba por impactar suas formas de consumo, lazer, habitar e até se relacionar com outros estudantes, o que acaba por refletir em conversas diárias, como a que presenciamos em trabalho de campo, um grupo de calouros, enquanto aguardavam o ônibus (atrasado) conversavam sobre as primeiras semanas de adaptação em Três Lagoas e um dos pontos levantados foi a mobilidade. Aproveitar mais tempo e morar próximo à universidade:

Na questão sobre segurança, a garota comentou que quando veio fazer sua matrícula na UFMS, o “cara da matrícula” disse que o melhor era morar no centro, pois perto da universidade não era muito seguro (foi isso o que deu para entender- talvez pelo fato dela ser mulher e morar sozinha?). Outra parte da conversa foi sobre a demora do ônibus, pois o que faz o horário das 12:30 (Vila Piloto-Centro), até o momento (13:13h) não havia passado no ponto da UFMS, aproximando-se do próximo horário da linha (13:30h). Nesse momento conversaram sobre perguntar em imobiliárias sobre Kitnets próximas

³⁶ O Proença se localiza na região central da cidade e o supermercado Araújo na Vila Alegre.

à universidade, onde os 3 poderiam dividir (Caderneta de Campo – Ponto de Ônibus em frente à UFMS, Campus II, 28/02/2020)

Ao fazer o exercício de relacionar a organização do espaço urbano de Três Lagoas com a infraestrutura da cidade e custo de vida como condicionantes das relações socioespaciais, percebemos algumas diferenças quanto aos estudos em cidades consideradas universitárias, principalmente pequenas e médias. Honório (2012) que pesquisou o processo de produção do espaço urbano de Viçosa-MG, a partir de sua função especializada de cidade universitária, destaca o jogo de interesses dos diversos agentes produtores do espaço e a localização das universidades, para averiguar o papel que os estudantes possuem nessas cidades:

Sabe-se que a “cidade universitária” enquanto objeto de análise não é uma novidade, talvez o novo resida no fato de, no âmbito da urbanização enquanto negócio, as exterioridades da atividade universitária sejam usadas para impulsionar a acumulação capitalista, reforçando a produção de espaços segregados (HONÓRIO, 2012, p. 48).

Três Lagoas possui uma dinâmica diferente de cidades universitárias que costumam configurar em sua região como polo de desenvolvimento local – regional, como destaca Honório (2012) em seu trabalho, segundo ele a instalação de uma Instituição Federal de Ensino Superior necessita ter efeitos socioespaciais que clamem por atenção em estudos sobre seu papel de reorganização espacial nessas cidades, principalmente com a interiorização do ensino superior.

O papel da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul e outras instituições de ensino superior em Três Lagoas, está imbricado com a atuação industrial, sendo assim, a maioria dos comércios e serviços da cidade não possui uma relação de dependência do consumo dos estudantes, no que condiz ao impacto de seu desenvolvimento intraurbano, como por exemplo a atuação de agentes produtores do espaço urbano na cidade de Viçosa, interior de Minas Gerais, intrinsecamente ligada ao desenvolvimento do setor imobiliário local, estudada por Honório (2012).

Diante disso, as dificuldades de apropriação da cidade não são exclusivas dos estudantes que se fixam em Três Lagoas por conta da universidade, como também mostra as problemáticas de produção e apropriação do espaço público da cidade por grande parte de seus moradores, pois esta acontece de modo parcial por locais

possíveis de serem apropriados, dependendo muitas vezes do espaço de convivência do cidadão com a cidade, ou seja, ele usufrui apenas de uma parcela da cidade. Apesar da preponderância de alguns locais, notamos que o cidadão vê e/ou percebe a cidade por meio do seu local de convivência diária ou então, geralmente a partir dos seus trajetos entre casa, trabalho e espaços de lazer (LOBODA, 2009, p. 44).

Aqueles estudantes que escolhem a UFMS e decidem se instalar na cidade de Três Lagoas, interferem na constante produção do espaço urbano por meio do corpo, ou seja, por meio de práticas espaciais e, portanto, sociais (pois entendemos o espaço como produto social produzido pelos indivíduos), principalmente no que condiz a produção de microterritorialidades através de atividades interligadas a relações construídas no âmbito da universidade, como os laços de amizades e formações de grupos sociais, no que condiz, principalmente, as práticas de lazer.

As relações sociais expressam a articulação indissociável de espaço e tempo através da realização da vida. Concordamos com Carlos (2017), quando a autora destaca a importância da corporeidade no espaço, por conseguinte na prática socioespacial, pois nos modos de uso, a cidade:

Revela-se como um espaço passível de ser sentido, pensado, apropriado e vivido, pelo indivíduo através do corpo pois é com todos os seus sentidos que o habitante usa o espaço, cria/percebe os referenciais, sente os odores dos lugares dando-lhe sentido. Significa dizer que o uso do espaço envolve o indivíduo e seus sentidos, o seu corpo; é através dele que marca sua presença, é através dele que constrói e se apropria do espaço e do mundo no plano do; no modo como usa o espaço e emprega o tempo da vida cotidiana (CARLOS, 2017, p. 30)

Diante desta dinâmica, cabe-nos compreender a produção e reprodução do espaço pelas práticas sociais cotidianas, ou seja, das práticas espaciais desses sujeitos – os estudantes da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, em Três Lagoas, que vivenciam a e na cidade, capazes de produzir o urbano de forma material e imaterial, e formar territorialidades criando, assim, espaços de significação única para eles. Assim, através de sua vivência os jovens mostram-se mais do que objetos de observação, mas pessoas em relação com aquele que observa (DAYRELL, 2003), a realidade imbrica-se aqui também com a vida da pesquisadora.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O espaço urbano é meio, condição e produto das relações espaciais dos grupos sociais que não apenas estão, mas produzem e são seus próprios espaços. Compreendemos que a melhor forma de investigação (no âmbito de nossos objetivos de pesquisa) combinada aos levantamentos bibliográficos necessários foi a partir dos caminhos metodológicos da pesquisa qualitativa, o que nos possibilitou a análise a partir do diálogo entre a prática e a teoria, de forma a expor a importância do tema de pesquisa, principalmente no que condiz a atuação dos estudantes no espaço da cidade, e acima disso como o espaço da cidade atua e ou interfere em suas práticas de socialidade.

Devido a interrupção dos trabalhos de campo no início de 2020, por conta da pandemia global do COVID-19, a qual mudou a forma de interação da sociedade, buscamos adaptar nossa pesquisa, ao realizar entrevistas de forma online por meio da plataforma do Google Meet, em que buscamos recorrer a memória (recente) dos estudantes no que condiz a vida cotidiana na universidade e em Três Lagoas. Através das falas dos estudantes entrevistados, verificamos a importância das relações sociais constituídas dentro da UFMS e que vão além das salas de aula. A rede de apoio e de formação de amizades entre os estudantes diariamente nos mostrou que se reconhecer em grupo, no qual os seus semelhantes passam pelos mesmos dilemas e vivências são a busca do sujeito por motivação, o “se ver entre os outros” é significativo para o crescimento daquele que começa a construir uma vida longe dos pais e da família, ao se preparar para a vida adulta, encarregado de buscar uma carreira dentro da vida acadêmica. A força do “eu no nós” acaba por desvanecer (relativamente) durante o período da pandemia, em um momento onde o mundo passa por um período de incertezas e os laços de amizade e solidariedade que ocorriam diariamente “no chão da universidade” são rompidos e ou passam a ser desenhados em outros formatos – como o modo online, quando ocorrem.

No viver/fazer a pesquisa, identificamos que são nas práticas da vida cotidiana dos estudantes que fixam moradia em Três Lagoas, adaptam-se e constituem novas lógicas no espaço vivido e, a partir das relações sociais constituídas neste espaço urbano que estes sujeitos são capazes de formar microterritorialidades a partir de suas apropriações. Com a entrada no meio universitário, uma das primeiras ligações que o estudante tem com a cidade é a partir inserção em algum grupo (ou grupos), criam

identidades e a afirmação de seu poder, ao assumir um controle territorial a partir de presenças e posturas no espaço urbano, de usos públicos. Dentro dessa lógica, constituem-se as microterritorialidades urbanas, marcadamente dos estudantes.

Observamos que a possibilidade de territorialização dos sujeitos é realizada principalmente a partir de práticas de lazer, como festas universitárias organizadas por Associações Atléticas e/ou cursos do Campus de Três Lagoas e o encontro em bares, em que se estabelece um consenso do qual será o frequentado pelos estudantes. Nestes locais e pela cidade, verificamos a representação visual dos sujeitos a partir de objetos e símbolos como camisas, gorros e produtos comercializados pelas Atléticas e cursos de graduação.

Ao dialogar com as condições de apropriação dos espaços de Três Lagoas e verificar que a falta de acesso por meio de transporte coletivo é um condicionante essencial para o “viver a cidade”, compreendemos que um dos principais meios de transporte dos estudantes é a bicicleta, meio de locomoção bastante usado entre os habitantes da cidade. Dada situação, vemos que as dificuldades de locomoção não são exclusivas dos estudantes e mostra-se como uma problemática maior e que interfere na vida dos demais cidadãos – este parece ser um problema perpetuado na cidade e pior, naturalizado por grande parte da população.

É possível relacionar que as centralidades são constituídas como forma de abarcar os demais sujeitos para atender suas necessidades e a possibilidade de apropriação do espaço urbano, tendo em vista as dificuldades de acessibilidade a demais pontos de Três Lagoas, fazendo-se possível perceber que os estudantes vindos de outras localidades, preferem se instalar próximos à UFMS e consumir nos comércios próximos aos seus lugares de moradia.

Consideramos que compreender o modo de vida e as formas de apropriação espacial dos estudantes universitários em suas pluralidades, pode ajudar inclusive na elaboração de políticas estudantis e de políticas públicas urbanas voltadas aos estudantes. A partir de estudos levantados pela universidade, em parceria com o poder público, de forma a melhorar a mobilidade urbana e por conseguinte a qualidade de vida na cidade desses estudantes que se instalam em Três Lagoas, sendo estes sujeitos sociais ativos na produção do espaço urbano, na escala da vivência cotidiana, que é sempre espacial e social.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABDALLA, Carla Caires. **Rolezinho pelo funk ostentação**: um retrato da identidade do jovem da periferia paulistana. 2014. Dissertação (Mestrado) – Fundação Getúlio Vargas – FGV, São Paulo, 2014.

ARANHA-SILVA, Edima; PRUDÊNCIO DA SILVA, Marcos Henrique. Industrialização e dinâmica territorial: novo construto social e multiescalar em Três Lagoas-MS. In: **XVI Encontro Nacional dos Geógrafos**, 2010, Porto Alegre. Anais XVI ENG. Porto Alegre: AGB, 2010. p. 1-12.

ASSOCIAÇÃO ATLÉTICA ACADÊMICA DE ENGENHARIA DE PRODUÇÃO - A.A.A. XXV DE MARÇO. Disponível em: <<https://www.instagram.com/predadora.atletica/>>. Acesso em: set. 2020.

ASSOCIAÇÃO ATLÉTICA ACADÊMICA DE SISTEMAS DE INFORMAÇÃO - A.A.A.S.I. Disponível em: <https://www.instagram.com/aaasi_cptl/>. Acesso em: set. 2020.

ATLAS DO DESENVOLVIMENTO HUMANO NO BRASIL. **Três Lagoas**. Disponível em: < https://www.atlasbrasil.org.br/2013/pt/perfil_m/157#caracterizacao>. Acesso em jan. 2019.

Atlética de Direito UFMS – Maníaca. Disponível em: <<https://www.facebook.com/atleticadedireitoufms/>>. Acesso em maio 2021.

CAMPOS, Larissa dos Santos. **A relação entre os estudantes da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul e a configuração da rede urbana em Três Lagoas – MS**. 2018. 68 f. Monografia (Licenciatura em Geografia). Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Três Lagoas, 2018.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. Da “organização” à “produção” do espaço no movimento do pensamento geográfico. In: CARLOS, Ana Fani Alessandri; SOUZA, Marcelo Lopes de; SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão. (Org.). **A produção do espaço urbano**: agentes e processos, escalas e desafios. 1. ed. 6ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2018. p.51-73.

_____. Diferenciação socioespacial. In: **Cidades**, Presidente Prudente, UNESP, v.4, n.6, p.45-60. 2007.

_____. **Espaço-tempo da vida cotidiana na metrópole**. 2ª edição revisada. São Paulo: Labur Edições, 2017. 317p.

_____. **O Espaço Urbano. Novos escritos sobre a cidade**. 1. ed. São Paulo: Contexto, 2004. v. 1. 154p.

_____. O poder do corpo no espaço público: o urbano como privação e o direito à cidade. **GEOUSP Espaço e Tempo** (Online), v. 18, n. 3, p. 472-486, 2014.

COLOGNESE, Silvio Antonio; MÉLO, José Luiz Bica de. A técnica de entrevista na pesquisa social. **Cadernos de Sociologia**, Porto Alegre, v. 9, p.

_____. **O espaço urbano**. São Paulo: Ática, 1989. 94p.

CORREIO DO ESTADO. Com 100 anos, Três Lagoas já foi considerada a cidade das bicicletas. Três Lagoas - MS, 15/06/2015. Disponível em: <<https://correiodoestado.com.br/cidades/com-100-anos-tres-lagoas-ja-foi-considerada-a-cidade-das-bicicletas/249637>>. Acesso em: abr.2021.

COSTA, Benhur Pinós; BERNARDES, Antônio. Microterritorializações homoafetivas na cidade de Presidente Prudente-SP: o lazer noturno e as relações de interface. **Cidades**, Presidente Prudente, UNESP, v. 10, p. 30-60, 2013.

COUTRIM, Rosa Maria Exaltação.; CARIOCA, Emerson.; Dulci, Filipe Dias. Jovens universitários: Sociabilidades e angústias. In: **XIV CONGRESSO BRASILEIRO DE SOCIOLOGIA**, 2009, Rio de Janeiro. GT10 - Gerações na Contemporaneidade. Rio de Janeiro, 2009.

DAYRELL, Juarez. O jovem como sujeito social. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, v. 5/6, n.24, p. 40-52, 2003.

DIAS, Fernando César. **Instituições em rede**: o ensino técnico e superior na configuração territorial do estado de Mato Grosso do Sul. 2016. 135 f. Dissertação (Mestrado em Geografia). Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, 2016.

FEIXA, Carles. **De joves, bandas y tribus**. Barcelona: Ariel, 1998, 284p.

HAESBAERT, Rogério. Dilema de Conceitos: Espaço-Território e Contenção Territorial. In: Saquet, Marcos Aurélio; Sposito, Eliseu Savério. (Org.). **Territórios e Territorialidades**: teorias, processos e conflitos. 1. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2009, v., p. 95-120.

_____. **O Mito da Desterritorialização**: do “fim dos territórios” à multiterritorialidade. 8. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2014. 396p.

_____. Território e Multiterritorialidade: um debate. **GEOgraphia** (UFF), v. 17, p. 19-45, 2007.

HEIDRICH, Álvaro Luiz. Espaço e multiterritorialidade entre territórios: reflexões sobre a abordagem territorial. In: PEREIRA, Sílvia Regina.; COSTA, Benhur Pinós.; SOUZA, Edson Belo Clemente de. (Org.). **Teorias e práticas territoriais**: análises espaço-temporais. 1. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2010, v. 1, p. 25-35.

HONNETH, Axel. O eu no nós: reconhecimento como força motriz de grupos. **Sociologias**, Porto Alegre, ano 15, nº 33, p. 56-80, 2013.

HONÓRIO, Leticia de Melo. **A produção do espaço em uma cidade universitária**: o caso de Viçosa, MG. 2012. 130 f. Dissertação (Mestrado em Geografia). Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2012.

IBGE. **Cidades, Três Lagoas – MS.** Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ms/tres-lagoas/panorama>>.

LEFEBVRE, Henri. **A revolução urbana.** Trad. Sergio Martins. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2004. 178p.

LIMA, Matheus Guimarães. **Espaços de lazer e territórios juvenis em Três Lagoas/MS.** 2018. 223 f. Dissertação (Mestrado em Geografia). Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Três Lagoas, 2018.

LOBODA, Carlos Roberto. Espaço público e práticas socioespaciais: uma articulação necessária para análise dos diferentes usos da cidade. **Caderno Prudentino de Geografia**, v. 1, p. 32-54, 2009.

MARTINS, Carlos Henrique dos Santos; CARRANO, Paulo Cesar Rodrigues. A escola diante das culturas juvenis: reconhecer para dialogar. **Educação** (UFMS), v. 36, p. 23-56, 2011.

MILANI, Patrícia Helena. **Dinâmica territorial da rede urbana na mesorregião leste de Mato Grosso do Sul.** 2012. 141 f. Dissertação (Mestrado em Geografia). Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Três Lagoas, 2012.

_____. **A produção da diferenciação socioespacial em Catanduva e São José do Rio Preto-SP:** uma análise a partir do cotidiano de moradores de espaços residenciais fechados. 2016. 252 f. Tese (Doutorado em Geografia). Faculdade de Ciências e Tecnologia, Universidade Estadual Paulista, Presidente Prudente, 2016.

_____. **Urbanização e segregação socioespacial:** escalas, formas e conteúdos. Projeto de Pesquisa (MCTIC/CNPQ), 23p. 2018.

MORAES, Antonio Carlos Robert; COSTA, Wanderley Messias da. **Geografia Crítica:** a valorização do espaço. 2ª. ed. São Paulo: Hucitec, 1987. v. 1. 200p.

NA FÁBRICA ENTRETENIMENTO. Disponível em: <<https://www.facebook.com/entrenafabrica/>>. Acesso em: out. 2020.

ORFANATO TL. Disponível em: <<https://www.instagram.com/orfanatotl/>>. Acesso em: set.2020.

QUEIROZ, Vitor Moreira. **Mobilidade Urbana:** A eficiência do transporte público coletivo aos acadêmicos da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, campus Três Lagoas. 2020. 81 f. Monografia (Licenciatura em Geografia). Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Três Lagoas, 2020.

QUARESMA, Sílvia Jurema; BONI, Valdete. Aprendendo a entrevistar: como fazer entrevistas em Ciências Sociais. **Em Tese** (Florianópolis), Florianópolis, v. 3, p. 68-80, 2005.

RAMOS, Élviz Christian Madureira. **Tudo junto e misturado, rolês e fluxos dos jovens da periferia**: capital espacial construído por redes juvenis no campo da diversão e geometrias de poder na cidade. 2017. 477 f. Tese (Doutorado em Geografia). Faculdade de Ciências e Tecnologia, Universidade Estadual Paulista, Presidente Prudente, 2017.

SANTOS, Milton. **A Natureza do Espaço**: técnica e tempo, razão e emoção. 4. ed. 7reimp. São Paulo: EdUSP, 2008. 392p.

SANTOS, Rosselvet José. Pesquisa Empírica e Trabalho de Campo: algumas questões acerca do conhecimento geográfico. **Sociedade & Natureza**, Uberlândia/MG, v.11, n. 21/22, p. 111-125, 1999.

_____. **Por uma geografia das territorialidades e das temporalidades**: uma concepção multidimensional voltada para a cooperação e para o desenvolvimento territorial. 1. ed. São Paulo: Outras Expressões, 2011. v. 1000. 128p.

SETTON, Maria da Graça Jacintho. A socialização como fato social total: notas introdutórias sobre a teoria do habitus. **Revista Brasileira de Educação**, v. 14, p. 296-307, 2009.

SENHORAS, Eloí Martins. Coronavírus e Educação: análise dos impactos assimétricos. **Boletim de Conjuntura (BOCA)**, vol. 2, n. 5, 2020.

SOUZA, Eder Cláudio Malta. **Identidades e Práticas Culturais Juvenis**: as Repúblicas Estudantis de Ouro Preto. 2010. 155 f. Dissertação (Mestrado em Sociologia). Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2010.

SOUZA, Jaiane da Silva. **As centralidades de Três Lagoas – MS**: área central e eixos comerciais. 2019. 138 f. Dissertação (Mestrado em Geografia). Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Três Lagoas, 2019.

SOUZA, Marcelo Lopes de. Da “diferenciação de áreas” à “diferenciação socioespacial”: a “visão (apenas) de sobrevôo” como uma tradição epistemológica e metodológica limitante. **Cidades**, Presidente Prudente, v.4, n. 6, p. 101 -114, 2007.

_____. **Os conceitos fundamentais da pesquisa sócio-espacial**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2018. 320p.

_____. Território: sobre espaço e poder, autonomia e desenvolvimento. In: CASTRO, Iná Elias de; GOMES, Paulo César da Costa; CORRÊA, Roberto Lobato. (orgs). **Geografia**: conceitos e temas. 17. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2017. p.77-116.

SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão. A produção do espaço urbano: escalas, diferenças e desigualdades socioespaciais. In: CARLOS, Ana Fani Alessandri; SOUZA, Marcelo Lopes de; SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão. (Org.). **A produção do espaço urbano**: agentes e processos, escalas e desafios. 1. ed. 6ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2018. p.123-145.

SPOTTED UFMS CPTL. Disponível em:
<<https://www.facebook.com/spottedufmscptl/>>. Acesso em: set. 2020.

TURRA NETO, Nécio. Espaço e Lugar no Debate sobre Território. **Geograficidade**, v. 5, p. 52, 2015.

_____. Metodologias de Pesquisa para o Estudo Geográfico da Sociabilidade Juvenil. **RA'E GA: o Espaço Geográfico em Análise**, v. 23, p. 340-375, 2011.

_____. Microterritorialidades nas cidades: uma introdução a temática. In: Revista Cidades, Presidente Prudente, UNESP, v.10, n.17, p. 07-17. 2013.

_____. Pesquisa qualitativa em Geografia. In: XVII Encontro Nacional de Geógrafos - XVII ENG, 2012, Belo Horizonte. **Anais do XVII Encontro Nacional de Geógrafos: entre escalas, poderes, ações, geografias**, 2012.

UFMS – Campus de Três Lagoas. Disponível em:
<<https://www.facebook.com/CPTLUFMS>>. Acesso em: fev. 2021.

UFMS. **Plano de Desenvolvimento Institucional 2020-2024**. 2020a. Disponível em:
<<https://pdi.ufms.br/pdi-2020-2024-publicado/plano-de-desenvolvimento-institucional-2020-2024-ufms/>>.

UFMS. **Plano de Desenvolvimento da Unidade 2018-2021**. 2018. Disponível em:
<<https://cptl.ufms.br/plano-de-desenvolvimento-da-unidade/>>

UFMS. **Música une calouros, veteranos, servidores e comunidade nos câmpus**. 2020b. Disponível em: <<https://www.ufms.br/musica-integra-veteranos-calouros-servidores-e-comunidade-dos-campus/>>.

WINKIN, Yves. Descer ao campo. In:_____. **A nova comunicação: da teoria ao trabalho de campo**. Campinas: Papius, 1998. p. 129-145.

ANEXOS

ANEXO A – Roteiro de entrevista com os estudantes advindos de outras cidades

Roteiro de entrevista de Dissertação – Programa de Pós-Graduação em Geografia – PPGGEO/CPTL

O PAPEL DOS ESTUDANTES DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL (UFMS) NA PRODUÇÃO TERRITORIAL DA CIDADE DE TRÊS LAGOAS - MS

Responsável: Larissa Campos

Data:

A) PERFIL:

- I. Nome:
- II. Idade:
- III. Curso:
- IV. Ano/Semestre:
- V. Ingresso via vestibular ou SiSU?
- VI. Cidade em que morava antes de ingressar na UFMS:
- VII. Onde mora? – Bairro; Casa ou apartamento; sozinho ou com mais pessoas.
- VIII. Qual é sua renda? – Recebe auxílio da universidade ou dos pais; possui algum emprego.

B) MOTIVAÇÃO

- I. Por que escolheu a UFMS? – *Motivo atraente que o fez escolher a universidade*
- II. Volta com frequência para sua cidade de origem? – Se não, por quê?
- III. *O que te motivou a vir morar na cidade de Três Lagoas? – Caso more em cidades próximas*

C) O COTIDIANO E A UFMS

- I. Como costuma ser a sua rotina diária? – *Ligação com as atividades no dia-a-dia na universidade*

- II. Qual é seu principal meio de locomoção? – *Carro, moto, bicicleta, a pé, transporte público, aplicativos...*
- III. O que você acha sobre a locomoção na cidade? – *Sobre os meios, vias, se é de fácil acesso ou não.*
- IV. Frequenta a UFMS em outros horários, além do período de aulas?
- V. O que acha da universidade como um todo? – *Estrutura, informações, acesso aos programas, atividades extracurriculares*
- VI. *Caso receba algum tipo de auxílio ou bolsa, você acredita que são suficientes para se manter na universidade?*

D) ATIVIDADES NO TEMPO LIVRE (lazer)

- I. O que acha da cidade? Gosta de morar em Três Lagoas?
- II. Que tipo de atividades costuma fazer nas horas vagas e onde elas ocorrem?
- III. O que pensa sobre as opções de lazer disponíveis na cidade?
- IV. Costuma ter atividades relacionadas ao meio universitário?
- V. *É associado à alguma atlética? Costuma participar de algum evento universitário? – Se costuma participar de eventos*

E) COMÉRCIO E MORADIA

- I. O que acha do lugar onde mora? - *Em relação à vizinhança, infraestrutura, localidade, valor do aluguel, serviços prestados (internet, água, energia)*
- II. Costuma ir ao centro comercial?
- III. Onde prefere consumir? Em supermercados, grandes lojas ou comércio próximos a sua casa?
- IV. O que acha das opções comerciais que a cidade possui, em relação aos preços
- V. Já foi em outra cidade para comprar algo ou frequentar algum estabelecimento em específico? – *Pensar no caso do shopping*

ANEXO B – Quadro de informações sobre o número de estudantes residentes por bairro em Três Lagoas – MS (2019)

BAIRROS	QUANT. DE ESTUDANTES
1-Alto da Boa Vista	4
2-Angélica	24
3-Assentamento Paulistinha	1
4-Bela Vista	4
5-Bosque Araras	1
6-Centro	83
7-Chacara Eldorado	4
8-Cinturão Verde	1
9-Cohab Hortências	2
10-Cohab JK	7
11-Colinos	12
12-Distrito de Arapuá	1
13-Distrito Jupιά	2
14-Estoril	3
15-Interlagos	35
16-Ipacaraí	5
17-Ipê III	4
18-Jardim Aeroporto	1
19-Jardim Alvorada	200
20-Jardim América	7
21-Jardim Atenas	4
22-Jardim Brasília	2
23-Jardim Caçula	3
24-Jardim Cangalha	44
25-Jardim Capile	4
26-Jardim Carandá	11
27-Jardim Carioca	9
28-Jardim das Acácias	5
29-Jardim das Oliveiras	19
30-Jardim das Violetas	12
31-Jardim dos Ipês	15
32-Jardim Dourados	12
33-Jardim Flamboyant	11
34-Jardim Glória	3
35-Jardim Guaiporé	5
36-Jardim Itamaraty	1
37-Jardim Maristela	7
38-Jardim Moçambique	3
39-Jardim Nova Alvorada	5
40-Jardim Nova Americana	7
41-Jardim Novo Aeroporto	17
42-Jardim Oiti	6
43-Jardim Paineiras	12
44-Jardim Planalto	2
45-Jardim Primavera	1
46-Jardim Primavera	24
47-Jardim Progresso	18
48-Jardim Rodrigues	1

BAIRROS	QUANT. DE ESTUDANTES
49-Jardim Roriz	3
50-Jardim Samambaia II	1
51-Jardim Santa Júlia	26
52-Jardim Santo André	13
53-Lapa	9
54-Mais Parque	2
55-Mirassol	1
56-Montanini	1
57-Morumbi	1
58-Nossa Senhora Aparecida	11
59-Nossa Senhora das Graças	16
60-Nova Europa	5
61-Nova Três Lagoas	1
62-Nova Três Lagoas II	10
63-Novo Ipanema	3
64-Novo Oeste	10
65-Novo Oeste II	8
66-Oreste Prata Tibery	8
67-Paranapungá	2
68-Parque das Mangueiras	31
69-Quinta da Lagoa	4
70- Recanto das Palmeiras	3
71- Residencial Ferreira Dutra	1
72-Residêncial Jamel Ville II	14
73-Santa Aurélio	1
74-Santa Lourdes	3
75-Santa Luzia	11
76-Santa Rita	25
77-Santa Terezinha	9
78-Santos Dumont	45
79-Santos Dumont II	1
80-São Carlos	13
81-São João	5
82-São Jorge	20
83-Set Sul	28
84-Vendrel	1
85-Vila Alegre	15
86-Vila Dos Ferroviários	10
87-Vila Guanabara	8
88-Vila Haro	2
89-Vila Maria	3
90-Vila Nova	41
91-Vila Piloto	41
92-Vila Popular	1
93-Vila Terezinha	7
94-Vila Verde	2
TOTAL	1144

